

**ANA ROSA DO CARMO SANA**

***GETÚLIO*: A FICÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA A COMPREENSÃO  
DO HOMEM E DE SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO**

CURITIBA  
2013

**ANA ROSA DO CARMO SANA**

**GETÚLIO: A FICÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA A COMPREENSÃO  
DO HOMEM E DE SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do Grau de Mestre ao Curso de mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade-UNIANDRADE.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Mail Marques de Azevedo.

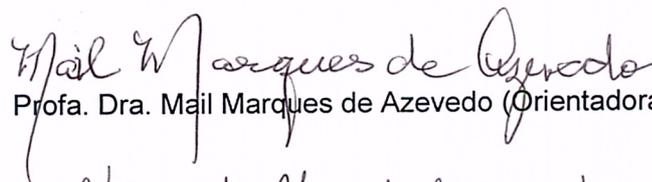
CURITIBA  
2013

## TERMO DE APROVAÇÃO

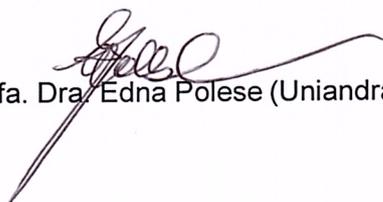
ANA ROSA DO CARMO SANA

### **GETÚLIO: A FICÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA A COMPREENSÃO DO HOMEM E DE SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:

  
Profa. Dra. Mail Marques de Azevedo (Orientadora - Uniandrade)

  
Profa. Dra. Naira Almeida Nascimento (UTFPR)

  
Profa. Dra. Edna Polese (Uniandrade)



Curitiba, 17 de dezembro de 2013.

Dedico este trabalho ao meu esposo que tão compreensivo e paciente contribuiu para a realização deste sonho.

Ana Caroline e Jacqueline minhas adoradas filhas que pacientemente compreenderam minha ausência.

Aos meus netos Abner e Abiel que me inspiram todos os dias a ser uma pessoa melhor, mais persistente e motivada na busca de objetivos.

## AGRADECIMENTOS

Esta é, certamente, a parte mais esperada e emocionante de uma dissertação, pois nos traz não só a sensação de dever cumprido e sonho concretizado como também nos traz à memória um filme de tudo o que foi vivido ao longo desse tempo. Agradeço primeiramente a Deus, porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. Foi muito difícil todo o processo de produção desse trabalho, assim como a chegada até este ponto, as barreiras, obstáculos, decepções e palavras de desânimo fizeram parte da trajetória e se não fosse Deus me ajudando a todo instante não teria chegado aqui. Foi a fé Nele que me deu força para não desistir, para ter esperança quando tudo parecia perdido, continuar persistindo e lutar muito nessa empreitada.

Agradeço, também, com muito carinho e respeito à minha ilustríssima orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Mail Marques de Azevedo, que durante este ano de pesquisa acadêmica nunca me deixou sem um norte. Certamente foi ela, o meu porto seguro, sempre me motivando e fazendo parte desse sonho que inicialmente estava sem rumo. Com sua experiência foi dando forma às minhas ideias, transformando em uma pesquisa coerente. Com ela aprendi muito. Foram muitas tardes de trabalho intenso permeado por brincadeiras e sorrisos resultando em uma amizade que para mim tem um valor inenarrável. A ela minha eterna admiração.

Meu agradecimento especial ao Professor e escritor, Juremir Machado da Silva, autor do romance *Getúlio*, por sua atenção e rapidez em responder aos meus e-mails.

Minha gratidão aos professores do Programa de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos Andrade – UNIANDRADE. Em especial às professoras Dr<sup>a</sup> Sigrid Renaux e Dr<sup>a</sup> Edna Polese, que muito me incentivaram neste trabalho e a todos os professores que de uma forma ou de outra contribuíram com meu aprendizado.

Meu agradecimento vai também para minhas amigas de caminhada, Anita Fregonesi e Edilene Weffort, que apesar de estarem longe, motivaram minha chegada até aqui, acreditando na minha competência e capacidade de vencer as barreiras.

Agradeço principalmente às queridas amigas Ângela Souza, Syonara Fernandes e Márcia Lima, não só pela torcida nesse momento do mestrado, mas a partilha de conhecimentos e celebrações.

*Hino a Getúlio Vargas*

*Getúlio Vargas  
Tu vais na História ficar  
Deixaste os braços do povo  
Para subir ao altar  
Getúlio Vargas  
Teu vulto audaz e varonil  
Há de ficar para sempre  
No coração do Brasil.*

João de Barro - setembro de 1958.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	viii
RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	X
INTRODUÇÃO.....	01
<b>1 GETÚLIO: UM ROMANCE BIOGRÁFICO.....</b>	<b>08</b>
1.1 PHILIPPE LEJEUNE: BIOGRAFIA .....	09
1.2 MIKHAIL BAKHTIN: ROMANCE BIOGRÁFICO.....	13
<b>2 A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DO HOMEM.....</b>	<b>19</b>
2.1 BADARACCO: UMA QUESTÃO DE CARÁTER.....	25
2.2 VISÕES DO LÍDER NA LITERATURA .....	30
<b>3 GETÚLIO VARGAS: SUJEITO DA HISTÓRIA E PERSONAGEM FICCIONAL.....</b>	<b>42</b>
3.1 O SUJEITO DA HISTÓRIA.....	46
<b>3.1.1 <i>Getúlio Vargas, meu pai</i>.....</b>	<b>48</b>
<b>3.1.2 <i>A esfinge dos pampas</i>.....</b>	<b>55</b>
<b>3.1.3 <i>O pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas</i>.....</b>	<b>61</b>
<b>3.1.4 Plano Cohen.....</b>	<b>67</b>
3.2 PERSONAGEM FICCIONAL.....	70
<b>3.2.1 Cronotopo e destinos políticos.....</b>	<b>87</b>
<b>3.2.2 Getúlio Vargas: o homem de carne e osso.....</b>	<b>106</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	118
ANEXOS.....	122

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema representativo do empreendimento biográfico.....	10
Figura 2 – Getúlio Vargas e revolucionários passando pelo Paraná rumo ao Rio, na Revolução de 1930.....	93
Figura 3 – Getúlio Vargas falando à nação, do Palácio do Catete, por ocasião da instauração do Estado Novo.....	100
Figura 4 – Um dos bustos de Getúlio Vargas retirados das ruas após a queda do Estado Novo (outubro de 1945).....	102
Figura 5 – Posse de Getúlio Vargas na Presidência da República (31 de janeiro de 1951).....	103

## RESUMO

Este trabalho analisa o romance biográfico *Getúlio* (2004), de Juremir Machado da Silva, cuja ação se desenrola nas horas que precedem o suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954. Para estudo do romance biográfico como forma híbrida, em que se alinham biografia e ficção, utilizam-se: a conceituação de Philippe Lejeune sobre o caráter referencial da biografia, baseada em modelo extratextual; os ensaios de Mikhail Bakhtin sobre a tipologia histórica do gênero e as considerações de Luiz Costa Lima sobre história, ficção e literatura. Em que pesem os diferentes julgamentos da história sobre o homem Getúlio Vargas – líder político carismático ou ditador cruel – objetiva-se com essa análise traçar um perfil da personalidade complexa do personagem ficcional, criado pelo romancista, a fim de ter uma visão de seus traços de caráter, bem como dos sentimentos e motivações do líder em situações de crise. Considerando o valor da literatura como instrumento para a compreensão do homem e das suas relações com o mundo, pretende-se utilizar, posteriormente, a análise crítica do texto como objeto de reflexão na formação de líderes. Faz-se, inicialmente, levantamento da visão do romancista sobre Getúlio Vargas, o homem histórico transformado em personagem ficcional, e da fortuna crítica do autor. A análise está estruturada no conceito bakhtiniano de cronotopo, para evidenciar as diferentes fases da trajetória política do personagem. Para contrapor o personagem ficcional ao modelo referencial, nos cronotopos selecionados, utilizam-se obras biográficas convencionais escritas por Alzira Vargas, Richard Bourne, Robert Levine, André Carrazoni e Lira Neto, além dos diários de Getúlio Vargas, 1937-1942.

**Palavras-chave:** *Getúlio*. Romance biográfico. Lejeune. Bakhtin.

## ABSTRACT

This thesis analyzes Juremir Machado da Silva's biographical novel *Getúlio* (2004), whose action develops in the few hours that antecede the suicide of President Getúlio Vargas, on August 24th 1954. The study of the biographical novel as a hybrid of fiction and biography is based on theories and concepts of three authors: Philippe Lejeune's concept of the referential character of biography in its subordination to an exterior model; Mikhail Bakhtin's essays on the historical typology of the novel, and Luiz Costa Lima's considerations about history, fiction, and literature. In spite of history's contradictory judgment of the man Getúlio Vargas — a charismatic political leader, or a ruthless tyrant — this work aims to draw an outline of the protagonist's complex personality as created by the novelist-biographer, in order to have a view of the main features of his character, and to fathom the motivation and emotions of the leader in situations of crisis. Considering the value of literature as instrumental for the understanding of man and his relationship with the world, the subsequent use of the critical analysis of the novel will follow as an object of reflection in leadership courses. After an initial examination of Juremir Silva's view of Getúlio Vargas as a historical figure, and of the author's appraisal by critics, the study of the fictional protagonist ensues. The structure of the analysis is based on the bakhtinian concept of *cronotope* — the combination of space and time — in order to put into relief the different phases of the protagonist's political career. Parallels between the protagonist and the referential model, Getúlio Vargas, will be drawn from biographies written by Alzira Vargas, Richard Bourne, André Carrazzoni, and Lira Neto, and from President Vargas' diaries, in the period 1937-1942.

**Keywords:** *Getúlio*. Biographical novel. Lejeune. Bakhtin.

## INTRODUÇÃO

*“Limpo o pó de minhas sandálias e atiro pra trás”.*

Getúlio Vargas

A epígrafe do romance *Getúlio* (2004), de Juremir Machado da Silva, reproduz palavras de Getúlio Vargas no encerramento da campanha à Presidência da República, em 1950. Os textos de Mateus (10, 5-14), Marcos (6,7-15) e Lucas (9, 1-6), sobre o envio dos discípulos de Jesus para pregar a mensagem do Reino de Deus, relatam a recomendação do Mestre: “Onde ninguém vos receber, deixai aquela cidade e em testemunho contra eles sacudi a poeira de vossos pés”. O texto bíblico carrega o significado de repúdio àqueles que não acolhem a palavra divina. A versão enfática que Getúlio lhe imprime — limpar o pó das sandálias **e atirá-las para trás** — certamente pretende indicar, no contexto da volta ao poder, que o passado ficara definitivamente esquecido. A ideia de repúdio, porém, é inerente ao texto dos evangelistas e funciona como prolepse do que vai acontecer: o repúdio a Vargas na cena política e a crise subsequente que o levaria ao suicídio.

A ação do romance *Getúlio* desenrola-se nas últimas horas do dia 23 até a consumação do ato final, às oito horas e trinta e cinco minutos da manhã de 24 de agosto de 1954, quatro anos apenas depois das palavras proféticas de Getúlio. Da perspectiva do protagonista, principalmente, e de personagens secundários de maior relevância, a narrativa constrói o perfil do personagem Getúlio, mediante a reconstituição de episódios marcantes de sua trajetória política.

Já o romance *Agosto* (1990), de Rubem Fonseca, focaliza particularmente os acontecimentos cruciais daqueles vinte e quatro dias de agosto de 1954, cuja origem pode ser rastreada, de modo mais ou menos evidente, à figura de Getúlio

Vargas. Evidentemente fruto de minuciosa pesquisa histórica, o interesse da trama, no entanto, se afasta do factual para acompanhar os passos do delegado de polícia que persegue obsessivamente o culpado pelo assassinato de um milionário, crime que pode estar associado ao notório atentado contra Carlos Lacerda.

Os dois romances, porém tecem com maestria a fusão entre ficção e fato histórico e ilustram a tendência recorrente, em especial a partir do último quartel do século XX, de tomar como personagens sujeitos da história recente. *Getúlio*, particularmente, traça uma biografia romanceada de Getúlio Vargas, o que lhe permite a inclusão no subgênero **romance biográfico**. David Lodge, procurando explicar o porquê da atração do romance biográfico sobre escritores e leitores, atribui a proliferação recente do gênero a um possível declínio da confiança no poder da narrativa puramente ficcional, em uma cultura em que somos bombardeados de todas as direções com narrativas factuais, em forma de “notícias” (LODGE, 2006, p. 321).

Em nosso caso específico, o que nos motivou à pesquisa do romance biográfico *Getúlio*, o relato de vida de uma figura histórica, foram os subsídios para nosso trabalho como professora da disciplina Liderança, no Curso de Ciências da Administração. O estudo da literatura, no Curso de Mestrado em Teoria Literária, despertou-nos para a importância da arte literária na construção do autoconhecimento, da concepção que o ser humano tem do mundo e da sua relação com o mundo, expressa em termos objetivos por Vitor Manuel de Aguiar e Silva:

Através dos tempos a literatura tem sido o mais fecundo instrumento de compreensão do homem e das suas relações com o mundo. Sófocles, Shakespeare, Cervantes, Rousseau, Dostoiévski, Kafka, etc. representam novos

modos de compreender o homem e a vida e revelam verdades humanas que antes deles se desconheciam ou eram apenas pressentidas. (1979, p. 110)

Além disso, conforme aponta Bakhtin, a função prática da pesquisa no campo da literatura é a de estreitar seu vínculo com a história por ser parte inalienável da cultura, sendo, portanto, impossível compreendê-la fora de um contexto global da cultura numa dada época (BAKHTIN, 1997, p. 362).

Assim, estruturamos esta pesquisa a partir da premissa da importância da literatura para a compreensão dos homens e do mundo, buscando encontrar no estudo de textos, tanto ficcionais, como históricos, biográficos, autobiográficos e ensaísticos, caminhos para o desenvolvimento do indivíduo.

*Getúlio* é uma obra intrigante, uma biografia romanceada de um líder político, que relata instintos e talentos, anseios e ambições, medos e conflitos do presidente Getúlio Vargas, alinhando ficção e realidade. O autor escreve as 434 páginas do romance com base em pesquisas extensivas em arquivos oficiais e particulares, de empresas, jornais e periódicos; na literatura histórica e de ficção sobre a Era Vargas; e em entrevistas com pessoas que testemunharam os episódios de agosto de 1954. No cinquentenário de sua morte, Getúlio Vargas ganha uma biografia romanceada que expõe as contradições do homem frio e calculista, o governante obcecado, para quem os fins justificam os meios, em contraste com o homem de carne e osso. O maior mérito da obra de Juremir Machado da Silva está em justamente ir além da história propriamente dita e construir um retrato minucioso de Getúlio na intimidade e, principalmente, na solidão do poder.

O romance, cuja ação tem início nos dias que antecedem a morte do personagem, foi considerado, pela crítica especializada, o livro que mais se aproximou de entender o suicídio de Getúlio Vargas.

Sua figura de líder é paradoxal: originário da oligarquia dos senhores da terra, passou para a história como o “pai dos pobres”. Preocupado em tornar o Brasil um país independente e mais justo — segundo seus discursos políticos, testemunhos pessoais e de membros de sua equipe — tomou medidas que aboliam as liberdades individuais, dissolveu o Congresso e estabeleceu um regime de exceção.

Em consequência, sua avaliação é igualmente controversa. Para muitos sua liderança foi populista e carismática, mas, ao mesmo tempo, racional: as estratégias na tomada de decisões eram arquitetadas minuciosamente no intuito de tirar o país da era agrícola e trazê-lo para a era industrial. Getúlio teria sido um autêntico líder trabalhista, que conquistou para o operário o direito à carteira assinada, o fundo de garantia e férias remuneradas; implantou o salário mínimo, criou o Ministério do Trabalho e concedeu à mulher brasileira o direito ao voto. Em contraste, as críticas ao governante que sancionou torturas e prisões são igualmente apaixonadas, em especial no âmbito da intelectualidade brasileira que não lhe perdoa a perseguição sem causa a figuras exponenciais como Graciliano Ramos e Monteiro Lobato.

Ao transformar o sujeito histórico controverso, Getúlio Dorneles Vargas, em sujeito empírico do romance *Getúlio*, Juremir Machado da Silva tem a liberdade de elaborar personagens e situações de seu universo ficcional, isto é, de retrabalhar o material documental pesquisado. Decorre daí o objetivo maior deste trabalho, examinar a visão do romancista sobre figuras e acontecimentos históricos, revelada no processo de transformação da figura histórica em herói romanesco. Em última análise, ao atravessar os limites entre história e ficção. Nesse processo, o

romancista chega, inevitavelmente, a uma compreensão maior do homem – Getúlio – e de suas relações com o mundo. No caso específico desta pesquisa, a visão do romancista permite-nos observar a relação do personagem Getúlio com seus liderados, homens que, em conjunto, fizeram a história do Brasil, e a imagem do líder que emerge da leitura do texto.

Apesar do julgamento contraditório da história – líder político carismático ou ditador cruel – objetiva-se com essa análise traçar um perfil da personalidade complexa do personagem ficcional, criado pelo romancista, a fim de ter uma visão dos traços de caráter, bem como dos sentimentos e motivações do líder em situações de crise. Considerando o valor da literatura para a leitura e compreensão do mundo, em todos os tempos, acreditamos na utilização da análise dos sentimentos e motivações de um líder da história brasileira, examinado pela ótica do ficcionista, que tem a liberdade de penetrar o íntimo de suas criaturas, como objeto de reflexão na formação de líderes.

O caráter referencial das narrativas de vida – tanto da biografia como da autobiografia – aliado à poética do texto literário, levanta o problema da categorização de uma obra que combina realidade e imaginação. Luiz Costa Lima classifica tais obras como formas híbridas, “aquelas que, tendo uma primeira inscrição reconhecida, admitem, por seu tratamento específico da linguagem, uma inscrição literária” (LIMA, 2006, p. 352).

Para discutir o caráter híbrido de *Getúlio*, o primeiro capítulo deste estudo, intitulado “*Getúlio*: um romance biográfico,” aborda inicialmente a conceituação de Philippe Lejeune sobre o caráter referencial da biografia, bem como sobre a atitude do biógrafo em relação ao narrado. Examinam-se as relações entre o textual e o

extratextual, ou “modelo” referencial; entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado.

Os estudos diacrônicos de Mikhail Bakhtin sobre a tipologia do romance, em *Estética da criação verbal*, embasam a discussão do romance biográfico: o papel do herói, características da trama, o tempo biográfico e a visão exotópica do artista em relação ao objeto retratado.

O título “A literatura como instrumento de compreensão do homem” aponta para o conteúdo e a função do segundo capítulo: fornecer subsídios para testar a hipótese central deste trabalho. Embora estruturada em dois itens “Uma questão de caráter” e “Visões do líder na literatura”, a argumentação segue o mesmo caminho: demonstrar a relevância da literatura para revelar “a essência da liderança” (BADARACCO, 2007) com referências ao romance para ilustração. A essência da liderança reside no caráter do líder, que pode ser observado nas atitudes que assume diante de situações difíceis — tanto na história como na ficção. Conceitos de liderança e funções e características do líder têm respaldo na obra de alguns teóricos de relevância no campo: Araújo, Chiavenato, Knapik, Lacombe, Kouzes e, Maximiano. No item 2.1, discutem-se exemplos de liderança como questão de caráter em narrativas de ficção e, em decorrência, o valor da literatura como instrumento de motivação e reflexão.

O capítulo terceiro, o da análise propriamente dita, contrapõe Getúlio Vargas, o sujeito da história, ao Getúlio personagem do romance. Para levantamento da figura histórica, utilizam-se relatos biográficos escritos por Alzira do Amaral Peixoto, Richard Bourne e Robert Levine, complementados por referências a André Carrazzoni e Lira Neto.

A análise do Getúlio, personagem ficcional, segue os caminhos traçados pelo autor na construção de seu protagonista: o narrador onisciente que penetra nos pensamentos de Getúlio e acompanha seu movimento de oscilação entre o presente, o dia 24 de agosto de 1954, e passado. Passa igualmente pela consciência do personagem o exame lógico, claro e objetivo da crise política. A análise de suas reflexões, cheias de amargura e desilusão, põem o leitor a par da visão de amigos e inimigos, correligionários e detratores e o conduzem, paulatinamente, ao ponto máximo de tensão da trama, que explode, finalmente, no desenlace trágico.

Para acompanhamento dos destinos políticos do personagem, que emergem no texto em movimento pendular entre diferentes espaços físicos e marcadores temporais, faz-se um recorte dos diversos cronotopos do romance. Adapta-se o conceito bakhtiniano de cronotopo para designar a associação, no romance, da díade espaço-temporal à determinação do personagem de renunciar à vida, antes de admitir derrota. Os espaços variam entre Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, nas datas selecionadas no período de 1930 a 1954.

## 1 *GETÚLIO*: UM ROMANCE BIOGRÁFICO

*As formas híbridas, com sua dupla inscrição, parecem-me constituir o território mais extenso da literatura.*

Luiz Costa Lima

O termo biografia, do grego *biós*, vida, *graphia*, escrita, *gráphein*, escrever, “designa toda obra que narra na totalidade ou em parte, a vida de figuras ilustres”. Massaud Moisés esclarece, ainda, “quando se atém à verdade documental, a biografia somente interessa à Literatura se girar em torno de figuras literárias [...] Nos demais casos, inscreve-se nos quadrantes da Historiografia” (2004, p. 56). Para preencher lacunas nos fatos relatados, o biógrafo não raro se serve da imaginação, nas chamadas *biografias romanceadas*. O *romance biográfico* afasta-se ainda mais do caráter referencial da biografia e aproxima-se da ficção, a exemplo de *Getúlio*, o foco deste estudo, cujo autor estrutura os fatos que antecedem o suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, em forma de narrativa de memória nas vozes do protagonista e de personagens secundários de maior relevo.

Massaud Moisés destaca, ainda que, “estruturalmente, o romance caracteriza-se pela pluralidade da ação, pela coexistência de várias células dramáticas, conflitos ou dramas” (2004, p. 400). O romance permite ao escritor construir um projeto com multiformes experiências humanas.

David Lodge vê o romance biográfico como:

[...] aquele que toma uma forma pessoal e a sua história como substância para a exploração de caráter imaginativo, usando as técnicas do romance para representar a subjetividade dessa pessoa e sua história, sem se preocupar com a objetividade representada pela biografia [...]. (LODGE, 2006, p. 8)

O romance continua a ser a mais independente das formas literárias. Segundo Henry James<sup>1</sup> [...] the novel remains still, [...] the most independent, most elastic, most prodigious of literary forms” (1937, p. 326). Daí, o aparente paradoxo de “romance biográfico”. O romance, forma literária de ficção, é suficientemente elástico para incorporar a história de vida de uma figura histórica.

Para discutir o caráter híbrido de *Getúlio*, este capítulo aborda inicialmente a conceituação de Philippe Lejeune sobre o caráter referencial da biografia, bem como sobre a atitude do biógrafo em relação ao narrado. Os estudos diacrônicos de Mikhail Bakhtin sobre a tipologia do romance, em *Estética da criação verbal*, embasam a discussão do romance biográfico: o papel do herói, características da trama, o tempo biográfico e a visão exotópica do artista em relação ao objeto retratado.

### 1.1 PHILIPPE LEJEUNE: BIOGRAFIA

*Na biografia é a semelhança que deve fundamentar a identidade, na autobiografia, é a identidade que fundamenta a semelhança.*

Philippe Lejeune

A biografia e a autobiografia são textos referenciais, em oposição a todas as formas de ficção:

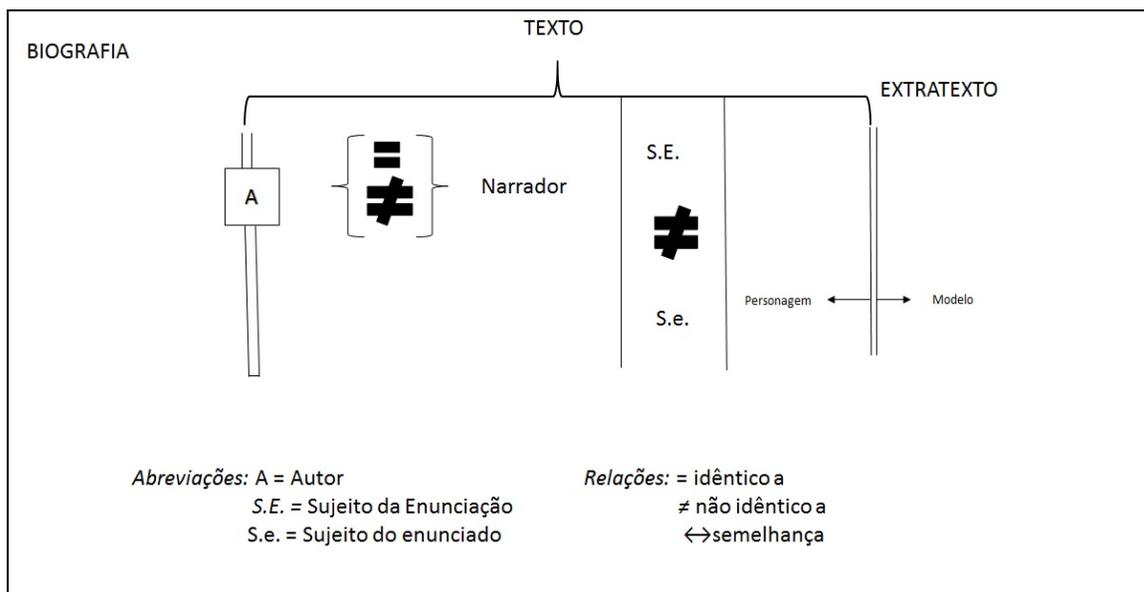
[...] exatamente como o discurso científico ou histórico, eles [a biografia e a autobiografia] se propõem a fornecer informações a respeito de uma “realidade” externa ao texto e a se submeter, portanto a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro.

---

<sup>1</sup> “O romance é a mais independente e mais elástica, e a mais prodigiosa forma de literatura” (1937, p. 326).

Não o “efeito de real”, mas a imagem do real. (LEJEUNE, 2008, p. 36, ênfase no original)

Lejeune constrói um esquema para representar o empreendimento biográfico, no qual a divisão em *colunas* distingue o textual e extratextual, e a divisão em *linhas*, o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Ocupando uma posição marginal está o autor representado por seu nome na capa do livro.



**Figura 1** – Esquema representativo do empreendimento biográfico  
 Fonte: Lejeune 2008

Lejeune destaca que na biografia o texto se baseia no extratexto, isto é, no modelo, o real ao qual o enunciado pretende se assemelhar. Por vezes, o autor e o narrador podem estar ligados por uma relação de afetividade em relação a este modelo, ou seja, ao biografado. É o caso da biografia *Getúlio Vargas: a esfinge dos pampas*, escrita por Richard Bourne. Na dedicatória do livro aos filhos, o autor revela sua simpatia pelo biografado: “Para Jonathan e Tobey, a fim de que compartilhem do meu afeto pelo Brasil”, afeto que se estende ao biografado. A relação do personagem – o Getúlio Vargas do texto – com o modelo – o Getúlio

Vargas extratextual – é em primeiro lugar uma relação de semelhança. Conforme Bakhtin, o biógrafo tenta relatar a vida do biografado como um todo: “o nascimento, a infância, os anos de estudo, o casamento, a organização de um destino humano, os trabalhos, as obras, a morte, etc.” (BAKHTIN, 1997, p. 231; 232).

Na análise do romance *Getúlio*, foco central deste trabalho, apontamos características do romance biográfico conforme descrito anteriormente: a) existe semelhança com o modelo; b) transparece a ideologia do biógrafo e c) o autor tem a liberdade de utilizar os recursos da ficção. O narrador onisciente de *Getúlio* penetra nos pensamentos, não apenas do protagonista e agente do desenvolvimento da trama, mas dos personagens secundários mais próximos a ele – Osvaldo Aranha, Euclides Zenóbio da Costa, Gregório Fortunato, Alzira Vargas, Góis Monteiro.

Neste sentido, Juremir Machado da Silva faz uso do modelo do mundo referencial e da ficção para trazer o leitor o mais perto possível da verdade da “natureza humana”, entrecruzando informações oficiais e vestígios da memória popular, apresentando-nos um Getúlio visível, sorrateiro, frio e enigmático, “com o olhar periférico da mosca” (SILVA, 2004, p. 13), mas explora também os sentimentos e conflitos íntimos do homem.

Como obra que transita entre a ficção e a realidade, o romance biográfico *Getúlio* nos permite traçar um paralelo entre um líder político, em época de grandes conflitos, e a liderança política no contexto atual, observada na mídia.

Assim como o romance histórico, o romance biográfico preocupa-se até certo ponto com a reconstrução do passado, mas tem compromisso maior com a veracidade dos fatos. Para tanto, Juremir Machado da Silva serve-se dos diários de Getúlio Vargas entre 1930-1942. Faremos o mesmo para analisar o personagem

Getúlio ferindo-nos principalmente ao período de 1930-1937, em que despontava como líder nacional. A escrita diarista a respeito do passado recente do modelo referencial, Getúlio Vargas, fornece subsídios relevantes para a análise do romance. Lejeune aponta a importância, tanto para o conhecimento histórico como para o estudo do gênero das biografias, dos “testemunhos, memórias, correspondências publicadas relacionadas a pessoas célebres, os que participaram do governo, das guerras ou que tiveram êxito em um campo qualquer da vida social, das artes ou das letras” (LEJEUNE, 2008, p.132). Neste sentido, afirma Lejeune: as pessoas socialmente reconhecidas tornam-se proprietárias de suas vidas e seus relatos, uma forma de transmissão dos valores sociais de uma determinada época.

O personagem Getúlio acredita que sua vida se entrelaça com a da nação. O argumento de José Américo de Almeida, quando a reunião ministerial ia adiantada, de que a única solução seria a renúncia do presidente, “um grande gesto de desprendimento”, provoca reflexões amargas de Getúlio. O sorriso de Getúlio ao ouvir a expressão “um grande gesto” ressalta a ironia da situação presente, na perspectiva do personagem. Se o simples licenciamento — mesmo como prelúdio da renúncia — é um grande gesto, o que dizer das grandes coisas que fizera pelo país?

O sujeito da enunciação, o narrador, que pode estar ligado ao autor por uma relação de identidade (LEJEUNE, 2008, p. 38), atribui ao personagem Getúlio, o sujeito do enunciado, sentimentos de amargura que podem ou não corresponder aos do modelo extratextual, Getúlio Vargas.

O grande gesto, Getúlio sorriu, era a sua renúncia, melhor, o licenciamento, o primeiro passo na direção da renúncia [...] Um grande gesto de desprendimento,

acompanhado de um manifesto à nação, expondo os motivos desta decisão (licenciamento) [...] Tinha feito o grande gesto criando a Petrobrás, monopolizando o petróleo nacional [...] Tinha feito o grande gesto lutando pela cooperação das classes [...] Tinha feito o grande gesto da Revolução de 1930, e, a partir dali, o seu grande gesto consistia em ter arrancado o Brasil das trevas da monocultura do café e das fraudes eleitorais para torná-lo uma nação industrializada e progressiva [...] Tinha feito grandes gestos, inclusive, em 1945 [...] Tinha feito o grande gesto de modernizar o país e salvá-lo dos sanguessugas alimentados a café e leite. (SILVA, 2004, p. 159; 160)

O autor utiliza-se, certamente, de informações sobre o modelo extratextual, a figura histórica, Getúlio Vargas, presidente do Brasil, para criar o monólogo em que seu personagem, amargurado, faz um balanço de suas ações. O paralelismo da frase “tinha feito o grande gesto” cria o efeito encantatório do refrão poético e enfatiza o cansaço e o desencanto do personagem. O papel do romancista excede o do biógrafo. As informações extratextuais corroboram a ideia de licenciamento como preparação para a renúncia de Vargas. São fatos históricos a Revolução de 1930, a luta pela melhora das condições de vida do proletariado, a criação da Petrobrás e a luta pela modernização do país e do processo eleitoral. O romancista, porém, serve-se de recursos literários para imprimir força e beleza estética ao texto.

## 1.2 MIKHAIL BAKHTIN: ROMANCE BIOGRÁFICO

*O mundo da biografia não é fechado nem concluído, e o princípio de fronteiras firmes não o isola no interior do acontecimento da existência. A biografia, decerto, participa do acontecimento, mas é só pela tangente, pois sua participação direta ocorre o mais perto possível do mundo da família, da nação, da cultura.*

Mikhail Bakhtin

No estudo diacrônico do romance grego, Mikhail Bakhtin em *Estética da criação verbal* reporta-se aos primórdios da forma narrativa em prosa. Com base nos princípios estruturais da imagem do herói principal, faz uma tentativa de classificação histórica em *romance de viagem*, *romance de provas*, *romance biográfico* (autobiográfico) e *romance de educação ou formação*. Interessam-nos de perto as considerações de Bakhtin sobre o romance biográfico, em que todos os elementos se relacionam com o processo geral da vida. A arte é um elemento vivo, orgânico e não isolado do mundo, mas vinculado a espaços temporais que permanecem na história da humanidade.

O tempo real não pode deixar de ser incluído no processo mais amplo do tempo histórico (do qual participa), ainda que só seja histórico de um modo embrionário. A obra biográfica não pode dar-se fora de uma época, ela estende-se além dos limites de uma vida cuja duração é representada, acima de tudo, pelas gerações. (BAKHTIN, 1997, p. 233)

Bakhtin aponta algumas características do romance biográfico: 1) O enredo abrange todos os momentos típicos e fundamentais da vida humana, ao contrário dos episódios estanques das formas anteriores; 2) Mais do que concentrar-se na imagem do herói o romance biográfico observa os resultados objetivos de suas ações, obras, méritos, trabalhos e façanhas, bem como seus resultados em felicidade ou infelicidade; 3) A particularidade do romance biográfico é que nele aparece o *tempo biográfico*, isto é, realismo absoluto no tratamento de todos os elementos que se relacionam com o processo geral da vida.

O personagem Getúlio é criado ficcionalmente, mas baseado em aporte documental e informações diversas. Embora a biografia do herói – Getúlio Vargas

— constitua o enredo do romance, o interesse da narrativa reside, principalmente, em suas obras e seu destino.

Aplicam-se ao romance *Getúlio* as palavras de Leonid Grossman, em Dostoiévski artista:

[...] quando o personagem não apresenta características de heroicidade, ele se desenrola em toda a sua plenitude, quando o autor se baseia em materiais sobre determinado episódio para descobrir no destino de um vulto histórico todo o abismo sem fundo da consciência humana. (GROSSMAN, 1967, p. 85)

Como vimos à avaliação de Getúlio Vargas como líder de uma nação é controversa e não se pode dizer que tenha assumido sempre atitudes heroicas. Juremir Machado da Silva parte da pesquisa extensiva sobre documentos, e de relatos de testemunhas, para criar o personagem-título do romance. Estabelecido o cenário documental, o autor transforma o Getúlio histórico num personagem que atinge as profundezas do sofrimento humano.

Enxovalham a nossa honra, pisoteiam os nossos valores, esquecem-se que eu tenho dedicado a minha vida a este país. Criticam-me por ter corrigido o salário mínimo [...] Um mar de lama corre sob o Catete, e homens que mudaram o Brasil são carimbados como ladrões e corruptos. (SILVA, 2004, p. 70)

De fato o romance biográfico não tem a preocupação de construir heróis. Bakhtin aponta que o protagonista se caracteriza indiferentemente por traços positivos ou negativos,

[...] a forma biográfica é a forma mais “realista”, pois é nela que de fato transparecem menos as modalidades de acabamento, a atividade transfiguradora do autor, a posição que, no plano dos valores, situa-se fora do herói – limitando-se a exotopia a ser quase que só espaço-temporal. (BAKHTIN, 1997, p. 166)

Bakhtin ressalta, desse modo, o “realismo” das narrativas de vida, e o imediatismo, nas quais a estética não é a preocupação primordial: “entendo por biografia ou autobiografia uma forma tão imediata quanto possível, e que me seja transcendente, mediante a qual posso objetivar meu eu e minha vida num plano artístico” (BAKHTIN, 1997, p. 165).

É evidente que os valores biográficos são valores comuns compartilhados pela vida e pela arte. Na relação entre o autor e o herói, Bakhtin enfatiza o valor biográfico não apenas como princípio organizador da história de vida de um outro, mas também como o princípio organizador da vida do autor. Este, para relatar a vida de outro, estrutura a consciência daquilo que ele mesmo viveu (1997, p. 166; 167). Não se trata do mundo dos outros no autor, mas o próprio autor no mundo dos outros, um eu que participa desse mundo. O herói e o narrador são intercambiáveis; qual dentre nós – serei eu? Será o outro? – Esse outro com quem vivo uma mesma vida, com quem compartilho os mesmos valores, no seio de uma família, de uma nação, da humanidade [...] é assim que o narrador se torna herói (1997, p. 168).

Os valores biográficos são, portanto, intercambiáveis:

O valor biográfico é, entre todos os valores artísticos, o menos transcendente à autoconsciência; por isso o autor, na biografia, como em nenhum outro lugar, situa-se muito próximo de seu herói, eles parecem ser intercambiáveis nos lugares que ocupam respectivamente e é por essa razão que é possível a coincidência de pessoas entre o herói e o autor. (BAKHTIN, 1997, p. 167)

De alguma forma, Juremir Machado da Silva situa-se muito próximo de seu personagem Getúlio, por meio não só da literatura existente, histórica ou ficcional, mas de comentários em família, no Rio Grande do Sul natal; de discussões entre pares; de entrevistas com pessoas próximas a Getúlio Vargas, para dar forma ao romance e vida ao seu personagem. Percebe-se a empatia do autor com o

personagem, nos momentos em que a narrativa penetra profundamente na intimidade do herói, relatando indiferentemente seus vícios e qualidades. Retornemos a Bakhtin.

O mundo da biografia não é fechado nem concluído, e o princípio de fronteiras firmes não o isola no interior do acontecimento da existência. A biografia, decerto, participa do acontecimento, mas é só pela tangente, pois sua participação direta ocorre o mais perto possível do mundo da família, da nação, da cultura; o mundo imediato a que pertencem o herói e o autor, o mundo da alteridade, apresenta certa condensação dos valores e, por conseguinte, ele é até certo ponto isolado; mas o é de uma forma natural-ingênua totalmente relativa, de uma forma que, em princípio, não diz respeito à estética. (BAKHTIN, 1997, p. 179)

Assim, para Bakhtin, o desígnio biográfico conta com a intimidade de um leitor que participe do mesmo mundo da alteridade, ocupando a posição do autor. O leitor crítico percebe a biografia como material quase bruto suscetível de receber a forma e o acabamento artístico. Tal percepção compensa a lacunosidade das posições do autor e pode levar à exotopia completa, introduzindo na obra elementos que lhes são transcendentais e lhe asseguram o acabamento (1997, p. 180, ênfase acrescentada).

Sinteticamente, o sentido de exotopia na obra de Bakhtin é o de se situar em um lugar exterior. No caso do romance biográfico, o biógrafo, à semelhança de um pintor retratista e observa o biografado, a fim de “captar o olhar do outro, de tentar entender o que o outro olha e como o outro vê”. Retorna, então ao seu lugar, “que é necessariamente exterior à vivência do retratado, para sintetizar ou totalizar o que vê, de acordo com seus valores, sua perspectiva, sua problemática” (AMORIM, citado em BRAIT, 2006, p. 96).

Exotopia e cronotopo são conceitos de Bakhtin que falam da relação espaço-tempo. O conceito de cronotopo será discutido adiante, como base para estruturar a análise do romance.

## 2 A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DO HOMEM

*Os romances são os diálogos socráticos de nosso tempo.  
Nessa forma liberal, a sabedoria da vida refugiou-se do  
saber escolar.*

Friedrich Schlegel

Para discutir a relação entre literatura, história e ficção, Costa Lima recua o exame da denotação do termo literatura ao final do século XVII: “Doutrina, erudição, conhecimento profundo das letras” [...], isto é a “literatura era corporificada por aquele que sabia combinar palavras e períodos” (2006, p. 321). É apenas com o romantismo que o termo literatura passa a significar a aproximação com a poesia. Costa Lima ressalta a separação entre literatura, historiografia e ficção, com uma ressalva:

Não podemos, porém, esquecer: se, pelo romance, a literatura é o discurso ficcional por excelência da modernidade, o território da literatura não se confunde com o da ficcionalidade. Assim como a ficção não se limita à literatura, tampouco a literatura repousa por inteiro no ficcional. Como os gêneros poéticos são ficcionais, se confundíssemos literatura e ficção estaríamos dizendo que a poesia moderna apenas aumentara o seu acervo de modalidade expressiva. (LIMA, 2006, p. 340)

Costa Lima prefere a abordagem de Valéry que visava ao “aprofundamento de uma poética no sentido estreito da palavra” (p. 340), resultando em uma historiografia literária: “termo genérico que abrangia a imensa área a que se estuda o uso da retórica”.

É apenas com o romantismo que o significado amplo do termo é substituído pela aproximação entre poesia e literatura (p. 321).

A História da Literatura busca as circunstâncias exteriores atestadas nas quais as obras foram compostas, se manifestaram e produziram seus efeitos. Informa-nos sobre os autores, sobre as vicissitudes de suas vidas e de suas obras, enquanto coisas visíveis e que deixaram traços que possam acentuar, coordenar, interpretar. Recolhe as tradições e os documentos. (VALÉRY, P.: 1938, I, 1343)

Para Bakhtin, “a literatura deve, acima de tudo, estreitar seu vínculo com a história da cultura”. Assim, torna-se fonte inesgotável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época (1997, p. 362). Em efeito cascata, os fatores econômicos influenciam a cultura e a cultura influencia a literatura, ou seja, a obra literária traz as características da época a que pertencem os fatos literários.

No romance *Getúlio*, por exemplo, toda a carga cultural da Era Vargas – revoluções, prisões, perseguições, traições, desmandos políticos – leva o leitor a compreender as características de liderança de Getúlio Vargas, traçadas por Juremir Machado da Silva: a capacidade de conduzir e administrar um país que era dominado pelos senhores do café e, ainda, conduzir o Brasil do estágio agrícola para uma industrialização incipiente.

Em sua análise das formas clássicas que antecederam o romance como o conhecemos hoje, Bakhtin destaca o lento processo de gestação nas grandes obras da literatura, cuja compreensão plena demanda ir muito além do contexto em que aparece; tanto em direção ao passado como na projeção de seu destino futuro:

Uma obra deita raízes no passado remoto. As grandes obras da literatura levam séculos para nascer, e, no momento em que aparecem, colhemos apenas o fruto maduro, oriundo do processo de uma lenta e complexa gestação. Contentar-se em compreender e explicar uma obra a partir das condições de sua época, a partir das condições que lhe proporcionou o período contíguo é condenar-se a jamais

penetrar as suas *profundezas de sentido*. Encerrar uma obra em sua época também não permite compreender a vida futura que lhe é prometida nos séculos vindouros, e esta vida fica parecendo um paradoxo. As obras rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na grande temporalidade, e, assim, não é raro que essa vida seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade. (BAKHTIN, 1997, p. 364)

É possível adaptar as considerações de Bakhtin para a leitura do romance de Juremir Machado da Silva. Ao invés do processo de gestação da obra, propriamente dito, examinar os prolegômenos históricos da Era Vargas.

Entre historiadores, biógrafos e estudiosos muitos veem Getúlio Vargas como a encarnação de todos os males da ditadura. Em contraste, há os que o considerem o líder apropriado para as diversas situações de crise que enfrentou, por ser capaz de manter a ordem, a fim de que os objetivos comuns fossem alcançados. Figuras de renome, como Heitor Villa-Lobos, aceitaram contribuir na concretização de metas. Ficaram célebres as grandes concentrações de canto orfeônico apresentadas por escolares, regidas pelo compositor e maestro.

É adequada para a atuação de Getúlio como governante, a citação de Maquiavel: “Um príncipe não deve, portanto, importar-se com a má fama de cruel, para poder manter seus súditos unidos e fiéis [...] porque ele será mais piedoso do que aqueles que, por excessiva piedade deixam acontecer desordens” (MACHIAVELLI, 2012, p. 73).

Nesse sentido, a fama de “bom” ou “ruim” não pode ser um empecilho para a atuação do líder. Este necessita ser ao mesmo tempo “bom”, a ponto de motivar os liderados, e “ruim”, a fim de obter comprometimento e dedicação de seus colaboradores. A dicotomia “bem” e “mal” é indissolúvel.

Tais contradições são retratadas no romance *Getúlio*, a respeito das acusações contra o governo Vargas sobre o favorecimento do jornalista Samuel Wainer na aquisição de a *Última Hora*, “um filme ruim” na visão do narrador onisciente. Este faz um retrospecto imparcial da trama inextricável que envolve os que procuram defender Getúlio e seus detratores, especialmente jornalistas, que dispõem dos meios de atacá-lo. Velhas acusações são desenterradas; notas sensacionalistas sobre Alzirinha e Dona Darcy em festa da alta costura, em Paris, divulgadas com estardalhaço.

Falava-se de tudo um pouco num jornalismo bandoleiro e assassino. De repente, tirava-se da cartola o bicheiro Arlindo Pimenta e fazia-se dele amigo de Péricles Góis Monteiro, ex-governador de Alagoas. E eram crimes, roubos, mortes... (p. 217) [...] E tudo era sujeira, roubo, desvio e putrefação. A oposição era uma máquina paranoica em surto permanente, e cada vez mais intenso e nefasto, “purulando, purulando” (p. 221). E já vinha Samuel [Wainer] tentando impedir a catástrofe e querendo a intervenção de Getúlio para que as senhoras não fossem ao desfile de apresentação dos tecidos brasileiros Bangu, pois haveria exploração maldosa do fato. E já vinha *O Estado de São Paulo* chamar a festa de indecente e dizer que nem Chatô havia protegido a família do presidente. E já vinha Rafael Correia de Oliveira falar em libertinagem e pornografia. (SILVA, 2004, p. 222)

“Tudo se confundia numa posta de vômito e política”, diz o narrador que comenta, ainda, que Getúlio “nunca saberia que o Supremo Tribunal Federal, numa extrema-unção, absolveria inteiramente Wainer e a *Última Hora*” (p. 222). A história demonstra a ironia de vereditos póstumos.

É apropriado citar novamente Maquiavel que dá ao príncipe (o líder) o conselho de não comprometer sua palavra com seus súditos (liderados) porque o homem geralmente não mantém a palavra dada: “se todos os homens fossem bons,

esse preceito não seria bom. Mas, porque são maus e porque não manteriam a palavra contigo, tu também não deves mantê-la em relação a eles” (MACHIAVELLI, 2012, p. 78).

Getúlio não segue o conselho de Maquiavel quando dá ao povo a palavra de que lutaria por seus direitos e por uma vida melhor. Mas, sem condições políticas e sem apoio militar para cumpri-la, prefere renunciar à própria vida. “Sem tropas próprias, nenhum principado está seguro”, diz Maquiavel. “Pelo contrário, fica totalmente entregue à sorte, não tendo força que o defenda com fé na adversidade”. Foi sempre opinião e sentença dos homens sábios *quod nibíl sit infirmum aut instabile, quam fama potentiae nom sua vi nixa*<sup>2</sup> (MACHIAVELLI, 2012, p. 64).

Escrita no século XVII, a obra de Maquiavel aplica-se ao contexto histórico do romance *Getúlio*. “Que nada é tão enfermo e instável como uma fama de poder que não é baseado nas próprias forças” descreve a situação de Getúlio Vargas, que dispõe apenas de sua própria força de vontade e coragem, pois os militares ora o apoiam, ora se voltam contra ele.

Como ressalta Abreu (2007), durante o Estado Novo, Vargas contou com o apoio do exército, porém foi abandonado mais tarde pelos militares, sobrando-lhe apenas os mais próximos, Osvaldo Aranha e Góis Monteiro. Embora poucos historiadores se tenham dedicado de forma específica a escrever sobre o Estado Novo, pelo menos até a década de 70, Abreu aponta significativo aumento no número de obras publicadas a partir dos anos 80. Atribui o historiador a priorização desses estudos de história política relacionada à cultura, especificamente a volta para o Estado Novo, à valorização da história do tempo presente e ao desejo de

---

<sup>2</sup> “Que nada é tão enfermo e instável como uma fama de poder que não é baseado nas próprias forças”.

buscar as raízes do autoritarismo que dificulta a consolidação da democracia brasileira.

O relato da história fornece ao leitor o aspecto documental e, tanto quanto possível, objetivo dos fatos. Busca-se na literatura o lado humano tanto dos personagens que fazem a história, como daqueles que são levados de roldão pelos cataclismas desencadeados pelos que detêm o poder. Nenhuma imagem gráfica do bombardeio de Hiroshima, nenhuma estatística alarmante sobre o número de mortos, tem o poder emocionante e expressivo do poema “Rosa de Hiroshima”, de Vinícius de Moraes.

Pensem nas crianças	Mas, oh, não se esqueçam
Mudas telepáticas	Da rosa, da rosa
Pensem nas meninas	Da rosa de Hiroshima
Cegas inexatas	Da rosa hereditária
Pensem nas mulheres	Da rosa radioativa
Rotas alteradas	Estúpida, inválida
Pensem nas feridas	A rosa com cirrose
Como rosas cálidas	A anti-rosa atômica
	Sem cor sem perfume
	Sem rosa, sem nada

A visão do poeta e escritor do lado humano, ou **desumano**, dos que conduzem clãs, povos, ou nações fornece ao leitor um instrumento de compreensão do homem e, portanto, de si mesmo. A literatura séria, na expressão de Badaracco, leva o indivíduo a examinar e testar seu próprio caráter, “vendo-se no espelho de fascinantes personagens de ficção”, que exibem um padrão de comportamento como líderes.

Esse padrão é antigo e constante. É encontrado nos clássicos da literatura ocidental, como *Ilíada*, *Odisséia* e *Guerra e paz*, assim como em muitas obras contemporâneas. Os desafios básicos dos líderes aparecem de forma tão ampla, talvez até universalmente, porque refletem dois aspectos fundamentais e constantes da liderança. Um é o seu lado humano — as esperanças e temores, traços e instintos da natureza humana comum a todos nós. O outro é a agenda imutável da liderança, em todos os lugares e tempos: desenvolver uma meta, um plano, um propósito ou ideal, e trabalhar com outras pessoas e através delas para torná-los reais — num mundo que é com frequência incerto, recalcitrante e às vezes perigoso. (BADARACCO, 2007, p. 14; 15)

## 2.1 UMA QUESTÃO DE CARÁTER

*[...] a literatura séria sugere que, para as líderes, o caráter é importante de um modo específico. Significa ter respostas pessoais para um conjunto particular de questões*

Joseph Badaracco

Joseph L. Badaracco, Jr. é professor da cadeira de ética nos negócios, na Harvard Business School. Em *Uma questão de caráter*, o autor desenvolve um tema que lhe é caro: “como a literatura ajuda a identificar a essência da liderança”, subtítulo da obra. O texto literário, argumenta ele, oferece ao leitor meios para a ponderação da sua própria personalidade, mediante avaliação da autoconfiança, da determinação e da intensidade necessárias em um líder, colocado em situações difíceis.

Usamos histórias de indivíduos fictícios para compreender questões de caráter, mas histórias não se limitam à ficção [...] Se gerentes querem compreender e liderar os homens e mulheres à sua volta, podem [...] observar bem, notar detalhes reveladores, ler nas entrelinhas, ambientar o trabalho no contexto da vida, procurar

lições aprendidas com grandes desafios e refletir como as respostas dos outros às questões de caráter se comparam com as suas. (BADARACCO, 2007, p. 214)

Na obra de Juremir Machado da Silva, Getúlio é esse personagem fictício, cujas características de liderança são construídas com base na figura histórica extratextual, o presidente Getúlio Vargas. Em todas as situações em que deve tomar decisões difíceis, o líder é desafiado não só em suas habilidades, mas, sobretudo, no que diz respeito ao seu caráter. Estabelecemos paralelo com outro líder célebre na história do século XX, Winston Churchill, colocado também em situação extrema, mas cuja opção é resistir. Seu discurso à nação, quando a Inglaterra enfrenta isolada o poderio nazista, é antológico.

Não tenho nada a oferecer além de sangue, trabalho, lágrimas e suor. Temos diante de nós uma provação das mais dolorosas. Temos diante de nós muitos, muitos meses longos de luta e sofrimento. Vocês perguntam qual a nossa política? Eu responderei: É lutar uma guerra, pelo mar, pela terra, pelo ar – com todo o nosso poder e toda a força que Deus possa nos dar [...] Vocês perguntam: Qual é o nosso objetivo? Posso responder em uma palavra: A Vitória. (CHURCHILL, 2010, p. 61)

As duas decisões opostas, a renúncia à vida e o chamado à luta, têm em comum a preocupação do líder com o bem-estar do povo e as necessidades da nação. Somam-se à percepção clara da gravidade da situação os traços de caráter dos dois líderes. Desde o início de sua participação nos destinos do país, Getúlio mostra-se capaz de tomar decisões extremamente difíceis. Ao mesmo tempo, como se verifica na análise do romance, o líder declara com desassombro sua intenção de renunciar à vida antes de renunciar a seus princípios. Seria uma ameaça? Orgulho?

Indicaria defeito de caráter, a exemplo do herói trágico que sucumbe por uma falha insuperável?

Para Winston Churchill, “a liderança é mais do que se revela em testes psicológicos ou em currículos brilhantes” (citado em MANSFIELD<sup>3</sup>, 2010, p. 12). As atitudes do líder funcionam como um espelho em que os liderados se examinam e avaliam. Stephen Mansfield destaca o caráter indômito de Churchill, revelado nos discursos apaixonados que inspiraram os ingleses a reagir contra Hitler:

As armas de Churchill eram suas palavras – palavras apaixonadas, carregadas de fé e visão [...] seu gesto de “V de Vitória”, sua energia física, seu inspirador senso de humor e até suas lágrimas frequentes tornaram-no, em escala internacional, o que ele era de fato: a personificação romântica da fé em um destinado futuro, dos prometidos “platôs ensolarados”, esperando pela humanidade em sua “jornada ascendente”. (MANSFIELD, 2010, p. 62)

Referindo-se ao poder inspirador do líder, George Ronald Lewin afirma que “os acontecimentos seguem a sua própria trajetória imprevisível” (1979, p. 216). O líder, no entanto, tem a incumbência de buscar informações, a fim de moderar as consequências desses acontecimentos. Um memorando de Churchill aos Chefes de Estado-Maior, datado de 3 de março de 1943, é ilustrativo.

Uma operação militar é muito diferente da construção de uma ponte, dispensa a precisão matemática, mas requer engenhosidade, improvisação e energia mental... Em todos os teatros de operações os ingleses e os americanos estão sobrecarregando seus planos com tantos fatores de segurança, que já não estão

---

<sup>3</sup> Autor americano que escreve sobre história, religião e política. Entre suas obras estão: *A fé de George W. Bush*, *a Fé do soldado americano* e *Papa Benedito XVI: sua vida e missão*. O último livro de Mansfield é *A fé de Barack Obama*, publicado em Agosto de 2008, é também é fundador do grupo *The Mansfield Group* e *Chartwell Literary Group*.

<sup>4</sup> Historiador militar britânico, produtor de rádio e editor de publicação. Escreveu vários livros sobre a Segunda Guerra Mundial e comandantes.

conseguindo executar nenhuma forma de guerra agressiva... Eis a situação a que estamos reduzidos, cabe aos senhores trabalhar diligentemente para corrigi-la. (LEWIN, 1979, p. 216)

Líderes como Winston Churchill, Mahatma Gandhi, Martin Luther King e Getúlio Vargas continuam a inspirar as gerações que se lhe seguem. Encontramos corroboração em Churchill: “Qual o sentido de viver se não for para lutar pelas causas nobres e fazer deste mundo confuso um lugar melhor para se viver depois que partirmos?” (Citado em MANSFIELD, 2010, p. 17).

Como líder esclarecido, Churchill tem respostas pessoais para as questões com que se defronta. “Os líderes precisam responder a essas perguntas por si mesmos”, afirma Badaracco (2007, p. 13), pois elas se apresentam a todo momento na vida e no trabalho. Daí a importância do caráter de um líder:

Líderes oscilam, avançam e recuam. Às vezes você confia, e às vezes desconfia. Você precisa ser um idealista e um realista. Às vezes você controla e outras, delega poder.. Você tem que olhar a curto e longo prazo. Às vezes você anda rápido e às vezes só escuta. Você precisa ter um sólido alicerce interior, para poder abrir os olhos e reagir a situações sem perder de vista quem você é. (BADARACCO, 2007, p. 17)

A melhor maneira de aprender sobre liderança, ou sobre qualquer aspecto importante da vida, é a experiência. Mas a experiência pessoal é limitada e é necessário recorrer a exemplos de experiências de outrem. Aqui entra a função da literatura, tanto de textos referenciais — biografias, autobiografias, ensaios — como das narrativas de ficção. Estas oferecem meios para um autoexame, mais claro e honesto (BADARACCO, 2007, p. 205).

Para ilustrar seu argumento, o autor se utiliza, dentre outras narrativas de ficção, do romance *O mundo se despedaça* (1958) de Chinua Achebe, texto que trabalhamos na disciplina Linguagens da Alteridade. Fazemos, na sequência, breve referência ao romance, focalizando as atitudes de liderança do personagem principal, Okonkwo, e aprendendo com seus erros e acertos. A história se passa em Umuófia, aldeia aguerrida do povo ibo, e faz, nos capítulos iniciais, um retrospecto das circunstâncias da vida do herói, que o trazem ao presente da narrativa, quando já atingiu posição de relevo na tribo.

O escritor nigeriano Chinua Achebe pertence, ele próprio, à etnia ibo. Tem, portanto, conhecimento íntimo da cultura de seus ancestrais que o personagem, Okonkwo, quer proteger de uma grave ameaça – a chegada do homem branco. É esta missão auto imposta que vai testar as qualidades de caráter de Okonkwo e suas atitudes de liderança.

Okonkwo é respeitado pela força física – aos dezoito anos vencera o maior lutador da região, conhecido como Amalinze, o Gato, porque suas costas nunca haviam tocado o chão. Filho de pai imprevidente e avesso ao trabalho, Okonkwo luta para se tornar o oposto do modelo que despreza.

O personagem possui um temperamento difícil, explosivo, de pavio curto, com punhos rápidos e personalidade intempestiva; tem grande dificuldade em ouvir o que as outras pessoas têm a lhe dizer, mas sua capacidade de trabalho e respeito às leis faz dele um dos líderes da tribo.

De volta à tribo, depois de um exílio de sete anos, por ter matado acidentalmente um jovem, Okonkwo descobre seu mundo tradicional de pernas para o ar com a chegada dos britânicos, que trazem o cristianismo, negociam com mercadorias que são novidades e usam a violência para conseguir o que desejam.

O guerreiro tenta motivar o clã para fazer oposição aos brancos, mas ninguém o segue quando ataca e mata um guarda. Líder solitário, sem seguidores, Okonkwo comete suicídio.

A tragédia de Okonkwo levanta várias questões sobre liderança: O bom líder possui uma bússola moral? É um guia forte e confiável para distinguir o que é certo e o que é errado?

Quando jovem, o personagem possuía valores sólidos e seguia à risca as leis da tribo. No entanto, essas normas e valores não evoluíram e Okonkwo não soube ser o líder que a situação demandava.

O texto de Achebe prioriza o aspecto da destruição de uma organização social por outros povos que impõem seu próprio modo de vida. Mas, a observação do homem isoladamente conduz à reflexão sobre o código moral do indivíduo e ao julgamento de suas atitudes.

## 2.2 VISÕES DO LÍDER NA LITERATURA

*Leaders determine or clarify goals for a group of individuals and bring together the energies of members of that group to achieve these goals.*

Nannerl Keohane

No transcorrer da discussão sobre a temática deste trabalho, foi-nos observado: “Mas Getúlio Vargas foi um ditador, não um líder!” Vimos nisso exemplo claro da visão comum de liderança como algo benéfico, admirável e efetivo. É fácil idealizar o sentido de liderança, presumir que líderes são figuras messiânicas que nos vêm trazer a salvação e estabelecer exemplos a serem seguidos. Ao expressar o desejo por liderança é essa a expectativa de todo o indivíduo, desde o sem-terra,

que se une aos movimentos do MST, à classe média brasileira, que colocou esperanças de redenção de valores na atuação honesta e corajosa de um ministro do Supremo. Por outro lado, estamos conscientes de que o poder corrompe, de que a liderança traz não apenas oportunidades, mas tentações.

Líderes desempenham suas funções de inúmeras maneiras: podem ser transparentes ou dissimulados, dignos de admiração ou deploráveis, ineficientes ou extremamente competentes. Quando pensamos em liderança, as primeiras figuras que nos ocorrem são os grandes deste mundo na história pregressa ou atual, presidentes, generais, governadores ou, em tempos modernos, figuras carismáticas capazes de mover multidões. Ghandi derrotou o poderoso Império Britânico sem disparar um só tiro. Martin Luther King deu a vida em prol da realização do sonho da igualdade entre negros e brancos perante a lei expresso no discurso de 28 de agosto de 1963<sup>5</sup>. Osama Bin Laden virou uma página na história das relações entre Ocidente e Oriente. Perseguido e caçado, morto em 2 de maio de 2011, onze anos depois da queda das Torres Gêmeas, de invasões de países do Oriente Médio e da morte de milhares de pessoas, foi capaz de inspirar movimentos de caráter político-religioso que mudaram para sempre a face do mundo.

Líderes fazem parte do tecido de todas as organizações humanas; de que existem líderes em nossos espaços de trabalho, de lazer, de aprendizagem e de culto, onde nós mesmos exercemos liderança de caráter formal ou informal, no caso de voluntariado para a solução de problemas transitórios. É impressionante e perturbador lembrar o poder da informalidade de criar líderes em dias de hoje, a exemplo das redes sociais, capazes de atrair milhões de seguidores da noite para o dia.

---

<sup>5</sup> **I have a dream** that one day this nation will rise up and live out the true meaning of its creed: We hold these truths to be self-evident; that all men are created equal". (ênfase acrescentada)

No contexto de proliferação midiática do mundo do século XXI, em que tecnologias digitais surgem em ritmo muito mais veloz do que a capacidade de nossas instituições culturais, legais ou educacionais para acompanhá-las, é para esse campo que os jovens de hoje se voltam, em busca de líderes e de caminhos para o sucesso. Bill Gates, da Microsoft, e Steve Jobs, da Apple, são os líderes inspiradores do nosso século. O lançamento da biografia autorizada deste último, logo depois de sua morte, intitulada simplesmente *Steve Jobs*, foi recebido com expectativa entusiasta. Possuidores efetivos ou prospectivos de iPhones, iPads e iPods, intriga-nos conhecer intimamente o homem e o gênio criador. Um texto biográfico interessante, mais do que mero entretenimento, é uma lição de vida, que coloca o leitor em contato direto com mentes excepcionais.

Trata-se de exemplo concreto de um dos aspectos de nossa análise do romance: buscar no texto literário uma visão do lado de dentro de líderes “à medida que pensam, preocupam-se, esperam, hesitam, envolvem-se, exultam, arrependem-se e refletem” (BADARACCO, 2007, p. 11). O autor de *Uma questão de caráter* aponta que o autoconhecimento adquirido nos testes e desafios da carreira de um líder é a verdadeira alma da liderança. De modo vicário, a experiência vivida por líderes em textos de ficção pode alargar a visão de liderança e levar à reflexão sobre questões de caráter.

Historicamente a literatura faz parte da vida do homem e acompanha, em consequência, as transformações e mudanças que a tornam cada vez mais complexa. Daí seu valor como repositório de fatos passados e preservador da tradição. Seu valor é atemporal e fornece ao homem de hoje não só relatos de vivências passadas, que levam à reflexão, mas a carga de sentimentos e emoções que acompanham os fatos narrados.

Nas melhores histórias, diz Badaracco, vida e literatura convergem e “os personagens surgem como pessoas reais, não marionetes ou espécimes de laboratório” (p. 12). É a convergência de vida, ficção e fato histórico que buscamos na biografia romanceada de Getúlio Vargas, para alargar nossa visão do caráter, das atitudes e dos conflitos psicológicos de um líder diante de circunstâncias difíceis.

Assim, questiona-se como é possível utilizar-se o mesmo termo “líder” para designar indivíduos tão diversos em situações igualmente diferenciadas. Em obra de caráter prático, intitulada *Thinking About Leadership*, Nannerl Keohane reduz a natureza da liderança a duas premissas básicas: 1) prover soluções a problemas comuns ou oferecer ideias sobre como atingir objetivos coletivos; 2) mobilizar energias de outros para seguir esse curso de ação. Tudo o mais que se relaciona com a liderança – tipos de autoridade, a história de diferentes títulos e privilégios, os múltiplos abusos e realizações – repousa sobre esse núcleo. E define, assim, a atividade do líder: “Leaders determine or clarify goals for a group of individuals and bring together the energies of members of that group to achieve these goals”<sup>6</sup> (p. 23). Maximiano (1985, p. 211) reduz, igualmente, a liderança a uma fórmula simples e objetiva: o indivíduo A é um líder quando conduz as ações e influencia com sucesso o comportamento dos indivíduos B, C, e D.

A função de inspirar e conduzir adquire especial relevância na grande diversidade de contextos no mundo de hoje, em que os jovens que devem assumir qualquer tipo de posição de comando, em qualquer forma de organização coletiva, como visto acima, sequer têm certeza do caminho a seguir: falta-lhes responsabilidade, dedicação e segurança no exercício de suas funções. O potencial

---

<sup>6</sup> Os líderes determinam ou esclarecem objetivos para um grupo de indivíduos e congregam as energias dos membros do grupo para a construção desses objetivos (tradução livre).

de liderança não se manifesta apenas em estadistas e políticos, que é o nosso objeto de estudo, nem o líder já nasce pronto. Knapik (2011) enfatiza a capacidade de influência interpessoal da liderança. Em sua essência é conveniente que esteja alinhada às aspirações pessoais e do grupo.

Retornamos a Badaracco, para quem o conhecimento das experiências vividas por líderes renomados, não só épicos, mas também contemporâneos, alarga a visão de liderança e leva o indivíduo a refletir sobre questões de caráter (2007, p. 11). Para George Steiner<sup>7</sup>, “ensinar” significa “conduzir para frente” (2005, p.65), mas além de conduzir, o líder tem a capacidade de motivar seus liderados.

Aquele que ensina mais fundo ama o que tem mais vida. Aquele que examina o mundo compreende a predileção pela juventude  
E ao final costuma a sabedoria  
Curvar-se diante da beleza. (STEINER, 2005, p.46)

Ainda de acordo com Steiner, “aquele que aumenta seu saber, aumenta seu pesar” (p.85). Este argumento sustenta a hipótese de que o espírito de liderança pode ser desenvolvido.

Não façam apenas o melhor que puderem; façam *melhor ainda!* “Que me seja dada a possibilidade de unir o melhor de mim com o melhor de vocês”. [...] “O professor é apenas o húmus da terra. Quanto mais se ensina, maior é o contato que se tem com a vida e com os seus resultados positivos. Pensando bem, talvez o professor seja o verdadeiro estudante e beneficiário do processo”. [...] “Quando ensino, lanço as sementes.guardo para ver quem as pega... Aqueles que as pegam, aqueles que fazem algo com elas, são os que sobreviverão”. (STEINER, 2005, p.166, ênfase no original)

---

<sup>7</sup> Professor das Universidades de Cambridge e Genebra. Escreve para publicações como *New Yorker* e *Times Literary Supleme*.

Acrescentada à experiência vivida a experiência vicária, proporcionada pelo texto literário, retornamos ao argumento central de nossa tese: a literatura como instrumento de compreensão do homem e do mundo. A título de ilustração, fazem-se referências a outros autores da literatura brasileira e estrangeira, cujas obras ilustram as características do líder. Não se pretende uma análise exaustiva desses textos, mas buscar exemplos ilustrativos de nossa temática: a possibilidade de observar no romance biográfico *Getúlio* as atitudes do herói da trama diante de circunstâncias difíceis, como expressão de caráter.

O conto “A teoria do medalhão”, de Machado de Assis, constitui-se de um diálogo entre pai e filho, em que o primeiro incentiva o jovem a tornar-se um medalhão, ou seja, conquistar poder, sucesso e fama a qualquer preço.

Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecisar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante. (ASSIS, 1994, p. 2)

Percebe-se a ironia de Machado de Assis no conto, em que se espera que o conselho de um pai a seu filho seja edificante, e este conquiste sucesso através de sua competência e realize seus próprios sonhos e objetivos.

Janjão, cuja voz, não se ouve aceita implicitamente os conselhos do pai. Este continua com seu discurso, enfatizando a importância de bajular pessoas à força de pequenos mimos, a fim de ser visto e lembrado.

– Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela, mediante ações heroicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um *Tratado científico da criação dos carneiros* [...] põe o teu nome ante os olhos do mundo. (ASSIS, 1994, p. 5)

Seria quixotesco, segundo o pai, conquistar fama por intermédio de ações heroicas. O tom sarcástico do texto põe em relevo a sátira de Machado do comportamento humano, que ele deve ter observado largamente, na sociedade brasileira de seu tempo.

O pai conselheiro lembra-nos o materialismo e a despreocupação de Brás Cubas, o defunto-narrador do romance machadiano, em colocar às claras tanto os seus pensamentos mais íntimos, como revelar as dissimulações e vaidades que observa nas pessoas à sua volta.

Paralelamente é possível ver no poder de correção do pai o carisma da personalidade que domina o liderado. Revela-se no subtexto o caráter passivo deste último: o mutismo de Janjão certamente indica aquiescência.

A liderança adquire aspectos particulares em situações de exceção, a exemplo de um exército em batalha. Tornou-se célebre o poema de Alfred Tennyson “A carga da Brigada Ligeira” sobre o malfadado ataque de uma brigada de cavalaria do exército britânico a um enclave da artilharia russa, durante a Guerra da Criméia.

O poeta põe em relevo o erro do comandante: “Forward the Light Brigade! Charge for the guns’ he said.” (“Avante, Brigada Ligeira! Ataquem os canhões’, ordenou”).

Neste contexto, o líder é visto pelo grupo não só por suas características pessoais, mas como possuidor de autoridade e poder, que o liderado não questiona – só lhe cabe obedecer fielmente às ordens de comando.

‘Avante, Brigada Ligeira!’  
Algun deles amedrontado?  
Não, embora os soldados soubessem  
Alguém cometera um terrível erro.  
Não lhes cabe retrucar.  
Não lhes cabe indagar por quê.  
Só lhes cabe obedecer e morrer.  
Para o Vale da Morte  
Cavalgaram os seiscentos.

É o estilo de liderança autocrática ou autoritária, própria de instituições de base rigidamente hierárquica como o exército, e que pode ser adotado por líderes em situações de perigo (Knapik, 2011).

Ao analisar os princípios e tendências que regem as atitudes do ser humano, Francisco Lacombe aponta que os líderes em certas circunstâncias não são livres. É o caso das decisões de generais em tempos de guerra.

Os atos de Napoleão e de Alexandre [...] eram tão pouco livres quanto os dos soldados que faziam a campanha [da guerra], por sorteio ou por recrutamento. Não poderia ser de outra forma, pois para que a vontade de Napoleão e Alexandre [...] fosse cumprida, seria preciso a concordância de inúmeras circunstâncias; se tivesse faltado apenas uma, nada teria acontecido. Era preciso que milhões de homens [...] aceitassem cumprir a vontade desses indivíduos isolados e fracos e que para isso fossem determinados por um número infinito de causas diversas e complexas. (2005, p. 202)

A liderança exercida por Getúlio pode ser classificada como *situacional*, isto é, determinada pela situação a ser enfrentada. Em certo momento da narrativa, o personagem afirma estarem em um verdadeiro estado de guerra. Ele, contudo, era um general sem poder para impor medidas excepcionais. É nessas circunstâncias que se revela o caráter do personagem, o que propicia ao leitor reflexões sobre os acertos das atitudes a tomar.

O líder Getúlio, criado por Juremir Machado da Silva, é um estrategista que sabe como resolver problemas e motivar liderados, protelando a decisão final o tempo que julgue necessário para refletir sobre as consequências. Suas falas são ilustrativas: “[...] para mim, era uma questão de estratégia, de dispor as peças certas num tabuleiro incerto” (SILVA, 2004, p. 23). Percebe-se nele um caráter orgulhoso que julga que suas decisões foram as melhores em determinadas circunstâncias. Tem profundo orgulho das mudanças que promoveu no contexto socioeconômico do país:

[...] aumentando o salário mínimo em cem por cento, contra os interesses dos tubarões. [...] criando a Petrobrás [...] criando o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico a Eletrobrás, ampliando a rede de bancos estatais, propondo o Serviço Social Rural e um seguro agrícola. [...] ter arrancado o Brasil das trevas da monocultura do café e das fraudes eleitorais para torná-lo uma nação industrializada e progressista. (SILVA, 2004, p. 159)

Sua coragem e determinação não se abatem facilmente: [...] por mais que os milicos e a cachorrada do Lacerda imaginem o contrário, ainda posso dar cartas e jogar de mão. [...] (SILVA, 2004, p. 13). Observa-se, portanto o perfil de Getúlio como líder: visão, foco, capacidade para mudança e, acima de tudo, coragem. São

qualidades apontadas por Araújo ao comentar a função e papel do líder como impulsionador de sua equipe.

Em análise destas características verifica-se que se coadunam com o perfil de Getúlio Vargas, na obra *Getúlio*. Em um diálogo com o poeta Augusto Frederico Schmidt sobre o descontentamento dos americanos com a perda do petróleo brasileiro e a gravidade da situação, Getúlio afirma: — “Não me faço ilusões, poeta. Conheço a gravidade do problema. Mas vou só numa direção: para a frente” (SILVA, 2004, p. 340). Nesse percurso “para frente”, o personagem Getúlio, criado por Juremir Machado da Silva, à semelhança do modelo referencial, é um líder controverso: “Getúlio Dornelles Vargas já fora tudo na vida, mas tudo mesmo, conservador e revolucionário, ditador e democrata, oligarca e “pai dos pobres”, conspirador e vítima de conspiração, predador e presa” (SILVA, 2004, p. 14). No romance satírico de Érico Veríssimo, *Incidente em Antares* (1971), surge como personagem secundário o mesmo Getúlio Vargas que é objeto desta pesquisa.

De acordo com o narrador, certo dia, no princípio do verão de 1925, apareceu sorrateiro em Antares um membro da conceituada família Vargas, de São Borja. “Chamava-se Getúlio, tinha quarenta e dois anos de idade, era bacharel em Direito e ocupava então uma cadeira de deputado na Câmara Federal, como representante do Partido Republicano de seu Estado” (VERÍSSIMO, 1971, p. 26). As características que o narrador aponta no personagem correspondem ao que dizem dele biógrafos e romancistas:

Homem sereno, de feições e maneiras agradáveis, sabia usar a cabeça com lúcida frieza e possuía qualidades carismáticas ainda não de todo reveladas plena e publicamente. Dizia pouco, mas perguntava muito. Frio, solerte, sabia jogar com dois fatores importantes na vida: o tempo e as fraquezas humanas. (VERÍSSIMO, 1971, p. 26).

A intenção do Deputado Vargas é fazer com que se reconciliem dois velhos inimigos de longa data, Anacleto Campolargo, que organizara na vila o Partido Conservador, e Chico Vacariano, até então um tanto indiferente em matéria de política, que tratara de organizar o Partido Liberal, em oposição ao desafeto. Embora o encontro entre os dois líderes turrões, provocado por Getúlio, seja exemplo do estilo sério-cômico do romance de Veríssimo, demonstra, na visão do narrador de *Incidente em Antares*, as qualidades incontestáveis de Getúlio como líder. Os dois velhos inimigos, num misto de surpresa e zanga, recusam cumprimentar-se e sentam-se o mais longe possível um do outro. Mas o Deputado por São Borja não se dá por achado e repete para os dois velhos caciques seu bordão do “bem comum”:

Getúlio Vargas acendeu com pachorra o seu charuto e por alguns instantes permaneceu silencioso a olhar, de um para outro, os dois velhos, como um árbitro que, no meio da arena, prepara-se para anunciar ao público a luta de boxe que se vai travar entre dois campeões de peso-pesado. – Perdoem-me pela “traição” – disse ele. – **Quando os fins são bons, às vezes temos de fechar os olhos à natureza dos meios.** Foi essa a única maneira que encontrei para juntar numa mesma sala dois antigos adversários pessoais e políticos. (VERÍSSIMO, 1971, p. 27, ênfase acrescentada)

Prova do carisma do personagem de Veríssimo é a reconciliação política e pessoal dos velhos inimigos. Trinta e três anos mais tarde, no romance de Juremir Machado da Silva, o personagem Getúlio faz uso da mesma expressão destacada acima, “Sabemos que uma ditadura esclarecida pode ser **um meio para um fim, nunca um fim em si mesma** – explicou, quase perdendo o fôlego, como se precisasse desabafar” (SILVA, 2004, p. 55).

A historiografia e a ficção seguem paralelamente na construção de um personagem coerente com o modelo extratextual.

### 3 GETÚLIO VARGAS: SUJEITO DA HISTÓRIA E PERSONAGEM FICCIONAL

*Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna.  
Mas esse povo de quem fui escravo não será mais escravo  
de ninguém.*

Getúlio Vargas

Em entrevista a César Fraga, Juremir Machado da Silva fala sobre seus objetivos ao escrever a história de vida do personagem Getúlio Vargas, “pai dos pobres”, mas, sobretudo, um homem de carne e osso:

Quem foi Getúlio Vargas? Um oligarca com pendores sociais, um revolucionário inesperado, um ditador cínico, um reformador social maquiavélico, um fascista tupiniquim, um homem sedento de poder e sem escrúpulos para conservá-lo, um político do seu tempo com um projeto que mudou o Brasil, um democrata que morreu para lavar a própria honra? Passados 50 anos do seu suicídio, que o tornou mito, o enigma Getúlio persiste. Os historiadores dão conta da sua época. Os sociólogos o esvaziam em conceitos prêt-à-porter. O homem continua múltiplo, sedutor, complexo, contraditório, paradoxal. Um personagem de romance, o romance da sua vida. (SILVA, citado em FRAGA, 2010)

Evidencia-se a intenção do autor gaúcho de transformar o seu complexo conterrâneo em um personagem de romance. Somente a ficção seria apropriada para retratar um Getúlio múltiplo, complexo, contraditório e paradoxal. Além da ligação emocional com o biografado, o autor tem as credenciais necessárias para escrever uma obra de fôlego. Em entrevista a César Fraga, Juremir Machado da Silva afirma que a Revolução Farroupilha (1835-1845) foi menos importante para a história do Rio Grande do que a Revolução de 30. (ver anexo 1)

Eu acho que os gaúchos estão enganados. Nós deveríamos comemorar menos a revolução de 20 de setembro de 1835 e mais a revolução de 3 de outubro de 1930.

Muita gente sabe o que foi a primeira e pouca gente sabe o que foi a segunda. A Revolução de 30 foi comandada pelos gaúchos, foi vitoriosa, mudou o Brasil e suas consequências se fazem sentir até hoje. “Não existe ficção no meu livro”, diz ele. Poderia ser simplesmente um livro de história, mas eu acho que ele tem uma maneira de contar que é de romance. (SILVA, citado em FRAGA 2010, p. 1; 2)

Para a escrita do romance *Getúlio*, Juremir Machado da Silva buscou durante três anos informações em jornais, revistas e livros, e entrevistou setenta e três pessoas direta ou indiretamente tocadas pela morte do presidente Vargas, em 24 de agosto de 1954. Para o autor, a obra *Getúlio* retrata a intimidade e a solidão do poder do Presidente da República e destaca a multiplicidade do personagem que julga “complexo, paradoxal, esperto”. O apresentador do livro faz uma súpula representativa da trama.

Em princípio “*Getúlio* é uma galeria de personagens no melhor estilo da retórica da época: o Monstro, o Mandão, o Patrão, o Corvo, o Profeta, o Anjo Negro, a Bem-amada, o Cavaleiro da Esperança, o Pistoleiro, o Manco da Fala Fina... Ou uma sequência de datas carregadas de significados: 1930, 1932, 1935, 1937, 1938, 1945, 1950 e 1954”<sup>8</sup>.

O romance revela a retórica de uma época passional da imprensa e da política brasileira. Para isso, o autor resgata os rastros da memória de uma galeria de personagens ainda vivos que são incluídos no texto: netos, “a Bem-amada”, Guilherme Arinos<sup>9</sup> e outros, passados mais de cinquenta anos da morte de Getúlio Vargas. O entrelaçamento de ficção, realidade e história é evidente na criação do

---

<sup>8</sup> Conteúdo extraído da orelha do romance. Comentarista não identificado.

<sup>9</sup> Entrevistado por Juremir Machado da Silva em fevereiro de 2004.

personagem Tércio Ramos, o biógrafo fictício de Getúlio, que Juremir Machado da Silva reconhece ser um alterego.

Nascido em 1962 em Santana do Livramento, Juremir Machado da Silva<sup>10</sup> é escritor, jornalista e historiador, graduado em História e Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1984), e doutor em Sociologia pela Universidade René Descartes, Paris, Sorbonne (1995).

Publicou dezoito livros, entre os quais: *A miséria do jornalismo brasileiro* (2000); *As tecnologias do imaginário* (2003) e *Getúlio* (2004). Traduziu obras de: Jean Baudrillard, Michel Maffesoli e Edgar Morin<sup>11</sup>. Em 2001, recebeu o prêmio Luiz Beltrão, ofertado pela revista *Comunicação e Sociedade*, na categoria Liderança Emergente, o que constitui coincidência interessante com o tema desta pesquisa.

*Getúlio* foi publicado em 2004, data em que se comemoraram os cinquenta anos da morte do Presidente da República, Getúlio Vargas. O romance é a segunda obra de ficção de Juremir Machado da Silva e apresenta Getúlio Vargas como o revolucionário que mudou o Brasil, a ponto de a história brasileira se dividir em antes e depois da Revolução de 1930; e ainda como o ditador que governou com mão de ferro uma nação amordaçada, durante os oito anos do Estado Novo.

O romance permaneceu na lista dos mais vendidos por seis semanas, mas encontram-se poucos comentários sobre a obra: o próprio Juremir Machado da Silva julga ter sido propositalmente ignorado pela crítica. O comentário do articulista Roberto Pompeu de Toledo, no número de 28 de setembro de 2004 da revista *Veja*,

---

<sup>10</sup> Atuou como colunista e correspondente do jornal *Zero Hora*, em Paris até 2004. Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social (Famecos). Integra os conselhos editoriais das revistas *Galáxia*, *Sociétés* (Paris), *Famecos* (Porto Alegre), *Communicare* (São Paulo) e *Hermès* (Paris).

<sup>11</sup> *Power Inferno e Tela Total: mito-ironias da era do virtual e da imagem* (Baudrillard). *A transfiguração do político e O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade* (Maffesoti). *O Método 3: o conhecimento do conhecimento*; *O Método 4: as ideias – habitat, vida e costumes*; *O Método 5: a humanidade da humanidade: identidade humana e O Método 6: a ética* (Morin).

intitulado “Das carícias proibidas à tragédia nacional” focaliza principalmente as intrigas sobre a vida matrimonial de Lutero Vargas, apresentadas no romance *Getúlio*. Pompeu de Toledo avalia o livro de Juremir Machado da Silva como instigante e bem armado elogia o “intenso trabalho de pesquisa em torno dos eventos, personagens e circunstâncias da era Vargas embalado sob a forma de romance”. (ver anexo 2) mas não comenta a qualidade do texto.

A visão do Getúlio ditador, que o romance transmite ao leitor, vem na voz do próprio protagonista em diálogos com outros personagens. O biógrafo fictício, Tércio Ramos pergunta-lhe: —“O senhor foi um ditador”? [...] Getúlio lhe responde: — “Sim, fui um ditador” (SILVA, 2004, p. 280; 281). O autor concede voz ao personagem biografado para permitir-lhe visão própria dos acontecimentos. Ainda em diálogo com Góis Monteiro:

[...] Você era o ditador, o repressor, o responsável pelo fechamento do Congresso, pelo desaparecimento dos partidos, pelas prisões abarrotadas, pelo DIP<sup>12</sup>, pela tortura, pelas loucuras do Filinto e do Lourival. Por isso tinha que ser combatido com fúria. (SILVA, 2004, p. 52)

Para entendermos melhor a relação exotópica entre o biógrafo e o biografado, faremos um estudo do **sujeito da história** – Getúlio Vargas – e do **personagem ficcional** – o protagonista *Getúlio*. No primeiro caso, examinaremos o modelo, na expressão de Lejeune, a partir do uso de biografias de Getúlio Vargas como: *Getúlio Vargas, meu pai* (1960), de Alzira Vargas; *Getúlio Vargas: A esfinge dos pampas* (2012), de Richard Bourne e *Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas*

---

<sup>12</sup> Departamento de Imprensa e Propaganda, que Lira Neto, chama de o famigerado DIP.

(2001) de Robert M. Levine. Já no segundo caso, faremos a análise propriamente dita do romance *Getúlio*.

### 3.1 SUJEITO DA HISTÓRIA

*Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram o meu ânimo. Vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio, serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.*

Getúlio Vargas

Para a reconstrução de Getúlio Vargas como figura da história, fazemos uma súmula dos pontos relevantes de três biografias do líder brasileiro: *Getúlio Vargas, meu pai* (1960), de Alzira Vargas; *Getúlio Vargas: A esfinge dos pampas* (2012) de Richard Bourne, e *Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas* (2001) de Robert M. Levine. Buscamos nestas obras o contraponto referencial de alguns aspectos do personagem do romance *Getúlio*.

Em síntese, os aspectos da carreira do modelo referencial Getúlio Vargas, discutidos no romance são: carreira política estudantil na faculdade de direito em 1906; Deputado Estadual de 1909 a 1913; Deputado Federal de 1917 a 1923; Ministro da Fazenda em 1926. Afasta-se do cargo para candidatar-se ao governo do Rio Grande do Sul, sendo eleito em 1929. É indicado pela Aliança Liberal para concorrer à Presidência da República. Derrotado no pleito lidera a Revolução de 30. Após depor do governo o presidente Washington Luiz, Vargas assume como presidente temporário.

Como citado anteriormente, as opiniões sobre Vargas se dividem. Para uns é o homem de sorriso afável, irônico, bonachão, trabalhador e muito disciplinado, enquanto que outros o veem como ditador, oportunista, e, na concepção corriqueira

do termo, **maquiavélico**. Para Juremir Machado da Silva o objetivo de Getúlio era chegar à Presidência da República pela via eleitoral, quer como candidato de Washington Luiz ou da oposição, mas ficou jogando com as possibilidades, “até que a situação se apresentou e ele raciocinou como um bom gaúcho: não se pode deixar o cavalo passar encilhado. Então a revolução caiu em seu colo e quando sentiu que estava pronto, e ele a fez”. (FRAGA, 2010, p. 6)

Em que pese o caráter referencial da biografia sabemos que os fatos da vida de um personagem são vistos à “luz de um contexto que as torne possíveis”. Observamos nas obras em foco a permeabilidade entre as fronteiras do real e do ficcional. O biógrafo faz escolhas, recortes dos fatos históricos e lança mão de recursos literários para construir uma narrativa coerente. Todos estes textos referenciais, a biografia, a autobiografia e romance autobiográfico comportam o que Lejeune chama de *pacto referencial*, implícito ou explícito. Varia a definição do campo do real visado e o grau de semelhança com o modelo aos quais o texto aspira. No romance biográfico o leitor não exige estrito cumprimento do pacto referencial “sem que o valor referencial do texto desapareça (ao contrário), o que não é o caso nas narrativas históricas ou jornalísticas” (LEJEUNE, 2008, p. 37).

### **3.1.1 Getúlio Vargas, meu pai**

*Aproveitem da sombra que êle deixou, saboreiem as frutas das árvores que êle plantou, mas não as deixem morrer, nem esqueçam de as replantar para que outros a colham também.*

Alzira Vargas<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Embora a figura histórica seja conhecida como Alzira Vargas, as referências à obra *Getúlio Vargas, meu pai* serão indicadas pelo sobrenome Peixoto.

Repetimos aqui as considerações de Bakhtin sobre a relação na biografia entre o autor e o seu herói em que prevalece um princípio organizador da vida de um outro, mas também da vida do próprio autor.

O autor penetra no mundo do outro como um eu que participa da construção desse mundo. Evidentemente no relato de Alzira Vargas o autor e narrador estão ligados por uma relação explícita de identidade.

“Era uma vez um homem só...” A abertura tradicional dos contos infantis põe em relevo o sofrimento da filha predileta de Getúlio, ao escrever sobre o pai. Pode-se esperar envolvimento profundo da Alzira autora com a Alzira filha que vai narrar a convivência com Getúlio, o sujeito do enunciado.

Publicado em 1960, seis anos apenas depois dos acontecimentos trágicos de 25 de agosto de 1954, o relato apaixonado de Alzira nos dá o retrato de um Getúlio Vargas solitário e triste. São reconstruídos episódios da infância e da adolescência do pai através de relatos ouvidos do avô e dos tios.

O tom de nostalgia fica evidente ainda nas primeiras páginas quando diz: “Tomei conhecimento da existência de meu pai em começo de 1923, quando o perdi pela primeira vez” (1960, p. 1). Que Alzira só tomasse conhecimento da existência do pai aos nove anos de idade demonstra a obsessão de Getúlio Vargas pela vida profissional e política:

Até então ele pouco representava para mim [...] Ele estava sempre lendo, estudando processos, recebendo constituintes e eleitores ou então viajando pelos municípios vizinhos para defender uma causa. Nós o admirávamos e o respeitávamos à distância, e seu gabinete era tabu para nós. (PEIXOTO, 1960, p. 1)

Em meados de 1922, Vargas concorre a uma vaga de Deputado Federal, época em que as eleições eram decididas pela força. O afastamento do pai em 1923 estava relacionado a disputas eleitorais resolvidas a bala: “Contou-me papai que, nessa tarde histórica de 1923 quando o descobri pela primeira vez, saíram ele e uma tropa improvisada, quase sem armamento” (p. 20). Getúlio é forçado a voltar, ileso, para assumir com urgência o mandato de Deputado Federal. “Partiu sozinho. O menino travesso de São Borja começara seu fado. Era uma vez...” (p. 21).

Alzira retrata um Getúlio Vargas sempre distante, longe de casa, sempre “peleando” até o dia em que Getúlio parte para defender os ideais de seu partido numa revolução, quando estava escalado para comandar o 7º Corpo Auxiliar Provisório. Alzira pensa, “será que nunca mais vou ver meu pai, logo agora que descobri que gosto dele?” (p. 2).

A filha vê o pai partir novamente para o desconhecido em 1930; a sorte estava lançada e Getúlio chefiava a Grande Revolução. Alzira estava agora com dezesseis anos de idade e seu sangue gaúcho vibrara com a proclamação do pai antes de partir: “Rio Grande, de pé pelo Brasil!” (p. 21).

Com a partida do pai, passou a apoiar a mãe e a entender com maior facilidade as características do pai como: “um gaúcho errante, solitário, um Dom Quixote, sempre em busca de aventuras, companhias eventuais e passageiras, que não o prendessem muito, ou de um ideal impossível” (p. 25).

De acordo com Alzira, a pressão sobre Getúlio Vargas se tornava mais intensa; era solicitado por políticos e pelo povo que o viam com os olhos da esperança. Em 1932, aos dezoito anos, Alzira Vargas participava de sua primeira festa de gente grande, que é interrompida pela notícia de um levante armado contra

o governo, em São Paulo. Alzira abandona a festa para ficar ao lado do pai. Daquela noite em diante Vargas passou a chamá-la de “sua segunda consciência” (p. 60).

Com o aumento da pressão política sobre Vargas, Alzira passa a colaborar com o pai, tornando-se indispensável. Graças ao temperamento inquieto, atendia telefone, anotava recados, decifrava telegramas; passou a frequentar assiduamente a biblioteca do pai, em busca de mais conhecimento — Getúlio lhe prometera então: já que, “... nenhum de meus filhos homens quis seguir minha carreira [...] Se tu quiseres te formar em Direito, todos os meus livros serão teus” (p. 95).

O relato apaixonado de Alzira sobre a morte de dois primos, num episódio de fronteira “abre as portas da desordem”:

Dívidas a serem resgatadas em prazo certo, dívidas a serem consolidadas, novas dívidas a serem feitas para o início e prosseguimento de obras inadiáveis. No setor político, uma série de casos em ebulição. A Constituinte estava prestes a ser instalada e os Interventores Estaduais, candidatos ou não a serem eleitos governadores de seus feudos temporários, estavam indóceis (PEIXOTO, 1960, p. 123).

Alzira considera como grande vitória as instalações em 15 de novembro de 1933 a terceira assembleia nacional constituinte do Brasil assegurava o direito de voto às mulheres e o voto secreto. Alzira sente grande admiração pelas realizações do pai, “muitas outras novidades foram introduzidas no código eleitoral pela douta comissão que o elaborou; aprovadas, aplaudidas ou sugeridas pelos autores da Revolução de 1930; sancionadas pelo chefe do governo provisório” (p. 125).

Apesar dos obstáculos, Getúlio Vargas cumprira com competência as suas responsabilidades de estadista, “apesar de todos os erros, de todos os tropeços, de

todos os problemas, de todas as vicissitudes, o balanço era favorável”. Podia se olhar com otimismo o futuro (p. 125).

Os anos de 1934 e 1935 passaram de forma relativamente tranquila. Contudo, em 10 de maio de 1938 o Palácio do Guanabara foi atacado pelos integralistas<sup>14</sup> e outras frentes contrárias a Getúlio. O levante durou por toda a noite. Alzira, agora com vinte e quatro anos, acompanha “a luta surda que se processava no íntimo de meu pai, traduzida pelo ritmo inquieto de seus passos, marcando as perguntas sem resposta que formulava sozinho” (p. 199).

Alzira se aprofundava cada vez mais nas tarefas rotineiras do gabinete de Getúlio. “No mirante do Guanabara, Alzirinha aprendia a ser ‘o bolso de colete do pai’” (SILVA, 2004, p. 81).

Para Alzira Vargas, a relação com o presidente do governo sempre fora muito próxima. O tratamento era “‘tu’ ou ‘você’ e ‘Senhor’ para o uso público, ou quando eu me zangava com ele ou por causa dele” (PEIXOTO, 1960, p. 319).

A relação pai-filha é explorada no romance:

– Aqui está, patrão, o material pedido. – Na frente de um íntimo, como o ministro da Fazenda, permitia-se usar o afetivo “patrão”, que inventara nos anos 30. Sozinha com Getúlio, ia de Gê ao Pai, sempre com a mesma ternura. (SILVA, 2004, p. 71)

Alzira entendia a necessidade de se referir ao presidente com mais solenidade: mas para anunciar alguma autoridade hesita entre “Papai o recebe agora” ou “O Sr. Presidente”. A primeira forma excessivamente familiar, a segunda

---

<sup>14</sup>O levante integralista de 11 de maio de 1938, que tinha como objetivo liquidar o presidente da República, seus ministros e auxiliares diretos, implantando no Brasil uma ditadura elitista e corporativista, à sombra de Deus, mas guardada pela força das armas, ficou conhecido como “Putsch”. Este é um termo da língua alemã que designa golpe de estado.

lhe parece pedante e ridícula. Alguns de meus colegas, a distância, chamavam-no, conforme a moda do dia: “O chefe”, “Il Capo”, “O Boss”, “S. Excia.,” “El Jefe”. O mais comum era “O chefe” (PEIXOTO, 1960, p. 233).

Depois de vários engasgos, um dia, a frase brotou natural: “O meu Patrão pede que lhe transmita o seguinte recado.” Pronto, tinha encontrado a solução. “O patrão está contente”... “O patrão disse”... “O patrão fez”... “Meu Patrão” pegou logo e passou ao cotidiano. Mesmo os contínuos quando me transmitiam suas ordens diziam: “Patrão está chamando” (PEIXOTO, 1960, p. 233).

Quando Getúlio necessitava discutir questões importantes ou “quando hesitava sobre decisões difíceis”, procurava Alzira para poder pensar alto: e depois inqueria por mero desfastio: “Que é que tu achas, 'rapariguinha'”? (p. 309).

Alzira Vargas refere-se às longas horas de trabalho de Getúlio Vargas para colocar em dia o expediente e estudar as decisões difíceis que lhe cabiam como presidente da República.

Papai trabalhava até altas horas da noite. Havia tanto que fazer naqueles primeiros dias! Por onde começar? Os “self-made” governadores militares dos Estados estariam em condições de exercer os cargos? Se não, como substituí-los? Conferências, confabulações, entrevistas secretas. Um tal não servia, mas impossível trocar agora: tinha prestado serviços relevantes à causa. Era preciso esperar. Outro não era bem-visto pelos revolucionários, mas possuía as qualidades necessárias ao posto. Mas outro, considerado excelente por alguns, não podia permanecer, sob pena de desgostar o chefe local que não fora consultado [...] Como escolher um, sem magoar os outros? E o governo, como se chamaria? Que leis o regulariam? Como confirmar na vitória as boas intenções da luta? [...] Precisava restabelecer a ordem na administração e desde já pensar em dar ao Brasil novas leis, novos códigos, nova constituição, mais modernos, mais adequados, sob normas mais atuais. (PEIXOTO, 1960, p. 71)

As mesmas elucubrações estão registradas no diário de Getúlio Vargas, nos primeiros dias de novembro de 1930:

Dia 1<sup>o</sup> – Começam as tratativas para a organização do Ministério. Alguns nomes eu já trazia fixados, outros foram sendo sugeridos depois. A mentalidade criada pela Revolução não admitia mais o emprego dos velhos processos, do critério puramente político [...] Dia 2 – Continuam as conferências e tratativas. À tarde vou ao cemitério visitar o túmulo de João Pessoa [...] Dia 3 – Ultimo as tratativas e organizo o Ministério. (VARGAS, 1995, p. 21; 23)

A narrativa de Alzira Vargas enfatiza os aspectos positivos do caráter de Getúlio Vargas: virtude pessoal e compromisso com atividades e atribuições.

O romance *Getúlio* põe em relevo o carinho entre pai e filha. Poucos momentos antes da morte de Getúlio Vargas, Alzira entra no quarto do pai, para verificar se está tudo bem com ele; comunica que irá para casa e retorna logo pela manhã. O narrador atribui ao protagonista sentimentos de profundo afeto pela filha:

Ele sente um imenso carinho pela filha, o seu general de saias, o seu bolso de colete, a cabeça que guarda os segredos desconhecidos até do seu chapéu, a rapariguinha de brios e de temperamento. Deixa-a agitar-se um pouco. Gosta de vê-la em movimento, “fuxicando”, “arrodeando” em torno dele, incansável. (SILVA, 2004, p. 348)

Na madrugada de 25 de agosto, diz Alzira, “pela quinta vez desde 1930, a inteligência, o patriotismo e a coragem de um homem, de um homem só, foram a barreira encontrada por aqueles que desejavam desviar o Brasil de seu caminho natural” (PEIXOTO, 1960, p. 389). Seu pai entregara a vida para impedir o caos no

país. Alzira Vargas encerra seu relato com palavras eloquentes: “Seus sacrifícios não foram em vão” (p. 390).

O envolvimento do biógrafo, no caso a filha predileta de Getúlio, que ama e sabe que é amada coloca em evidência as considerações de Bakhtin, discutidas acima, sobre a identificação com o “outro” que ocorre na relação autor-herói no romance biográfico.

O relato de André Carrazzoni, um dos biógrafos oficiais de Getúlio Vargas, revela relacionamento semelhante. Detemo-nos em algumas considerações sobre a relação entre o biógrafo oficial e o biografado, que representa a versão, no plano da história, da relação entre Tércio Ramos e Getúlio no romance.

André Carrazzoni, jornalista gaúcho, ex-diretor do *Correio do Povo* de Porto Alegre, conhecia bem a vida do biografado, com quem convivera nos tempos em que este era governador do estado. Transferira-se para o Rio de Janeiro onde fora contratado, em 1938, pelo DIP, para as funções de censor teatral e cinematográfico. Informa-nos Lira Neto que ficariam guardadas, nos arquivos de Getúlio, três folhas de papel, com as notas iniciais de Carrazzoni sobre a orientação a ser dada ao volume<sup>15</sup>. O autor deliberara “se impessoalizar por completo, de modo a ficar invisível” (LIRA NETO, 2013, p. 356). Com esse objetivo, apela para a narrativa em terceira pessoa, atribuindo a narração a “um amigo”:

Um amigo, que foi o visitar, admirado do desembaraço com que se conduzia nos tumultos, disse-lhe:

“Já sei que o seu autor de cabeceira é Maquiavel.”

O presidente sorri da “descoberta” e contesta:

---

<sup>15</sup> A biografia *Getúlio Vargas*, assinada por Carrazzoni, saiu naquele mesmo ano, pela José Olympio. (LIRA NETO, 2013, p. 356)

“A informação não é certa...”.

O amigo, mais admirado, pergunta-lhe:

“Como o senhor aprendeu a lidar com os homens?”

Novo sorriso e satisfação da curiosidade:

“Apenas lidando com eles...”.

Ele é uma aula diária de psicologia. Uma de suas forças, para deslizar entre os fatos e os homens, é o mistério — o sorridente mistério das suas reticências e dos seus silêncios. (CARRAZZONI, citado em LIRA NETO 2013, p. 356; 357)

Ao tratar da instalação do Estado Novo, Carrazzoni viu-se em palpos de aranha para evitar referir-se à cisão radical que prevalecia no governo, pois “as diferenças internas de opinião eram intransponíveis” (LIRA NETO, 2013, p. 357). Sente-se mais à vontade, porém, para traçar o *Perfil do estudante Getúlio Vargas*, no estilo verboso da época:

Se os homens de Estado nascem como os poetas, os músicos e os oradores, isto é, trazem do berço os sinais da predestinação, o futuro grande homem lança as raízes da personalidade na luminosa manhã em que se gasta o supérfluo da vida com sofreguidão, petulância, desprendimento e bravura. (CARRAZZONI, 1944, p. 7)

### **3.1.2 *Getúlio Vargas: a esfinge dos pampas***

*Os aspectos pessoais de Getúlio Vargas eram sua afabilidade, sua capacidade de adiar e sua astúcia — seu gênio para deixar as coisas como estavam para ver como ficariam e para nunca fazer um inimigo que não pudesse vir a ser um amigo.*

Richard Bourne

O subtítulo a *esfinge dos pampas* põe em relevo o aspecto que será destacado pelo biógrafo: o homem reservado, de poucas palavras que calcula cuidadosamente suas decisões. Antes de chegar ao líder político, Bourne faz um

retrospecto da juventude de Getúlio Vargas. Getúlio fora “um adolescente introspectivo, que gozava da reputação familiar de bom ouvinte” (BOURNE, 2012, p. 29). Ainda jovem, iniciara a carreira política na faculdade, em 1906, como representante estudantil. Em discurso aos colegas dissera, certa vez:

Hoje somos apenas espectadores do presente, mas seremos juízes do futuro... A democracia é a aspiração comum dos povos civilizados como seu sistema político, mas somente com educação poderemos ter um povo verdadeiramente capaz de um governo democrático. (VARGAS citado em BOURNE, 2012, p. 31)

As palavras de um líder preocupado com as aspirações comuns são um prenúncio do que Vargas viria a ser no futuro.

Quando Getúlio Vargas recebeu o diploma de advogado, nos idos de 1907, havia passado um período agradável de leitura e introdução à política. Bom leitor, seus interesses literários incluíam Baudelaire, Nietzsche e Augusto Comte. Apesar de influenciado pelo positivismo, não era um convertido “como método científico, o positivismo me atrai. Juntamente com meu interesse pelo método vem uma incredulidade nele como religião. Não compreendo uma religião sem Deus” (VARGAS citado em BOURNE, 2012, p. 32).

Bourne mostra um homem afável, instruído, inteligente e bom ouvinte. Mantinha contato com políticos renomados da época, como Borges de Medeiros e seu envolvimento com a política vai gradualmente ocupando palco mais altos até tornando-se líder dos deputados gaúchos na Câmara Federal. Em menos de um mês, Vargas submete ao Congresso um projeto de reforma monetária inspirado no de Poincaré na França (BOURNE, 2012, p. 45).

Para retratar a habilidade de Getúlio Vargas no trato com o povo, Bourne destaca a atenção que o presidente lhe dispensava:

Uma das práticas mais regulares de Vargas era conceder audiências em que até cem pessoas podiam comparecer e apresentar suas petições [...] Sobre esta prática existe uma anedota popular, cuja veracidade foi confirmada pelo próprio Getúlio nas memórias de sua filha. Em certa ocasião, diante de uma longa fila de peticionários, observou um curioso personagem que, sempre que chegava a sua vez, modestamente voltava para o final da fila. Por fim, só sobrou ele, que disse ao ministro: “Sou apenas um anjo e vim em nome de São Pedro dar-lhe os mais efusivos parabéns”. Vargas comentou o extraordinário dessa situação: havia lidado com cerca de cem pessoas, e o único que não lhe pedira nada era um lunático. (BOURNE, 2012, p. 45)

Sua carreira política foi meteórica, depois de um aprendizado longo e interessante. Getúlio foi testado em longas batalhas políticas em seu Estado, tornando-se figura política de grande representatividade no Rio de Janeiro (BOURNE, p. 49). A “educação” de Vargas, no partido republicano do Rio Grande, não era apenas em obediência; aprendeu com políticos mais experientes a argumentar e discutir antes da tomada de decisões. São recorrentes, no romance de Juremir Machado da Silva, os episódios em que Getúlio, calado e enigmático, acompanha debates entre seus correligionários até tomar uma decisão final.

Em 1929, Getúlio Vargas candidata-se à Presidência da República pela Aliança Liberal, com programa de governo ambicioso, inspirado, coerentemente, nos interesses da população:

Desenvolver o valor humano através de serviços de educação e saúde; [...] renovar os hábitos políticos e [...] restauração das práticas democráticas, com ordem,

dentro do sistema [...] anistia política completa [...] fim às fraudes eleitorais introduzindo o voto secreto; reforma da justiça federal; implementar mais cursos técnicos e profissionalizantes no ensino superior e estabelecer um Ministério da Educação. [...] Criação de benefícios que amparassem trabalhadores na doença ou na velhice; maiores restrições ao trabalho de mulheres e crianças em fábricas; políticas de assistência à classe operária em termos de educação, saúde, alimentação e moradia. (BOURNE, 2012, p. 59; 62)

Vargas, porém, foi derrotado nas eleições, vencidas por Júlio Prestes. Como de costume, houvera trapaças e irregularidades na contagem de votos. Para a Aliança Liberal restavam apenas duas opções: aceitação do veredito oficial ou revolução (BOURNE, p. 63).

Depois de marchas e contramarchas, o assassinato de João Pessoa no Recife acendeu o rastilho que deflagrou a revolução. Coube a Getúlio marcar a data da deflagração da revolta<sup>16</sup>.

Tanto Alzira Vargas quanto Bourne mencionam o grito que conclamou os gaúchos à ação: “Rio Grande, de pé pelo Brasil”.

Vargas coloca o estado inteiro em pé de guerra, motivando adolescentes e velhos, todos mobilizados por uma onda de patriotismo (p. 73). A figura carismática de Getúlio Vargas impulsiona brasileiros à luta em prol do Brasil. Em uma cena emocionante, uma jovem mãe teria dito a Vargas:

Dr. Getúlio, por favor, não lamente a morte do meu filho. Se eu tivesse outro, eu o mandaria imediatamente para tomar o lugar dele a fim de ajudar o senhor a vencer e chegar ao Catete (o palácio presidencial no Rio de Janeiro) o mais rápido possível. (BOURNE, 2012, p. 75)

---

<sup>16</sup> Ver página 45 deste trabalho.

Em 31 de outubro, após uma parada em São Paulo, Getúlio Vargas chega ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Ficou célebre nas crônicas brasileiras o episódio de soldados gaúchos amarrarem acintosamente seus cavalos no famoso obelisco localizado na Cinelândia, o coração da capital federal.

As características que ressaltam a liderança de Getúlio Vargas foram fundamentais para a vitória, conforme nos mostra Bourne:

Sua personalidade e formação gaúcha faziam de Vargas algo muito diferente do político prosaico que ele podia parecer [...] Era capaz de correr riscos e tomar decisões bem como dissimular e hesitar. Para os seus íntimos ele admitiu, ao romper da revolução, que essa era uma missão que traria glória ou morte; para ele, de qualquer forma, o fracasso poderia ser fatal. (BOURNE, 2012, p. 79)

Bourne destaca, ainda, a capacidade de trabalho de Getúlio Vargas e sua eficiência como burocrata. “Ele não tinha uma grande equipe de assistentes particulares, mas lia e questionava um grande número de documentos oficiais” (BOURNE, 2012, p. 141).

Assim, Bourne coloca lado a lado os traços marcantes do caráter de Getúlio e sua capacidade como administrador. Tais qualidades fazem dele um líder comprometido com o sucesso de sua missão. O mesmo Getúlio, capaz de atrair pessoas para a luta, coloca em risco a sua vida e empenha-se em fazer as coisas acontecerem. Seu espírito de liderança provê soluções a problemas comuns e mobiliza energia de outros para seguir esse curso de ação<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Ver página 32 deste trabalho.

Segundo Bourne, a sobrevivência de Getúlio Vargas no poder devia-se “à habilidade dele de resolver os conflitos de interesse e ideológicos que o rodeavam, e à sua própria capacidade de personalizar uma ideia do interesse nacional concebida de forma serena” (2012, p. 186).

Percebe-se que o tom da narrativa de Bourne é favorável a Getúlio Vargas:

Getúlio era fiel à ideia de consultar os seus apoiadores e instrumentos políticos, em vez de impor de imediato e sem remorsos as suas próprias diretrizes. Quando havia divergências bem definidas, ele observava qual tendência era a mais forte e então a apoiava, ou tentava de algum modo contornar o conflito. (BOURNE, 2012, p. 301)

Bourne ainda discorre sobre a personalidade de Vargas e, com o auxílio do testemunho de Alzira Vargas, destaca seu agudo senso de humor e surpreendente autocontrole. Getúlio era às vezes impaciente e de pavio curto; fazia piadas sobre seu golfe medíocre e era também muito orgulhoso (2012, p. 305). Por trás de seu hábito de procrastinação havia um homem de muita coragem, que assumia riscos de vários tipos, desde a deflagração da Revolução, em 1930, à sua retomada da presidência nas circunstâncias muito diferentes da década de 50; das suas atividades como presidente provisório à recusa em temer possíveis atentados integralistas à sua vida, em 1938 (2012, p. 305).

Na conclusão do livro, Richard Bourne cita como prova da repercussão internacional de Vargas o obituário publicado em 25 de agosto de 1954, no *Manchester Guardian*, “um jornal que não morria de amores por Vargas”:

A julgar pela recente oposição ao seu governo, ele poderia ser considerado um fracasso. Mas a verdade é que nenhum presidente brasileiro realizou tanto.

Fisicamente diminuto, a sua estatura moral o habilitou a governar um país tão grande quanto a Europa durante tantos anos [...] até 1930 o Brasil tinha sido um país; Vargas transformou-o numa nação. (BOURNE, 2012, p. 308)

Bourne observa que a opinião do jornal era incomum no mundo anglo-saxão. Em parte pelo desinteresse que havia pela América Latina, em parte em virtude dos preconceitos contra Vargas como fascista. Suas observações finais sobre Getúlio Vargas apresentam restrições ao líder brasileiro, mas reconhecem suas qualidades.

Ele não era um modelo de perfeição e abusos e abusos ocorreram durante seus mandatos. Mas quando, como jovem legislador na assembleia de Porto Alegre, ele repudiou a 1ª Guerra Mundial com sua observação de que só o amor podia construir para o futuro, estava manifestando o sentimento pessoal de toda uma vida. Ele nutria um amor ardente por seu país e pelo seu povo, e foi um mestre construtor. (BOURNE, 2012, p. 308; 309)

### 3.1.3 *Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas*

*Mas, vejamos bem, que será aquilo que chamamos de povo? Seguramente não é essa massa rude, de iletrados, enfermiços, encarquilhados, impaludados, mestiços e negros. [...] Povo é raça, é cultura, é civilização, é afirmação, é nacionalidade, não é rebotinho dessa mesma nacionalidade.*

João Ubaldo Ribeiro

Na visão de Levine<sup>18</sup>, na obra: *Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas*, Getúlio Vargas é um enigma, “mestre em ocultar suas intenções, Vargas era um homem difícil de ser decifrado, até pelos amigos” (LEVINE, 2001, p. 14). Em certos momentos o autor admira Getúlio Vargas e, em outros, critica suas atitudes. Vê Getúlio Vargas como um homem hábil e realista; um negociador, organizado e determinado para quem “a ‘ordem’ era um pré-requisito para o ‘progresso’” (LEVINE,

<sup>18</sup> O historiador brasileiro Robert Levine do Departamento de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Miami tem produção extensiva sobre o Brasil.

2001, p. 17). No entanto, Levine apresenta restrições ao caráter de Vargas e seu governo. Em sua narrativa, Levine afirma que Getúlio Vargas era imprevisível e mudava sempre de direção, isto é, não tinha constância de ideias. Vargas deu um impulso à industrialização, ao desenvolvimento econômico e à integração nacional (2001, p. 15). Em contrapartida fazia promessas ao povo e não as cumpria. As necessidades do povo não era prioridade.

O regime Vargas pôs fim à cultura do período oligárquico da Primeira República (ou República Velha, 1889-1930), que se caracterizava por ser um sistema federativo sob o qual os estados mais ricos – todos no Centro Sul – dirigiam o país, deixando apenas migalhas para as unidades mais pobres da federação. Uma minoria diminuta de brasileiros vivia confortavelmente. A imensa maioria vivia na pobreza. Havia milhões de brasileiros que não podiam comprar sapatos. Mas, embora Vargas soubesse disso, sua era dizia respeito à política e à economia, e não à condição humana. (LEVINE, 2001, p. 17)

Aproxima-se o final do período como presidente provisório e Vargas opta pelo golpe por ser a única forma de permanecer no poder e concluir seus planos para o crescimento do Brasil:

Estava firmemente convicto de que apenas ele poderia conduzir o Brasil à integração nacional, e a campanha eleitoral entre Armando de Sales Oliveira e José Américo de Almeida desalentava-o, por configurar uma escolha entre a reestruturação do poder paulista e o populismo radical e descontrolado. “Para combater a pobreza e a desorganização da vida pública [brasileira]”, disse ele aos que o ouviam pelo rádio, a campanha presidencial, “transformando numa troca desregrada de cargos e promessas demagógicas”, tinha que ser cancelada. A promessa com que concluiu foi: “continuarei a servir à nação”. (LEVINE, 2001, p. 83)

Para justificar a permanência ilegal, Getúlio Vargas permitiu a divulgação de uma história sobre a existência de um plano urdido pelos comunistas para tomar o poder, o chamado “Plano Cohen”.<sup>19</sup>

Segundo Levine, tudo não passava de uma clamorosa mentira e alguns dos colaboradores mais próximos de Vargas, como Osvaldo Aranha e Assis Chateaubriand, condenaram a imposição do Estado Novo. Aranha pediu demissão do governo, mas Vargas permaneceu impávido. Aproveitou a oportunidade para destruir a oposição e a dissensão. Chegou a ponto de mandar Filinto Müller grampear os telefones e abrir a correspondência dos membros do governo, até mesmo do general Góis Monteiro, o amigo íntimo e confessor do personagem Getúlio, criado por Juremir Machado da Silva.

Levine afirma que isso foi possível devido ao apoio dos militares. Antes de 1937, houvera sinais de apoio popular, justificativa para a existência de uma ditadura de que Vargas não se utilizou.

Apesar das restrições, Levine reconhece que “Vargas orquestrou com maestria os acontecimentos mediante os quais o Estado Novo se impôs” (2001, p. 82). Mobilizou pessoas a se envolverem em seus projetos de desenvolvimento do país e cercou-se de auxiliares que compartilhavam de seu próprio ponto de vista (2001, p. 83).

Vargas convocou intelectuais a descerem de suas torres de marfim para participar ativamente da tarefa de construir a nação – mas sob as diretrizes dele. Uma de

---

<sup>19</sup> O Plano Cohen é um documento supostamente criado para justificar um golpe de estado que tiraria Getúlio Vargas da presidência e fora atribuído ao Partido Comunista Brasileiro, em suposta atuação ligada a organizações comunistas internacionais. O documento, apresentado como prova física, e divulgado no dia 30 de setembro de 1937, fora escrito pelo capitão integralista Olímpio Mourão. O nome do documento é uma referência ao líder comunista Béla Kun (ou ainda Béla Kohn ou Béla Cohen), político comunista húngaro de origem judia que governara a República Soviética da Hungria (regime comunista instalado neste país entre março e julho de 1919). (infoescola, 2013)

suas metas principais era ensinar os brasileiros a se orgulharem da nacionalidade, a se disciplinarem e a adquirirem os valores adequados de autoconfiança, do caráter sagrado do casamento e da família e do valor do trabalho. (LEVINE, 2001, p. 27)

O homem histórico Getúlio Vargas, visto por Levine, possui caráter ambíguo. Por um lado, suas características de líder político e habilidade como chefe de estado são ressaltadas. Por outro, Vargas permanece uma figura misteriosa, enigmática e inescrutável, um homem que representava coisas diferentes para pessoas diferentes (p. 14). Seu governo foi marcado por inúmeras decisões que transformaram o cenário brasileiro, porém nos anos decisivos do governo Vargas, apenas uma minoria da população desfrutava de condição social privilegiada.

Uma minoria diminuta de brasileiros vivia confortavelmente. A imensa maioria vivia na pobreza. Havia milhões de brasileiros que não podiam comprar sapatos. Mas, embora Vargas soubesse disso, sua era dizia respeito à política e economia, e não à condição humana. (LEVINE, 2001, p. 17)

A mitificação da imagem do presidente Vargas foi fomentada no período do Estado Novo, quando o DIP se encarregava de promover a imagem do afável “pai dos pobres”. Artimanha ou não, desde o início de sua trajetória política, mostrava simpatia pelas classes mais baixas: “Vargas trabalhou com afinco para aperfeiçoar os maneirismos e o jeito de falar que contribuiram para sua imagem de líder competente e paternalista” (p. 95).

Levine ressalta que os benefícios criados em favor do povo — salário mínimo, férias remuneradas, jornada diária não superior a oito horas, proteção ao trabalho da mulher e do menor e estabilidade no emprego — destinavam-se a

conquistar a simpatia dos trabalhadores e exercer domínio sobre eles. Em seus discursos, Vargas costuma ressaltar a importância do povo em seu governo: “Trabalhadores do Brasil! O seu bem-estar é minha preocupação constante. [...] Nós nos conhecemos muito bem. Vocês podem contar comigo, assim como eu sempre contei com vocês!” (LEVINE, 2001, p. 121).

A firmeza do estadista confirma o caráter determinado de Getúlio Vargas, cujas manobras políticas eram articuladas sempre com vistas à realização de projetos arrojados de crescimento. A classe trabalhadora era o canal que levaria a efeito esse crescimento.

Apesar do caráter manipulador de Vargas, os brasileiros acolhiam as decisões do governante, cujos projetos arrojados para a nação vinham acompanhados de promessas de melhoria das condições de trabalho e garantia de emprego. Homens e mulheres reverenciavam Getúlio Vargas como figura paterna e poderosa, mas acessível a quem deviam lealdade.

Ele tinha reanimado as pessoas, aqueles que eram mornas, apáticas, que adiavam tudo para o dia seguinte, que eram sonhadoras idealistas, agora se mexiam porque acreditavam que esse governo não iria decepcioná-las. (LEVINE, 2001, p. 150)

Segundo Levine, “os pobres lutavam desesperadamente para obter a atenção do presidente”, mas Vargas mantinha certa distância das pessoas a quem chamava de “populares”. Exemplifica a atitude de Vargas com episódio ocorrido em 1941, quando quatro pescadores se deslocaram do Ceará ao Rio de Janeiro para solicitar ao presidente ajuda para seu vilarejo.

Os jornais noticiaram a viagem dos pescadores, que, ao chegarem ao porto do Rio de Janeiro, foram levados, as roupas ainda molhadas, diretamente para o palácio do Catete, onde Vargas os abraçou e lhes prometeu ajuda. Entretanto, a promessa resultou em nada, e um dos quatro homens morreu afogado. (2001, p. 155)

Evidencia-se outra vez que o foco principal da “Era Vargas” não estava no povo, mas no crescimento do país. Para que esses objetivos fossem atingidos, a corrupção e a troca de favores eram largamente utilizados para agilizar a parte burocrática do empreendimento: “a corrupção permanecia uma instituição nacional; pouco se conseguia realizar sem subornos que apressassem a ação” (p, 162), enquanto as leis eram concomitantemente ignoradas. A preocupação maior de Vargas era manter-se no poder tanto tempo quanto possível, atitude vista por Levine como mais uma jogada estratégica.

As estratégias de Getúlio Vargas para alcançar seus objetivos ficam claras na voz do personagem do romance *Getúlio*, que afirma abertamente: [...] “a política é mesmo um xadrez e exige uma certa dramaturgia” (p. 53). O diálogo entre Getúlio e o general Góis Monteiro, no quarto de hospital deste último, um dos eixos do romance, faz revelações surpreendentes. O Plano Cohen fora um engodo, uma estratégia criada sob a alegação de que os americanos, vencidos os regimes totalitários da Europa, não queriam mais tolerar amigos ditadores (2004, p. 50).

- É verdade – disse Góis, ajeitando os travesseiros – que tivemos de jogar com o que estava ao alcance da mão para que a revolução não retrocedesse.
- O Plano Cohen foi uma ideia sua, Góis.
- Foi. Que ninguém nos ouça. Mas funcionou. Na verdade, o plano de uma insurreição comunista, descrito em detalhes para horrorizar a opinião pública, foi mesmo preparado pelos integralistas, que pretendiam jogar o governo contra uma nova ameaça vermelha [...] Aquela cena do Olímpio Mourão datilografando uma

cópia [...] foi armada por nós. Ele não passou de um inocente útil [...] era a única forma de acabar com o atoleiro em que o país se afundava.

— Mas você sempre nega essa paternidade, Góis.

— Continuarei negando. Digo que pensar isso de mim só pode ser ideia de espíritos turvos, cujas cataduras lombrosianas estampam o recesso de suas almas. (SILVA, 2004, p. 54)

### 3.1.4 Plano Cohen

*A política é mesmo um xadrez e exige uma certa dramaturgia.*

Getúlio Vargas

A descoberta de um suposto plano comunista para derrubar o governo e alinhar o país à linha marxista russa forneceu a Getúlio o pretexto necessário para decretar o estado de guerra e continuar no poder. As entradas de 29 e 30 de setembro de 1937 no diário de Getúlio registram: “estes dias foram absorvidos pelos trabalhos para a decretação do estado de guerra [...] Providências junto aos ministros da Justiça, governadores e deputados. Parece assegurada a passagem da lei” (VARGAS, 1995, p. 72).

A princípio, a autenticidade do Plano Cohen não foi questionada, o que deu a Getúlio autonomia para iniciar uma perseguição aos comunistas. Seus biógrafos fornecem dados elucidativos.

Em *Getúlio Vargas*, meu pai, Alzira Vargas relata depoimento vago de Góis Monteiro sobre o Plano Cohen, que “estava sendo batido a máquina, em uma sala do Estado-Maior do Exército, por um oficial superior (Olimpio Mourão)<sup>20</sup>, filiado ao movimento integralista” (PEIXOTO, 1960, p. 306).

---

<sup>20</sup> Olimpio Mourão é retratado no romance *Getúlio*, no diálogo entre Getúlio e Góis Monteiro como “um inocente útil” (p. 54).

A biógrafa aponta dúvidas ainda existentes sobre a origem do documento: “É êle seu autor? Obedecia a ordens? Copiava um documento? De quem? Para quê? Ninguém responde” (PEIXOTO, 1960, p. 306).

O ‘Plano Cohen’ pertence à categoria dos documentos chamados “enjeitados”, ou de paternidade putativa. Ninguém sabe, com segurança, como foram concebidos, quem é o pai, quem é a mãe; onde nasceram, como e por quem foram adotados depois; quem lhes deu a mão para que surgissem no cenário público”. (PEIXOTO, 1960, p. 305)

Contudo, Alzira Vargas é enfática quando afirma que o Plano Cohen não foi a base do golpe do Estado Novo, iniciado em 10 de novembro. Qualquer plano frutificaria no clima tenso daquele momento.

Positivamente não. Pode ter sido de justificativa, peça de convicção, um documento para provar até que ponto ia a falta de compostura política e a incompreensão do perigoso momento que estávamos atravessando. Vivíamos um período em que a mentira tinha mais foros de verdade do que a própria verdade, a intriga era moeda corrente e a calúnia o artigo do dia, de todos os dias. Nessa atmosfera, qualquer “Plano Cohen” frutificaria (PEIXOTO, 1960, p. 306; 307).

Bourne relata a sequência de acontecimentos que precedem a implantação do Estado Novo. Em reunião com o general Dutra, ministro da guerra, Vargas afirmou que só agiria se tivesse o apoio do exército. Dutra, por sua vez, convocou uma reunião com Góis Monteiro, Filinto Müller e três oficiais do Ministério da Guerra, ficando acordado que a iminência de outro levante comunista e a inadequação das leis atuais para a defesa do estado justificavam o apoio militar para um golpe presidencial (BOURNE, 2012, p. 124).

Em 29 de setembro o general Dutra, em pronunciamento em *A hora do Brasil*, comunica à nação a possibilidade de uma revolta comunista. Getúlio Vargas anuncia uma nova Constituição que fora criada em segredo e, às pressas, por Francisco Campos. Bourne julga que a figura de Vargas passa “então do plano em que o valor de um estadista é definido pelos atos normais da política e da administração para a posição histórica elevada de fundador de um regime e de guia de uma nação” (BOURNE, 2012, p. 127).

Segundo Bourne, Getúlio Vargas afirmava aos jornalistas dos países democráticos que o Estado Novo continuava a ser democrático, mas para os mais íntimos, admitia que era “um experimento” (p. 130). Já para Alzira Vargas, Getúlio argumentava que os fins justificam os meios e, o Plano Cohen “era uma tática para enfrentar uma situação imediata que seria justificada pelos resultados” (BOURNE, 2012, p.130). Em confissão à filha, afirma que há tempos sonhava em dar ao Brasil uma constituição verdadeiramente brasileira. “Só os países economicamente fortes são realmente livres. E é essa liberdade que desejo dar ao meu país” (BOURNE, 2012, p. 130).

Para Levine, como discutido acima, Vargas optou pelo golpe para assegurar a permanência no poder além do prazo legal de sua gestão, que expiraria em alguns meses (2001, p. 82).

Para complementar, examinamos a análise do escritor marxista Eduardo Galeano, que denuncia com sarcasmo a farsa do Plano Cohen, que o governo teria descoberto “em algum porão”. A descoberta do plano, que revela em detalhes a tática e a estratégia de uma conspiração comunista, é alardeada “a toque de caixa” por rádios e jornais. “A pátria não sucumbirá sem se defender das hordas de Moscou”, anuncia a mensagem. A origem do plano é ridicularizada por Galeano:

O plano se chama Cohen por um erro da datilógrafa, que escutou mal o ditado. O fabricante do plano, o capitão do exército Olympio Mourão Filho, tinha-o batizado de Plano Kun no manuscrito original, porque o tinha inventado baseando-se nos documentos da fugaz revolução húngara encabeçada por Bela Kun. (GALEANO, 2010, p. 160)

No romance *Getúlio*, Góes Monteiro admite ter sido ele o inventor do Plano Cohen. É privilégio da literatura preencher as lacunas da história, particularmente em uma narrativa que tem como pano de fundo uma matéria documental invadida pelo aspecto ficcional, que Luiz Costa Lima classifica como híbrido duplo (2006, p. 321;372). O escritor de um romance biográfico tem licença para manipular tramas e personagens, a exemplo do sujeito ficcional de *Getúlio*, analisado na sequência.

### 3.2 PERSONAGEM FICCIONAL

*Graças ao vigor dos detalhes, à “veracidade” de dados insignificantes, à coerência interna, à lógica das motivações, à causalidade dos eventos etc., tende a constituir-se a verossimilhança do mundo imaginário.*

Antônio Candido

De modo implícito, o desejo de distinguir o real do ficcional é nos colocado desde muito cedo, nas histórias infantis, onde o impossível se torna possível. Esse mesmo desejo nos acompanha vida afora, quando a tentativa de elucidação é integrada a fatos quotidianos, textos literários ou jornalísticos e, particularmente, a textos biográficos e autobiográficos.

Na concepção de Antônio Candido:

Este mundo fictício ou mimético, que frequentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se,

portanto, representativo para algo além dele, principalmente além da realidade empírica, mas imanente à obra. (CANDIDO et al 1976, p. 15)

Temos aí a exposição da ideia da mimese, no grego *mimesis*, imitação.

Massaud Moisés explica o conceito aristotélico de mimese como:

[...] imitação da vida interior dos homens, as suas paixões, o seu caráter, o seu comportamento, em flagrante oposição ao idealismo platônico. Por outro lado, ao colocar a tônica no intelecto humano, admitia que a arte devesse exprimir o universal de cada um, isto é, “atribuir a um indivíduo de determinada natureza, pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza”. (MOISÉS, 2004, p. 336)

Beth Brait destaca, na concepção de Aristóteles, dois aspectos essenciais: o primeiro refere-se à personagem como reflexo da pessoa humana e o segundo diz respeito à personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto (BRAIT, 2006, p. 29).

Partindo dessa ótica, a construção do perfil do Getúlio personagem se dá pela verossimilhança interna do texto, em que vai sendo esculpido com base em fatos históricos, documentos oficiais e relatos de pessoas próximas ao Getúlio histórico, entrevistadas pelo autor, empenhado em resgatar o herói controverso. Para que haja uma construção significativa, a perspectiva da narração é múltipla, incluindo-se a do próprio personagem:

A crise atingia o ápice. Ele buscou, com os olhos cansados, à direita, a figura de Osvaldo Aranha, que lhe pareceu, com sua cabeleira branca, quase épica, apesar de banalidade dos homens e do poder para quem, como ele, Getúlio Dornelles Vargas, já fora tudo na vida, mas tudo mesmo, conservador e revolucionário,

ditador e democrata, oligarca e “pai dos pobres”, conspirador e vítima de conspiração, predador e presa. (SILVA, 2004, p. 14)

As comparações que moldam a personagem podem ser decodificadas a partir da história recuperada e reinventada pelo autor. Em se tratando de literatura, faz-se mister uma “preparação especial de aspectos esquemáticos na obra ficcional, já que desta forma é solicitada a imaginação concretizadora do apreciador” (CANDIDO, 1976, p. 14). Assim, o personagem Getúlio Vargas pode ser lido tanto como Presidente da República quanto como ditador, sem que nenhuma destas informações seja falsa. A ficção, diz Antônio Cândido, é um lugar ontológico privilegiado:

Lugar em que o homem pode viver e contemplar através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação. (CANDIDO, 1976, p. 48)

Em consonância com as características do romance biográfico, levantadas por Mikhail Bakhtin no estudo da tipologia histórica do romance, e com os estudos de Philippe Lejeune sobre gêneros literários referenciais, sumarizados no segundo capítulo deste trabalho, propomo-nos analisar o romance *Getúlio* a partir dos conceitos bakhtinianos de exotopia e cronotopo.

No caso específico do romance biográfico, o autor, ou, em última análise, o biógrafo, examina o biografado de um **lugar exterior**, de onde situa o sujeito da

biografia num dado ambiente, que é o que cerca o biografado, e em relação ao qual é situado pelo escritor. Marília Amorim resume a visão bakhtiniana da criação literária:

A delimitação do artista dá um sentido ao outro, fornece uma visão do outro que lhe é completamente inacessível. Não posso me ver como totalidade, não posso ter uma visão completa de mim mesmo, e somente um outro pode construir o todo que me define. (AMORIM, citado em BRAIT, 2006, p. 96)

A partir de sua posição exotópica, o artista, ou o biógrafo, realiza um ato de generosidade, de **dar** daquilo que somente sua posição permite ver e entender. A relação entre pesquisador (biógrafo) e pesquisado (biografado), no entanto, deve ser dialógica. Nenhum dos discursos deve obliterar o outro. Nesse particular, revela-se a ideologia que é inerente ao biógrafo que, certamente, fará intervir sua posição exterior, “suas teorias, seus valores, seu contexto sócio histórico, para revelar do sujeito algo que ele mesmo não pode ver” (AMORIM, citado em BRAIT, 2000, p. 100).

O intuito desta pesquisa é entender que tipo de líder foi Getúlio Vargas, um líder dedicado e corajoso ou um tirano. Na visão de Tércio Ramos, o biógrafo fictício, narrador de uma história de vida de outra personagem, Getúlio teria sido o líder de que o Brasil necessitava na época.

Ele (Getúlio) foi um homem da sua época e entendi que ninguém fez mais pelo Brasil do que ele [...] Getúlio morreu porque decidiu diminuir o fosso entre ricos e pobres, fortalecer os sindicatos dos trabalhadores, promover a ascensão social dos mais desfavorecidos. (SILVA, 2004, p. 406)

A ação do romance se desenvolve em apenas algumas horas, o tempo de duração da reunião ministerial convocada por Getúlio Vargas na madrugada de 24 de agosto de 1954, para enfrentar a crise política que ameaçava o governo.

**Passava bastante da meia noite.** Já se vivia a madrugada de 24 de agosto de 1954. No salão de refeições dos barões de Friburgo, primeiros donos do Catete, transformando em sede da Presidência poucos anos depois da implantação da República, o ministério estava quase completo. (SILVA, 2044, p.13).

A narrativa do suicídio de Vargas, o clímax do romance é circular. Inicia-se na reunião ministerial que precede o aziago 24 de agosto de 1954, acompanha a movimentação da personagem Getúlio Vargas através do tempo, a partir de longínquas recordações de infância e termina com o final inconcluso da reunião ministerial: “[...] **Passava das quatro horas da manhã de 24 de agosto de 1954**” (SILVA, 2004, p.224, ênfase acrescentada).

O tempo da narrativa é enfatizado pelo paralelismo das frases que marcam o início e o fim da reunião ministerial. É um romance biográfico construído em determinado momento sócio-histórico, cujas soluções estéticas o colocam entre os romances modernos. A obra de Juremir Machado da Silva é ao mesmo tempo, um romance referencial que aborda a realidade vivida pelos brasileiros entre os anos de 1930 e 1954, e uma obra literária complexa que se utiliza de técnicas narrativas diversas. Vargas é mostrado na intimidade e na solidão do poder, mas, sobretudo, como o líder incontestável que sempre detém a palavra final.

Os vinte e sete capítulos da primeira parte levam o leitor do início ao término da reunião ministerial, quando um Osvaldo Aranha comovido afirma, “em poucos minutos que lhe haviam parecido, pelo menos, 24 anos” haver apenas duas

soluções para a gravidade da situação: a resistência pessoal ao preço da própria vida ou a renúncia do presidente Getúlio Vargas (SILVA, 2004, p. 224). Getúlio responde com palavras proféticas: “ – Como não chegaram a nenhuma decisão, declaro que aceito uma licença. Mas se vierem me depor, encontrarão o meu cadáver” (SILVA, 2004, p. 224). E retira-se de cabeça erguida.

O que está em pauta é a crise política, para cuja solução o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, encontra apenas uma saída: o suicídio. Existem duas linhas narrativas, uma delas centra-se nos dias que antecederam o suicídio de Getúlio Vargas, o bombardeio de acusações contra o presidente. O Getúlio dos últimos dias apresentado no romance já está velho e alquebrado. A segunda linha narrativa acompanha as lembranças do ícone do populismo brasileiro desde os tempos de infância, bem como seus reflexos sobre os aliados políticos que, em algumas ocasiões, se viraram contra ele para depois voltar a gravitar sob sua esfera de influência.

O suicídio de Vargas ocorre apenas no vigésimo primeiro dos vinte e nove capítulos da segunda parte. Seguem-se descrições da reação popular à morte do presidente, no Rio de Janeiro.

As datas importantes da trajetória política de Getúlio Vargas são apresentadas em retrospectiva, do ponto de vista de vários personagens. Constitui-se assim o pano de fundo do romance, com todos os fatos que levaram ao 24 de agosto de 1954. A narrativa é em terceira pessoa: o narrador onisciente penetra no pensamento de Getúlio Vargas e dos personagens secundários. O leitor percorre vários incidentes da vida de Getúlio – relações familiares, as primeiras conquistas políticas, conflitos de caráter pessoal e de homem público – levado pelas

lembranças do próprio Getúlio e de outros personagens. Trata-se, portanto, de uma narrativa de memória.

O tempo da narrativa, na primeira parte, estende-se de recordações remotas da infância de Getúlio Vargas até a madrugada de 24 de agosto de 1954, com o término da reunião com os ministros no Palácio do Catete. Após várias digressões ao passado, a narrativa retorna sempre ao tempo presente — a reunião ministerial —, em um movimento de vai-e-vem. O romance utiliza-se também do recurso de capítulos intercalados, em que duas vozes não identificadas emitem julgamentos sobre o personagem Getúlio. Os capítulos dois, seis e doze da primeira parte, constituem-se de diálogos entre dois personagens, designados apenas como “o velho” e a “anciã ou velha senhora”, situados no presente da narrativa, o ano de 2004. No segundo capítulo a discussão segue acalorada sobre o totalitarismo do governo Vargas:

— Getúlio não era um caudilho — balbuciou o velho, enquanto procurava uma cigarrilha escura no bolso interno do casaco.

— Vargas foi mais em tudo — riu a velha senhora. — Foi um ditador à brasileira. Fez tudo o que os outros fizeram, um Trujillo, um Perón, um Duvalier, um Pinochet, mas a clareza disso tudo se perdeu na típica confusão brasileira. No Brasil, até a ditadura é morena, meio democracia, meio sacanagem, meio a gente vai levando. (SILVA, 2004, p. 17)

A mulher critica causticamente Getúlio, enquanto o homem aponta as grandes realizações do político gaúcho. Os personagens são nomeados apenas no final da trama. Trata-se de Tércio Ramos, o biógrafo de Getúlio Vargas encarregado da guarda dos diários do presidente e Hanna, que é apresentada por Juremir

Machado da Silva como uma amiga íntima<sup>21</sup> da esposa alemã de Lutero Vargas, filho de Getúlio, que fora deportada para a Alemanha por ordem de Getúlio Vargas.

Inge era uma mulher muito à frente de sua época. Dormíamos juntas, às vezes, e até nos acariciávamos, como duas crianças brincando com os próprios corpos. Mas não éramos lésbicas nem nada. Éramos moças irreverentes. Inge via o corpo humano como uma obra de arte e gostava de me examinar como um modelo sem segredos para ela. Mas era capaz de dar beijinhos leves nos lábios das amigas. Travessuras. Lutero nos surpreendeu na cama sem que o víssemos. (SILVA, 2004, p. 408)

A página final da primeira parte é melancólica. O personagem reflete, amargurado: “todos falavam nele, Getúlio, tudo isso se exprimia nele, sem que ele pudesse impedir essa babel inexistente” (SILVA, 2004, p. 223).

Na segunda parte, a narrativa retorna ao dia 5 de agosto de 1954, com o atentado a Carlos Lacerda, e se estende até o distante 2004, no Rio de Janeiro. A epígrafe, “... para entrar na História”, remete à carta testamento, objeto de interpretações e comentários divergentes, conforme a ideologia do comentarista. Como vimos anteriormente, houve mais de um bilhete suicida na trajetória de Getúlio. Juremir Silva destaca a familiaridade do personagem com a ideia de morte: “A morte, pensou, Getúlio, era tão circunstancial como esses nomes, circunstancial e inominável. Depois de 1930, acostumou-se a ela”. (SILVA, 2004, p. 92).

A segunda parte consta de vinte e nove capítulos. Nos capítulos cinco, quatorze e vinte e quatro, retornam os personagens já introduzidos nos capítulos

---

<sup>21</sup> Anexo 2: Das carícias proibidas à tragédia nacional, de Roberto Pompeu de Toledo.

intercalados da primeira parte. Os anciãos conhecem toda a trajetória de Getúlio Vargas e, durante uma visita ao museu do Catete, dão informações ao leitor sobre a vida pessoal, política e ministerial de Vargas, suas atitudes e comportamentos.

O ancião assume em toda a narrativa o papel de defensor de Getúlio:

– Vargas foi injustiçado – vociferou o ancião. – atribuíram-lhe coisas que não podia saber. Em 1936, por exemplo, quando deportou a mulher de Prestes, ninguém no mundo sabia dos campos de concentração. É preciso lembrar que Getúlio venceu uma oligarquia e, com o voto secreto, acabou com o voto de cabresto, com os currais eleitorais e com a política do café-com-leite, a divisão do poder entre Minas Gerais e São Paulo. O Estado Novo foi uma circunstância na vida de um homem que sonhava com a liberdade para todos. (SILVA, 2004, p. 167; 168).

Em contrapartida, o caminho seguido pela anciã vai em direção contrária, passou a vida alimentado ódio profundo por Getúlio Vargas: “Passei a minha vida odiando Vargas e tentando saber tudo sobre a sua vida e o destino que deu ao Brasil [...] Tive algumas paixões: a pintura, a escultura [...] e uma paixão negativa, a maldita história de Getúlio Vargas” (SILVA, 2004, p. 39). Para Tércio, Vargas foi injustiçado, até o final acredita no sonho de Getúlio Vargas, de liberdade para todos.

Os capítulos finais de 26 a 29 constituem um breve retrospecto das ações e reações à morte de Getúlio Vargas, nos círculos políticos do governo e da oposição. O narrador onisciente finaliza o romance relatando como estão os personagens secundários do enredo, cinquenta anos após os acontecimentos de 1954: o pistoleiro Alcino João do Nascimento; a Bem-amada – Virgínia Lane<sup>22</sup>, as mulheres fortes da família Vargas – a filha Alzira e a mãe dona Candoca e a nova geração, Celina Vargas do Amaral Peixoto e Edith, filha de Jandira. Deve-se a Celina Vargas a edição e publicação dos diários de Getúlio dando continuidade ao trabalho iniciado

---

<sup>22</sup> Era uma das que receberam esse título “segundo o narrador”.

por Alzira. O narrador vê na sucessão de gerações a sobrevivência do mito indecifrável de Getúlio Vargas.

Tudo se bifurca, novas gerações espalham os seus ramos e recomeça o que nunca cessou, a forja da vida, a arte do esquecimento pelo trabalho da reconstrução, com suas lembranças, distorções e novas velhas histórias: Getúlio permanece como um velho umbu a dar sombra e guarida a umas e outras, conciliando o inconciliável e tramando os pontos de um laço cada vez mais esgarçado e comprido. (SILVA, 2004, p.418)

A narrativa da segunda parte do romance abrange dois tipos de conflitos: o conflito principal, que abrange os embates políticos e sociais da época bem como, a disputa pelo poder entre os inimigos e aliados de Getúlio Vargas; o conflito secundário se dá na pressão pela renúncia de Vargas à presidência da república. Ainda na segunda parte do romance destacaremos as datas que precedem o suicídio de Vargas e de que forma a pressão da crise e a disputa pelo poder derrotam tanto o herói do romance *Getúlio*, como o seu modelo extratextual, Getúlio Dorneles Vargas, presidente da República, com um tiro certo<sup>23</sup>.

Estes conflitos são marcados pela presença constante de Carlos Frederico Werneck de Lacerda<sup>24</sup>, capaz de planejar um atentado a si próprio para derrubar Getúlio e cuja mente era “um liquidificador de partículas atômicas” (SILVA, 2004, p. 162) — que acusa obsessivamente o governo de Getúlio Vargas de fraude. O extremismo de Lacerda fica evidente no diálogo com Paulo Amato:

---

<sup>23</sup> Entre as diversas expressões usadas pela imprensa estão: o tiro que atravessou a história e o tiro que atravessou as entranhas do Brasil.

<sup>24</sup> Nasceu em 30 de abril de 1914, no Rio de Janeiro e morreu em 21 de maio de 1977. Foi jornalista e político, membro da União Democrática Nacional (UDN), vereador em 1945, Deputado Federal entre 1947–55 e governador do estado da Guanabara de 1960–65. Fundador e proprietário do jornal *Tribuna da Imprensa* em 1949 e da editora Nova Fronteira em 1965.

– É o fim deles, Amato, é o fim – exclamava.

[...]

– Só resta para eles me matar, pois vou acabar com a raça deles. Acho que seria capaz de montar um atentado contra mim mesmo para enterrá-los de vez. Chegou a hora da onça beber água. (SILVA, 2004, p. 163)

Em seu jornal *Tribuna da Imprensa*, trazia à tona fatos passados e lançava acusações: o favoritismo de Samuel Wainer, que de pobretão passara a dono do jornal *Última Hora*; as falcatruas de Gregório Fortunato que, mancomunado com Bejo, comprava carros em Porto Alegre para vender no Rio de Janeiro ilegalmente; além de escândalos como o da Cexim<sup>25</sup>. Bejo era considerado símbolo da corrupção e acusado de se aproveitar da proximidade com o poder para aplicar uma política clientelística e de favoritismo. Para avaliar as reações do personagem às acusações de corrupção e favoritismo, o narrador onisciente penetra na “cabeça de Getúlio”: “O país se diluía numa mistura candente de pequenas verdades e grandes mentiras” (SILVA, 2004, p.223).

Dessa forma, à medida que aumentavam as críticas muitas vezes caluniosas contra o governo de Getúlio Vargas, crescia também em Gregório Fortunato a crença de que era necessário tirar Carlos Lacerda do caminho do presidente: “em cada canto, sob as palmeiras do jardim do Catete, nas ruas, por onde andava, alguém lhe falava da importância de silenciar o Corvo” (SILVA, 2004, p. 137).

O clima continuava tenso no Catete. As datas que apresentaremos na sequência, reforçam os acontecimentos que provocaram a crise final, num crescendo de tensão que traz o leitor para o centro da repercussão sobre os diversos personagens.

---

<sup>25</sup> Carteira de Exportação do Banco do Brasil (CEXIM) recebe a acusação de ter financiado a campanha de Vargas com oito milhões de cruzeiros e emprestado vinte e seis milhões de cruzeiros para a compra da gráfica Erica. Escândalo este que custa o emprego de Jafet.

As acusações contra o governo Vargas não cessavam. Na reunião ministerial todos estavam com os ânimos exaltados, em busca de uma solução, “Zenóbio bufava, Guilhobel e Epaminondas pareciam suspensos no ar, Mascarenhas fingia tranquilidade soberana” (SILVA, 2004, p. 156). Os insultos eram dirigidos uns aos outros abertamente. Era repercussão direta do atentado a Carlos Lacerda, ocorrido em 5 de agosto de 1954.

Após o término de uma palestra no externato mariano São José, onde dera continuidade aos ataques a Getúlio Vargas, Carlos Lacerda é surpreendido por um pistoleiro que dispara o seu Smith & Wesson 45, atingindo o jornalista de raspão, mas ferindo de morte do major-aviador Rubens Tolentino Vaz. Passava da meia noite, já era **5 de agosto de 1954** (SILVA, 2004, p. 228). O paralelismo das datas que indica o passar do tempo, mede a tensão crescente que se transmite ao leitor, “mas, perante Deus, acuso só um homem como responsável por esse crime” (SILVA, 2004, p. 235). Diz Lacerda aos jornalistas.

A notícia chega cedo ao Catete, “a marcha dos acontecimentos ganha velocidade” (SILVA, 2004, p. 237). Não há outro assunto, rádios, jornais e discursos, tudo gira em torno do atentado.

Em reunião no apartamento de Alzira Vargas, à qual estavam presentes Ernani, Flores, Osvaldo, Jango, Bejo e Lutero, Getúlio decide pela renúncia. Ouvem-se protestos gerais.

Já se elevavam as vozes de Osvaldo, “nunca, você não é homem de sair de fininho”, de Flores, “é isso que todos querem, que largues o osso, que dê com a cola na cerca”, e de Bejo, “podemos resistir, vamos resistir, não se fala mais de renúncia”. (SILVA, 2004, p. 259)

Contudo, o pior ainda estava por vir. No dia **9 de agosto**, o jornal *Tribuna da Imprensa* divulga “Vargas está deposto pelo sangue que fez derramar” e no dia **10 de agosto**, publica uma súmula dos crimes passados atribuídos a Vargas:

“Quatro crimes de morte na vida pregressa de Vargas.” E lá estavam, descosturados, falsificados, requentados, o caso de Ouro Preto, o assassinato de Aureliano Coutinho, o atentado contra os índios Inhacorá, o caso de Benjamim Torres. E tudo volta aqui ou ali, na *Tribuna* ou fora dela, uma compra de Rolls Royce, a *Última Hora*, Jafet, um carro para o piloto Chico Landi, presente de empresário, entre os quais o próprio Jafet, atribuído a ele, Getúlio, através do Banco do Brasil. Tudo era ele. E ele já não era, talvez, mais nada, ou somente um presidente liquidado, uma sombra cansada. (SILVA, 2004, p. 262)

Diante das acusações constantes e virulentas de Carlos Lacerda, o presidente Getúlio Vargas discursa no dia **12 de agosto** condenando o “gérmen da discórdia”, lançando um grito que se convertem em uma “declaração de guerra”:

As injúrias que me lançam, as pedras que me atiram, a objurgatória, a mentira e a calúnia não conseguiram abater o meu ânimo, perturbar a minha serenidade, nem me afastar dos princípios de amor e humildade cristã por que norteio a minha vida e que me fazem esquecer os agravos e perdoar as injustiças. Por outro lado, não terei condescendência para aqueles que se fazem agentes do crime ou instrumento de corrupção”. [...] Saberei resistir a todas e quaisquer tentativas de perturbação da paz e da tranquilidade públicas. (SILVA, 2004, p.267)

Apesar de amargurado pelas acusações, Getúlio não se deixa abater. O velho líder ainda tem forças para acusar detratores com palavras cortantes e mostrar firmeza na punição. Os princípios cristãos de amor, humildade e perdão são um apelo ao povo, a quem vê como os seus seguidores. O **líder** de uma nação não se

mostra fraco, contudo, em **13 de agosto**, o **homem** rabisca um bilhete de desistência: “Deixo à sanha dos meus inimigos...” (SILVA, 2004, p. 275).

Para Getúlio Vargas, o tempo não passa e sente o gosto de sal na boca, trazido pelo vento do mar. As suspeitas caem sobre Gregório: a hora de Gregório havia chegado; apesar de ter sido interrogado no dia 11 de agosto fora preso somente no dia 15, dentro do Catete (SILVA, 2004, p. 295). O dia **19 de agosto** não termina, Getúlio contempla o calendário, absorto nos problemas que se acumulam.

No dia **21 de agosto**, na prisão, Gregório Fortunato chora convulsivamente e declara-se abandonado por Bejo (SILVA, 2004, p. 311). No Catete Getúlio está escorado no parapeito da sacada da capela, em diálogo com Osvaldo Aranha. Percebe-se o enfraquecimento do líder do povo brasileiro.

- Mas que é isso, meu amigo, um homem forte chorando?
- Estamos no fim, Osvaldo, estamos no fim.
- De jeito nenhum, Getúlio. Não é assim. Vamos lutar. (SILVA, 2004, p.309)

Getúlio Vargas acorda muito cedo no dia **22 de agosto** e toma um mate que lhe parece mais amargo do que de costume (SILVA, 2004, p.313). Até mesmo os antigos companheiros voltaram-se contra ele, como Bilac Pinto que ataca o presidente acusando-o de coautor do crime da Rua Tonelero: “de acordo com o Código Penal, artigo 25, o Presidente da República deve ser preso” (SILVA, 2004, p. 314).

Café Filho propõe ao presidente que renunciem juntos: “Fomos eleitos juntos, na mesma chapa, o que muito me honrou; renunciaremos, agora, juntos, no mesmo destino, o que muito me honrará” (SILVA, 2004, p. 323). Mas Getúlio ainda resiste:

– Enganam-se os que me acreditam incapaz de renunciar e me atribuem, como sempre, desejo de não me afastar do poder – disse Vargas, quase com resignação – Estou velho e esgotado, com vontade de me recolher. A situação é realmente difícil. Não contesto o quadro que o senhor me traçou. Posso largar isso aqui, largar definitivamente... [...] - Vou pensar, prometo-lhe. (SILVA, 2004, 324; 325)

O **dia 23** ecoa em conversas cruzadas, novas articulações e soluções impossíveis. No **dia 24 de agosto**, reúnem-se na casa do Marechal Mascarenhas de Moraes, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), Canrobert Pereira da Costa, Juarez Távora, Fiúza, Carperter e Eduardo Gomes, que redigem manifesto exigindo a renúncia do presidente. Getúlio está deposto (SILVA, 2004, p. 329). Um Mascarenhas de Moraes pálido apresenta a Getúlio “o ultimato dos brigadeiros históricos” (SILVA, 2004, p. 333).

Depois de ler o documento de renúncia Getúlio responde com uma negativa: “– Mas eu não aceito [...] Querem me escorraçar daqui como um criminoso. Não pratiquei nenhum crime. Daqui, só sairei banhado de sangue, morto” (p. 333).

– Não renuncio. Fui eleito pelo povo brasileiro para um mandato de cinco anos. Conto com as Forças Armadas para cumpri-lo. Se tudo me faltar, se for abandonado pela Marinha, pelo Exército, pela Aeronáutica, pelos amigos, resistirei sozinho. Estou velho. Derramarei meu sangue para defender um direito que conquistei nas urnas. Já vivo muito, já comi muita carne. Posso morrer. Mas, antes, lançarei um manifesto à nação; depois, morrerei lutando. (SILVA, 2004, p. 333)

A estrutura circular da narrativa completa-se, no clímax da trama, com a decisão de Getúlio de não renunciar ao cargo, mas de buscar uma saída honrosa, anunciada desde as primeiras páginas do romance. Mostra, ainda, a firmeza do

líder, a decisão de lutar pelo direito constituído de representar o povo brasileiro, que se sobrepõe aos presságios agourentos do personagem, que iniciam a narrativa: **“agosto, mês de cachorro louco”**; **“agosto, mês de cavalo magro entregar a carcaça nos campos de São Borja”**; **“mês de desgosto”**; **“agosto, mês de lembranças”** (SILVA, 2004, p. 11; 12, ênfase acrescentada).

Nos dias seguintes à morte de Getúlio, instaura-se o quebra-quebra; o povo se revolta contra o movimento lacerdista, cujo líder é afastado sob proteção policial; pessoas da família Vargas são chamadas para depor; Gregório Fortunato assume ser o mandante do atentado a Lacerda. Morreria na prisão anos depois, em 1962.

A narrativa segue até o ano de 2004. O ancião Tércio Ramos caminha com dificuldade pela rua, em direção à própria casa nas proximidades do Catete, para apanhar os diários que Getúlio lhe confiara e que guardara todos estes anos: “Vai, enfim, abrir as páginas da história para os incrédulos e para os maledicentes. Vai, ultrapassados cinquenta anos de atrito com o passado, ensinar como se escreve a História do presente” (SILVA, 2004, p. 412). Inicia-se uma grande agitação e sirenes cortam a rua do Catete, ouvem-se tiros e Tércio é atingido no peito **dois dedos abaixo do mamelão esquerdo** (SILVA, 2004, p. 413, ênfase acrescentada), caindo sobre a **calçada repleta de lama**. O mar de lama atinge até os inocentes.

O autor enfatiza propositalmente os paralelos entre as duas mortes. As mesmas palavras são usadas pelo narrador para descrever o suicídio de Getúlio:

[...] “Sinto que só o sacrifício da vida poderá resgatar o erro de um fracasso”. Agosto..., pensa. Já comi muita carne, pensa. Segura o revólver, calibre32, cabo de madrepérola, leva-o **dois dedos abaixo do mamelão esquerdo**. Chegara num 24. Partiria num 24. Respira fundo, muito fundo. Se não posso impedir o golpe como homem, o farei como cadáver, pensa. A mão treme-lhe por um segundo, antes de

petrificar-se numa decisão sem volta. É o último lance. Dispara. Um tiro no coração! Abre-se um orifício no pijama listrado. (SILVA, 2004, p. 363, ênfase acrescentada)

Como Getúlio, Tércio é atingido no peito, **dois dedos abaixo do mamelão esquerdo** (SILVA, 2004, p.413, ênfase acrescentada). Ironicamente o biógrafo criado pelo autor do romance, com o fim de fazer julgamentos do personagem Getúlio, segue o mesmo destino do biografado. É atingido por tiros trocados entre a polícia e criminosos, supostamente envolvidos na fuga de um prisioneiro – o notório Fernandinho Beira Mar.

Atrás dele, a fachada do Palácio do Catete parece a lápide de um túmulo gradeado e cimentado desde sempre. Não, não é lúgubre, nem fria [...] Chega, fraco, muito fraco, um **cheiro de mar** [...] A noite vem descendo e não há ninguém ali para lembrar Getúlio, a não ser os fantasmas que sobem e descem os 36 degraus da escadinha apertada que leva do segundo ao terceiro piso e repetem um “**grande gesto**” de foro íntimo que ninguém viu, mas que ninguém jamais esquecerá. (SILVA, 2004, p. 413, ênfase acrescentada).

### 3.2.1 Cronotopo e destinos políticos

*Esta carta será a bandeira, o lema e o catecismo de todos os trabalhadores do Brasil, que, tenho a certeza, represento neste instante e os que choram, como chora todo o povo brasileiro, a sua morte.*

João Goulart

O romance *Getúlio* traz ao leitor a história de um líder que, na luta pelo poder, deslocou-se no tempo e no espaço: do Rio Grande do Sul, em 1930, ao Rio de Janeiro em 1954. Os fatos passados vão sobrepondo-se uns aos outros, numa sucessão de datas em que o personagem deve assumir papéis diferentes: o líder

carismático, o político contemporizador, o governante cioso de suas responsabilidades, o tirano que recorre a quaisquer meios para atingir objetivos. Conforme informado acima, utilizamos o conceito bakhtiniano de cronotopo, uma “categoria da esfera conteudístico-formal da literatura” (BAKHTIN, 1993, p. 211), para estruturar a análise dos destinos políticos do personagem.

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os indícios do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (BAKHTIN, 1993, p. 211)

Não se encontra tal fusão completa entre indícios espaciais e temporais no romance *Getúlio*. Entretanto, como a sequência de episódios, associados intimamente ao tempo e ao espaço em que ocorreram, determina a trama, utiliza-se na análise o conceito de cronotopo como simples fusão de tempo e espaço. Embora o conceito bakhtiniano de um “todo compreensivo e concreto” não se aplique ao romance *Getúlio*, a associação espaço-temporal que estrutura o romance determina o sentido de uma história de vida, nos dois planos da pessoa humana: o plano espacial, “o corpo”, e o temporal “a alma” (BAKHTIN, 1997, p. 14), que são os sentimentos, desejos, atitudes e ideias do personagem Getúlio.

Os dois planos da pessoa humana Getúlio são vistos de fora por seu biógrafo romancista Juremir Machado da Silva. Como se trata de um romance, o autor pode retratar o herói, selecionando episódios de sua vida — atos, pensamentos e sentimentos — conforme sua visão do personagem histórico.

Uma vida encontra um sentido, e com isso se torna um ingrediente possível da construção estética, somente se é vista do exterior, como um todo; ela deve estar completamente englobada no horizonte de alguma outra pessoa; e, para a personagem, essa alguma outra pessoa é, claro, o autor. (BAKHTIN, 1997, p. 6)

Para analisar o romance selecionamos dois cronotopos como ponto de partida: a reunião ministerial no Salão dos Banquetes do Palácio do Catete, na madrugada de 25 de agosto e o diálogo de Getúlio com Góis Monteiro, algum tempo antes, na Clínica São Vicente, onde o general fora internado. “O ambiente da clínica, o fantasma da morte, sua tristeza, os temores de Góis, tudo ajudou para que falassem abertamente, perdendo a noção do tempo e confessando o inconfessável” (SILVA, 2004, p. 50; 51). O pensamento de Getúlio oscila entre os dois cronotopos, a reunião ministerial e a visita a Góis Monteiro. Nesta última os dois personagens fazem um verdadeiro retrospecto dos fatos históricos principais de que foram personagens desde 1930. Entre estes, selecionamos para a análise os acontecimentos que ocorreram nas datas previstas pela velha adivinha Marcolina, nos tempos vividos na campanha gaúcha, e referenciadas pelo personagem Getúlio: 1930, 1932, 1935, 1937, 1945, 1950, 1954 (SILVA, 2004, p. 34).

O narrador onisciente informa que Getúlio “intercalava os seus grandes silêncios com os jorros de fala que só os íntimos conheciam” (SILVA, 2004, p. 51). Refere, ainda, o que se pensava dele na época. Para o escritor Menotti del Picchia, por exemplo, Getúlio “tinha o olhar periférico da mosca e mais uma supervisão das distâncias” (SILVA, 2004, p. 13). A capacidade de guardar para si seus pensamentos, mantendo-se em silêncio observador será a característica recorrente tanto do personagem ficcional como do sujeito histórico. Ambos emergem do

romance e dos relatos biográficos como líder inescrutável, cuja palavra final é aguardada em suspense por seus liderados. Examinamos o romance de sua vida a partir da data crucial que marca o início de sua escalada à presidência da República.

**3 de outubro de 1930.** “Quando tudo, de fato, começou, com a deflagração da revolução liderada por ele, que mudou o Brasil”... (SILVA, 2004, p. 11). No salão do Palácio do Catete, examinando seus Ministros reunidos à volta da mesa, os pensamentos do personagem Getúlio o conduzem de volta ao Rio Grande do Sul. Lembra-se de que anotara no diário, iniciado naquela mesma data: “A minha sorte não interessa e sim a responsabilidade de um ato que decide o destino da comunidade”. O senso de responsabilidade pelo bem comum é reforçado pelo narrador que destaca sua capacidade de antecipação de calcular ações e **das expectativas de todos os envolvidos** (SILVA, 2004, p. 12, ênfase acrescentada).

Recorremos a um documento a um tempo particular e histórico, os diários de Getúlio Vargas, para estabelecer diálogo entre a ficção e a história. A entrada de 3 de outubro de 1930, no diário de Getúlio Vargas, estabelece temas recorrentes nas biografias e textos ficcionais escritos a seu respeito. O cronotopo 1930 - Rio Grande do Sul é o período decisivo na carreira política de Getúlio Vargas, um período de tensão e de estratégias para o sucesso da revolução que mudaria para sempre os destinos do país.

As palavras proféticas registradas no diário “Sinto que só o sacrifício da vida poderá resgatar o erro de um fracasso” se realizam no suicídio do personagem que, decidido a imolar a própria vida, registra pela última vez em agosto de 1954 sua intenção inabalável: “serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e

saio da vida para entrar na História”<sup>26</sup> (SILVA, 2004, p. 367). De volta ao cronotopo 1930 - Rio Grande do Sul lê-se no diário de Getúlio:

Quatro e meia. Aproxima-se a hora. Examino-me e sinto-me com o espírito tranquilo de quem joga um lance decisivo porque não encontrou outra saída digna para seu estado. A minha sorte não me interessa e sim a responsabilidade de um ato que decide do destino da coletividade. Mas esta queria a luta, pelo menos nos seus elementos mais sadios, vigorosos e ativos. Não terei depois uma grande decepção? Como se torna revolucionário um governo cuja função é manter a ordem? E se perdermos? Eu serei depois apontado como o responsável, por despeito, por ambição, quem sabe? Sinto que só o sacrifício da vida poderá resgatar o erro de um fracasso. (VARGAS, 1995, p. 4)

A consciência de que será apontado como responsável em caso de fracasso; o receio de ser traído e o sacrifício da própria vida como único resgate do erro são motes que se repetem em outros momentos. O texto ficcional traz informações sobre o dia de Getúlio, em 3 de outubro de 1930: tinha “despachado com seu secretário do governo **até iniciado** um diário (SILVA, 2004, p.11;12, ênfase acrescentada). De volta à reunião ministerial, na madrugada de 24 de agosto de 1954, Getúlio examina seus ministros: os amigos que o haviam apoiado em 1930 e os que se manteriam fiéis em 1954. Concede-se voz ao personagem:

Sei o que todos eles desejam. Posso identificar a posição de cada um dos meus inimigos sem nenhuma sombra de dúvida [...] Sei quem me acompanharia na resistência, quem estaria disposto a morrer comigo e quem me proporá, com flores, entregar as rédeas e apeiar deste cavalo cansado. Já comi muita carne na vida, não preciso mais disto. Mas não sairei daqui humilhado. Estou velho demais para ser

---

<sup>26</sup> Reproduzido em *Getúlio*, na página 367, este trecho da Carta Testamento de Getúlio Vargas é mencionado também em Richard Bourne, na página 269.

pisoteado por pata de matungo e por esses leguleios da UDN<sup>27</sup>. Por mais que os milicos e a cachorrada do Lacerda imaginem o contrário, ainda posso dar as cartas e jogar de mão. (SILVA, 2004, p.12; 13)

O autor implícito ressalta a fortaleza do personagem que, em termos próprios do Rio Grande do Sul, expressa as glórias, o cansaço da luta e a do passado, bem como a decisão de não se deixar pisar.

Trata-se de narrativa de memória, de vai e vem — em que Getúlio mentalmente volta ao passado e lembra vários episódios de sua vida. As indicações do tempo se repetem amiúde. De acordo com o objetivo de utilizar o cronotopo do romance para estruturar a análise, subordinamos a escolha de pontos de referência em que o elemento tempo-espaço esteja associado a conflitos do líder frente a decisões difíceis, no decorrer do romance. “Agosto, mês de lembranças” (SILVA, 2004, p. 12); [...] “já se vivia a madrugada de 24 de agosto de 1954” (p. 13); “[...] quando a luz do dia invadiu o gabinete, Getúlio preparava-se, neste início de agosto de 1954, para escrever mais um bilhete, mas para Gustavo Capanema, seu líder na Câmara dos Deputados” (p. 31); Getúlio sempre acreditou que o Brasil tinha começado a mudar em 5 de julho de 1922” (p. 38); “Talvez um dia precisasse mostrar a Lutero o que anotara em seu diário no dia 18 de setembro de 1940” (p. 210); “Estava terminada a reunião do ministério”. “Passava das quatro horas da manhã de 24 de agosto de 1954” (p. 224).

Nas inúmeras crises de sua vida política, o personagem lembra com desgosto a humilhação sofrida em 1945, quando fora deposto pelo próprio amigo e

---

<sup>27</sup> União Democrática Nacional, partido político brasileiro criado a 7 de abril de 1945 e extinto em 27 de outubro de 1965. Surgiu originalmente como uma frente, ou seja, um grupo arregimentado de políticos e cidadãos sem uma agenda política específica. A causa fundamental dos udenistas era fazer oposição ao regime do Estado Novo e qualquer doutrina originária de seu governo.

aliado fiel, Góis Monteiro. Repete-se na ficção a afirmativa do personagem histórico de não suportar humilhações.

Ainda em anotações diarísticas 1930, após ter tomado o poder de Washington Luís, pensara em como as reflexões do presidente deposto seriam amargas naquele momento de derrota. Lembra-se das humilhações recebidas quando ele próprio governava o Rio Grande, a ponto de desejar a morte, sua companheira de toda uma vida.

Quantas vezes desejei a morte como solução da vida. E, afinal, depois de humilhar-me e quase suplicar para que os outros nada sofressem, sentindo que tudo era inútil, decidi-me pela revolução, eu, o mais pacífico dos homens, decidido a morrer. E venci, vencemos todos, triunfou a revolução! Não permitiram que o povo se manifestasse para votar, e inverteram-se as cenas. Em vez de o sr. Júlio Prestes sair dos Campos Elísios para ocupar o Catete, entre as cerimônias oficiais e o cortejo dos bajuladores, eu entrei de botas e esporas nos Campos Elísios, onde acampeei como soldado, para vir no outro dia tomar posse do governo no Catete, com poderes ditatoriais. O sr. Washington Luís provocou a tormenta e esta o abateu. (VARGAS, 1995, P. 27)



**Figura 2** - Getúlio Vargas e revolucionários passando pelo Paraná rumo ao Rio, na Revolução de 1930.

Fonte: [http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio\\_vargas.pdf](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio_vargas.pdf)

De volta ao diálogo entre Góis Monteiro e Getúlio, analisam-se os episódios ocorridos em 1932, a chamada Guerra Paulista, cujo objetivo era derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas. Os dois personagens lembram seus mortos na Revolução Constitucionalista.<sup>28</sup> “nossas tropas, na frente leste, avançavam ao custo de lamentáveis mortes, como a do Cícero” [...]. Ao que Góis retruca: “— Demos nosso sangue e nossa carne por esta nação” (SILVA, 2004, p. 52).

Tal revolução fora patrocinada pela oligarquia paulista com o fim de exigir do governo federal a reconstitucionalização do país. Vargas registra em seu diário, nos dias 10 e 11 de julho de 1932:

Irrompe o movimento da Revolução em São Paulo. Todo o tempo absorvido nas providências para combatê-lo. Morosidades, confusões, atropelos, deficiências de toda ordem, felonias, traição, inércia. Algumas dedicações revolucionárias. Um ato

<sup>28</sup> A Revolução Constitucionalista de 1932 aconteceu em São Paulo, foi uma insurreição contrária ao novo quadro político que se instaurou no país após a Revolução de 1930.

impressionante a solidariedade do Rio Grande, através de Flores da Cunha. A unanimidade do Norte, solidariedade e colaboração dos demais estados... (VARGAS, 1995, p. 115).

Do diálogo emerge também a avaliação dos desafetos a respeito dos dois companheiros: Vargas era considerado maquiavélico, golpista e raposa política; Góis era fascista, hitlerista e militar fanático por disciplina. Getúlio, com ar maroto e esperteza de líder confirma que “a política é mesmo um xadrez e exige uma certa dramaturgia” (SILVA, 2004, p. 53). Costumava assumir riscos e tomar decisões que desafiavam a opinião de terceiros, pois acreditava na sua intuição de político experiente. Houve diversas situações em que as decisões de Getúlio surpreenderam até mesmo seus aliados mais íntimos. Como diz Luis Cesar de Araújo, “o líder tem a capacidade de agir sem a aprovação e o reconhecimento constante dos outros” (2009, p. 345).

Segundo Richard Bourne, diplomatas estrangeiros no Rio, durante o período de conflitos, chegaram a pensar que Vargas não estava no controle da situação. Sir William Sleeds, embaixador britânico, surpreso com a fé do presidente em seu próprio destino, chegara a comentar com o secretário dos Negócios Estrangeiros:

Tudo é dúvida e apreensão, exceto no Palácio do Catete. Na minha entrevista de despedida com o chefe do governo ontem, Sua Excelência estava no auge de sua forma, fisicamente bem, mentalmente despreocupado, tão pronto a pilheriar sobre seus “tenentes” quanto sobre nosso De Valera<sup>29</sup>[...] pessoalmente nunca deixo de achar a atitude dele contagiante, e nem de confiar não somente na estrela dele, como também na habilidade despreziosa e muito real que lhe permitiu por tanto

---

<sup>29</sup> Éamon de Valera (nome de nascimento: *Edward George de Valera*), foi uma das figuras políticas dominantes do século XX na Irlanda, e um importante líder da luta pela independência da Irlanda em relação ao Reino Unido da Grã-Bretanha.

tempo manter este governo num ritmo progressivo, se não muito próspero. (BOURNE, 2012, p. 89)

Percebe-se que o caráter, a paciência, o espírito de liderança de Getúlio é percebido por lideranças de outros países como uma estratégia para garantir o sucesso diante das crises.

**1935. A Intentona Comunista.** As entradas de 24 e 25 de novembro no diário de Getúlio Vargas registram: “A conspiração comunista, estimulada pelas divergências políticas, explodiu em duas rebeliões: a do 21º Batalhão de Caçadores, em Natal, e a do 29º Batalhão de Caçadores, em Pernambuco” (VARGAS, 1995, p.444). Bem diferente é o relato de Góis Monteiro, personagem do romance, no diálogo examinado acima:

— Já em 1935, tivemos de estimular os comunistas para que pusessem a cabeça de fora e nos deixassem cortá-la em legítima defesa do regime A Intentona Comunista aconteceria de qualquer maneira, mas nossos agentes infiltrados ajudaram no parto. Erramos? Não. A época exigia medidas fortes, e vermelhos e verdes eram perigos reais se agigantando no horizonte. (SILVA, 2004, p. 57)

A resposta de Getúlio confirma que havia realmente “catalisado um processo que estava em gestação. Parecia até filho de burro: não nascia nunca” (SILVA, 2004 p. 58).

Reconhece que havia enchido as prisões “de gente sem qualquer processo” para o que suspendera “parcialmente” os efeitos da Constituição. Era necessário atender à pressão dos militares e da população civil, que exigiam um castigo exemplar para os rebeldes.

Confirma-se a característica recorrente do líder protagonista: manter o foco no objetivo comum utilizando-se de quaisquer meios. É traço relevante também da figura histórica, apontado, por biógrafos como “uma figura misteriosa, enigmática e inescrutável, um homem que representava coisas diferentes para diferentes pessoas” (LEVINE, 2001, p.14).

O biógrafo fictício do herói no romance, Tércio Ramos, admite ter perdoado o “carrasco de seu pai”, que fora morto por comunistas por ter servido fielmente a Getúlio e ao Estado Novo. Tércio é vencido pela obra de Getúlio e pelo que “ele foi para o Brasil” (SILVA, 2004, p. 406). Em seu relato ficcional, *Getúlio*, o romancista concede voz ao próprio personagem, para justificar suas ações:

Getúlio soltou as amarras. O pensamento ganhou velocidade, compilou emoções, confundiu personagens, misturou épocas, rompeu as fronteiras da política e tornou-se uma imensa bola gelatinosa de vivências e de rupturas. Então era ele o ditador, o calculista, o maquiavélico, e eterno golpista, o inimigo a ser abatido? Ele que tudo fizera inclusive o que não desejava com os oito anos de Estado Novo, para tirar o Brasil do atraso, salvá-lo dos nazistas, livrá-lo dos tubarões internacionais e elevá-lo à condição de verdadeira nação. (SILVA, 2004, p.22)

**10 de novembro de 1937.** O Estado Novo é anunciado por Getúlio Vargas.

No mesmo diálogo com Góis Monteiro, Getúlio desabafa:

– Precisávamos do golpe. A Constituição de 1934 era um entrave ao meu governo, e eu sempre disse que seria o primeiro a revisá-la. Depois, me convenci de que seria necessário rasgá-la. Existem momentos que não estão maduros para a democracia. [...] Sabemos que uma ditadura esclarecida pode ser um meio para um fim, nunca um fim em si mesma – explicou, quase perdendo o fôlego, como se precisasse desabafar. (SILVA, 2004, p. 55)

Zelinda Belinsky,<sup>30</sup> espiã a serviço da Alemanha e personagem do romance relata que, “as datas marcantes de Getúlio Vargas eram banhos de sangue, massacres de inocentes, esperanças abortadas, golpes tramados em porões, cabeças cortadas: 1932, 1935, 1937 e 1938” (SILVA, 2004, p. 150). Trata-se de mais um recurso narrativo do autor com o objetivo de dar relevância às datas e ao status da personagem. Zelinda, por quem Tércio Ramos, se teria apaixonado em 1940, desaparece sem explicação. Em diálogo com a velha senhora, no capítulo intercalado de número 24, Tércio informa ao leitor que Zelinda fora deportada para a Alemanha:

– Zelinda Belinsky?

– Sim, a mulher da minha vida. Foi entregue aos alemães, pouco antes da declaração de guerra ao Eixo pelo Brasil. Entregue por Filinto Müller, no rabo da sacanagem, quando já servia no Ministério da Guerra. (SILVA, 2004, p. 393)

Tércio procura apaixonadamente a namorada desaparecida. Apesar de chegar à conclusão de que ela fora deportada a mando do presidente, Tércio se torna um defensor de Getúlio Vargas. Pode-se dizer que a posição do biógrafo fictício como alterego do biógrafo narrador reflete o julgamento de Juremir Machado da Silva sobre Getúlio Vargas, a figura histórica.

Para a velha senhora, Getúlio adorava ser visto como o homem que viera de longe, morar em pensões, até mesmo quando era Deputado Federal no Rio de Janeiro e vencera (SILVA, 2004, p. 102). Contudo, seu governo fora arbitrário. Na revolução de 37, “os seus esbirros meteram mais de dez mil pessoas em masmorras de fazer inveja aos campos de concentração de Hitler” (SILVA, 2004, p. 102).

---

<sup>30</sup> Zelinda Belinsky foi deportada juntamente com Olga Benário, mulher de Júlio Prestes.

Richard Bourne informa que Getúlio se irritava com a competição entre esquerdistas e o *status quo* pré-1930; o desejo de Getúlio seria criar, com apoio dos militares, um estado nacional forte que pudesse superar o regionalismo de Flores da Cunha (BOURNE, 2012, p.119). Nos preparativos para as eleições de 1938, ameaçado pela desistência de alguns governadores, em apoiar Sales de Oliveira, Getúlio assume uma campanha radical e populista suicida: “Se os políticos me abandonarem, não permanecerei só; seguirei com o povo até as urnas e em frente com a revolução”. Vargas ainda pensava em uma eleição legal, o golpe do Estado Novo foi a única saída que Getúlio encontrou para conduzir o Brasil a bom porto (BOURNE, 2012, p. 121).

A ação de Flores da Cunha no governo do Rio Grande do Sul, fora um dos fatos que teria decidido Getúlio a decretar o Estado Novo. O personagem Getúlio, situado em 1954, volta o pensamento para os idos de 1937.

Era o velho costume de dissimular a ambição pessoal como interesse nacional. Flores costurou daqui e dali, armou a Brigada Militar, ficou com vinte mil homens carregados de munição até os dentes, incitou São Paulo, cutucou Minas Gerais, estimulou o apetite de Antônio Carlos, em 1934, fazendo-o acreditar que podia ser presidente, articulou uma aliança com a Bahia e Pernambuco contra o governo central, comprometeu Juraci Magalhães nas suas trapalhadas, meteu-se em todas as confusões, até que só lhe restou, em 1937, pegar um avião e fugir para o exílio castelhano. (SILVA, 2004, p. 201)

Getúlio não desvia nunca o olhar de seus objetivos políticos. Comenta com Góis Monteiro que “uma ditadura esclarecida pode ser um meio para um fim, nunca um fim em si mesma” (SILVA, 2004, p. 55). Para Getúlio a revolução, lutas, batalhas era só mais uma missão de estadista. Entretanto, o biógrafo-narrador não vê apenas

o líder, mas o homem que, após o golpe, segue para relaxar nos braços da bem-amada.

Em 1937, depois do golpe de Estado pelo qual instituíra o Estado Novo, que seria a mais violenta ditadura, foi relaxar nos braços da Bem-amada. Sentia-se vibrante e, ao mesmo tempo, afetivo [...] ao sair, disse ao secretário: “Bem, *capitán Vergara*, *manãna será outro día*. Prepare-se para entrar corajosamente no Estado Novo do nosso grande e inspirado constitucionalista, mestre Chico de Campos.” (SILVA, 2004, p. 129)

É notório que Getúlio sempre encontra tempo para encontros amorosos, conforme registro no diário, no dia 9 de junho de 1938: “Após as audiências, retire-me e vou a uma visita galante” (VARGAS, 1995, p.139).

Getúlio Vargas mantém seu diário até Maio de 1940. As anotações do dia 1º de maio expressam desapontamento diante do que ocorria no Brasil.

Quantos acontecimentos de grande transcendência ocorreram na vida do Brasil. Aqui chegando, tracei rapidamente estas linhas, dando por encerradas as anotações. Para que continuá-las após tão longa interrupção? A revolta, o sofrimento também mudou muita coisa dentro de mim. (VARGAS, 1995, p.477)



**Figura 3** - Getúlio Vargas falando à nação, do Palácio do Catete, por ocasião da instauração do Estado Novo.

Fonte: [http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio\\_vargas.pdf](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio_vargas.pdf)

**Outubro de 1945.** Getúlio é deposto por golpe militar liderado por Góis Monteiro. O tempo recua nove anos, mas o espaço permanece o quarto de hospital de Góis Monteiro, a quem Getúlio pergunta “Por que você me derrubou em 1945?” Góis Monteiro responde que o fizera porque temia que Getúlio pretendesse instalar um regime totalitário. No presente da narrativa, os dois personagens estão novamente do mesmo lado, o que ilustra a filosofia de liderança de Getúlio: “– Tudo normal. Nunca tive amigos de quem não pudesse me separar, nem inimigos de quem não pudesse me aproximar” (SILVA, 2004, p. 61). Cinco anos após os acontecimentos de 1945, Getúlio concorre à presidência, em eleições livres, por insistência de amigos e correligionários.

O lado paternalista de Getúlio abrandava o lado cruel da ditadura, continuava recluso e falava pouco da administração de seu governo, “dominava a arte política da visita, vestia-se confortavelmente para não parecer pretensioso,

estava sempre sorrindo e acenando, cultivava o trato fácil, ainda que pouco dissesse de substancial” (LEVINE, 2001, p. 92).

Na reunião ministerial, momentos antes de decidir entre renúncia e resistência, Getúlio repete uma frase que lhe era peculiar: “já comi muita carne” e lembra-se do exílio voluntário na Fazenda Santos Reis, depois do golpe de 1945 (SILVA, 2004, p. 21). O sentido metafórico da expressão pode indicar que qualquer que fosse a decisão já obtivera muita glória e regalias ou, ao contrário tivera de engolir muita coisa desagradável.

Mesmo no exílio, após o golpe de 1945, Getúlio gozava do prestígio e respeito devido à liderança exercida durante os anos de governo. Suas indicações políticas eram acatadas:

Getúlio, da solidão em São Borja, lançara, finalmente, o “ele disse”, a recomendação aos eleitores de que votassem em Eurico Gaspar Dutra, que sempre lhe parecera meio parvo, embora lhe tivesse prestado bons serviços, principalmente em 1935, quando ajudara a sufocar a Intentona Comunista no Rio de Janeiro. (SILVA, 2004, p. 30).

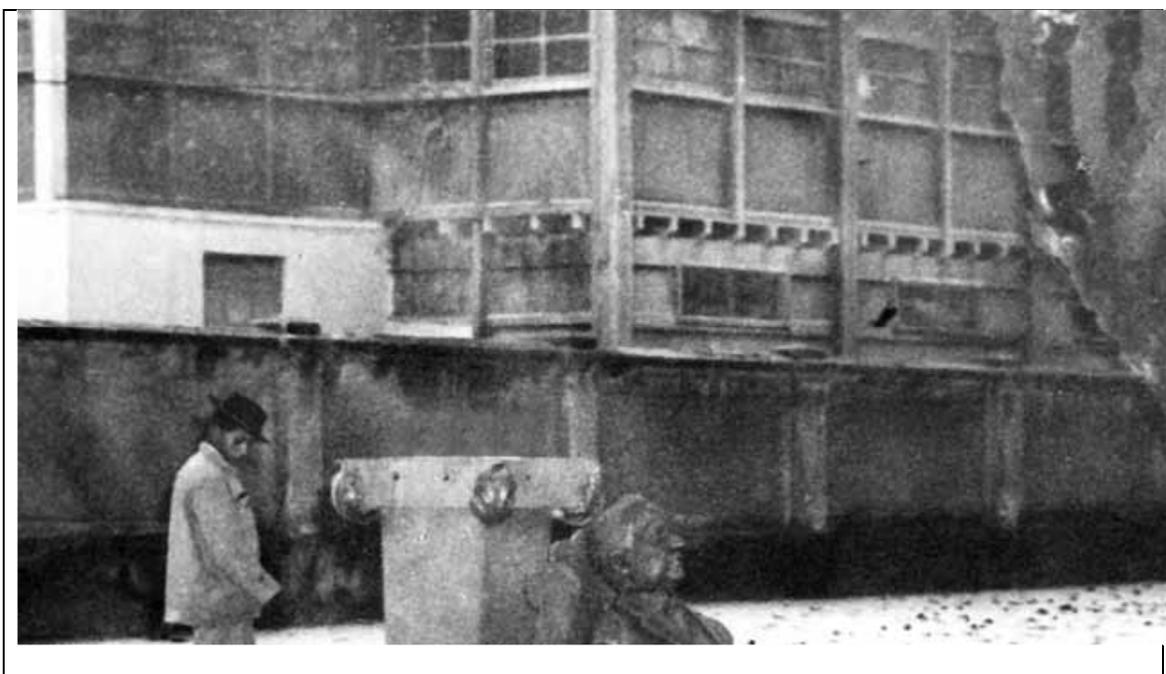
A autoridade e força de Getúlio frente ao inimigo são confirmadas pela expressão “ele disse” que “ainda retumba na cabeça de seus inimigos” (p. 203).

Em conversa com Tércio Ramos, Getúlio lhe diz que seu pai Aparício Ramos e ele só haviam voltado para o Rio Grande em 1945, “quando o Góis nos deu férias” (p. 104). O comentário que pretende ser jocoso disfarça o que Getúlio considerava a maior derrota de sua vida. Suas atitudes revelam sempre o caráter orgulhoso e incapaz de confiar. Observando seu ministério: “uma parte de seu ministério não é capaz de nada; a outra parte é capaz de tudo” (p. 50), considerava a maior derrota de sua vida. As lembranças eram abundantes, nada escapava naquele massacre de

memória, entre elas sua chegada ao exílio, a inesquecível humilhação de 1945 (SILVA, 2004, p. 356).

As pequenas coisas da vida familiar misturadas com as questões políticas, um aniversário seu, com a mulher e os filhos, ouvindo a *Hora do Brasil*, tudo lhe vinha de um golpe, como ervas crescendo numa tapera. Já a memória dá um salto no tempo [...] e começa um outro tempo, o tempo que se bifurca, o tempo das paixões racionais da velhice [...]. Mas, subitamente grave, lembra-se do retorno, de avião, sobrevoando melancolicamente Porto Alegre, quando os milicos o depuseram em 1945. Fora a maior derrota da sua vida. (SILVA, 2004, p.287)

Logo após, tem início o momento “queremista”, nome derivado do grito de ordem “queremos Getúlio”. Ora Getúlio é impedido de se candidatar, ora “voltaria como democrata para salvar o povo dos saqueadores estrangeiros” (p. 198). Suas estratégias populistas agradam às massas, apesar da liderança autoritária em seu governo centralizador.



**Figura 4.** Um dos bustos de Getúlio Vargas retirados das ruas após a queda do Estado Novo (outubro de 1945).

Fonte: [http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio\\_vargas.pdf](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio_vargas.pdf)

**1950.** Ano de decisão para Getúlio. Em 19 de abril dia de seu aniversário teria dito: “Levai-me convosco”. Queria “livrar o Brasil de um aumento de 100% do custo de vida e de 140% de aumento de impostos durante o governo Dutra” (SILVA, 2004, p. 318). Foi sua sentença de morte.

A campanha de Getúlio baseia-se na rejeição das acusações que lhe eram feitas e na convicção do apoio popular: “Os que me apontam como um perigo às instituições são dignos de pena” (p. 187); “Voltarei, mas como líder de massas, não de partidos” (SILVA, 2004, p. 22). Getúlio é eleito com 48, 7% dos votos.



**Figura 6.** Posse de Getúlio Vargas na Presidência da República (31 de janeiro de 1951)  
Fonte: [http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio\\_vargas.pdf](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio_vargas.pdf)

No presente da narrativa, Getúlio relembra seu discurso de posse em 1951 que invade seu pensamento como uma “golfada de fel retardado”. A intenção manifesta de esquecer o passado não encontrara eco.

Ao deixar o governo, o apodo, as invectivas e a calúnia fizeram de mim o objeto e a vítima do ódio e da injustiça. Malsinaram atos, intenções e propósitos e desfiguraram a verdade ao sabor das suas prevenções e malignidades. Nunca ditei uma palavra de amargor e sufoquei sempre as penas e as mágoas que me causaram a fúria e a impiedade das suas setas envenenadas. (SILVA, 2004, p. 223)

Não se concede muito tempo de paz ao presidente eleito. Os problemas surgem em grande escalada; a oposição desenterra fatos passados e ataca com violência. Acusações com ou sem fundamento são atiradas contra Getúlio: parte de sua campanha teria sido financiada por Perón; a existência de um suposto pacto do ABC, entre Argentina, Brasil e Chile e outros mais.

O antigo líder ditatorial está prestes a sucumbir: o poder entristece e a memória é seu pior e mais agudo inimigo. O narrador descreve o conflito íntimo de seu personagem:

A cabeça de Getúlio é o Brasil, e cada brasileiro, certamente, pensa naquele instante um naco do seu pensamento. O país se diluía numa mistura candente de pequenas verdades e grandes mentiras, sendo que tudo se prestava ao verdadeiro e ao falso. Numa ciranda de fragmentos, tudo está lá, tudo está nele, já não sabia se pensava o que pensava ou se apenas deixava cair o lábio e pressentia o que todos pensavam, numa balbúrdia de cacós, em cada canto longínquo da nação. [...] Era a roda da vida e a vida num turbilhão. No entanto, não havia movimento, a não

ser as esferas azuladas que lhe saltavam do entorno dos olhos como pedrinhas no Ibicuí. (p. 223)

**24 de agosto de 1954.** Vargas se suicida às vésperas do golpe militar para destituí-lo. Cumpre-se, assim, o que registrara em seu diário em 3 de outubro de 1930: “Sinto que só o sacrifício da vida poderá resgatar o erro de um fracasso” (SILVA, 2004, p. 13). Frases semelhantes recorrem na narrativa: “A morte pode ser o último dom de um homem ao seu povo. O poder pode tudo, menos deter a autonomia do homem para morrer” (SILVA, 2004, p. 63).

Comentários do narrador ilustram a imagem do líder. Para o DIP<sup>31</sup> “ele seria sempre o “pai dos pobres”, o sorriso largo da simpatia, da honra e do amor ao trabalho”. Para os biógrafos, porém,

Getúlio sempre será a esfinge. Oceano de memória, poeira do tempo, rebentação precoce ou tardia, crepúsculo ou alvorada da revolução, ponteiro sinuoso numa vida feita de saltos para a frente ao sabor de infinitas e silenciosas digressões (SILVA, 2004, P.200).

Em síntese, o tempo e o espaço são inseparáveis neste relato biográfico ficcional. Na análise do cronotopo do romance, conseguimos perceber a simbiose do tempo presente e do tempo passado interligados pela memória do personagem dos espaços variados de suas experiências, de forma a representar a vida como um ciclo de eterno retorno.

Ao nos referirmos a Getúlio Vargas como líder de uma época não identificamos apenas o estadista e o governante, mas também o homem de carne e

---

<sup>31</sup> Departamento de Imprensa e Propaganda, que Lira Neto chama de o famigerado DIP.

osso, um Getúlio disciplinado e comprometido não somente com o trabalho no Palácio do Catete, mas sobretudo com sua família, como veremos a seguir.

### **3.2.2 Getúlio Vargas: o homem de carne e osso**

*A resposta do povo virá mais tarde*

Getúlio Vargas

Vinha de uma família de guerreiros. Devia chamar-se Getúlio Dornelles Bueno, como seu bisavô. A bisavó, Anna Joaquina de Vargas, abandonada pelo marido, renegara o nome Bueno e pagara o padre para alterar a certidão de batismo dos filhos e renegara o nome do marido. Getúlio brincava: “Sou o que sou em nome da mãe” (SILVA, 2004, p. 33).

Tinha grande admiração pelo pai, Manuel Vargas e colocava em prática seus conselhos. Quando se sentia fraco lembrava-se da fortaleza dos braços da mãe e da paciência do pai a lhe dizer: “Devagar com o andor, guri! Não aperta muito, Getúlio!” “Devagar se vai ao longe e ainda se volta, guri” (SILVA, 2004, p.96). Getúlio tivera uma infância tranquila na Fazenda Triunfo, brincando com seu negro Gedeão.

Via-se escondido no alto de um umbu para escapar de uma surra, pacientemente ganhando tempo para ser perdoado; via-se ouvindo as lições do professor particular Fabriciano Braga; escutando a conversa do pai com outros fazendeiros ou com chefes políticos. (SILVA, 2004, p. 37)

Vêm da infância os traços marcantes da personalidade de Getúlio, moldada no perfil do velho Manoel Vargas. As palavras proféticas de seu professor

Fabriciano Braga: “Esse guri vai longe, é capaz até de ser Presidente da República” (SILVA, 2004, p. 37), interpretam corretamente os sinais de liderança que vêm a se concretizar mais tarde: estratégias na tomada de decisão, firmeza nas palavras, poder de observação e paciência, aguardando o melhor momento para agir. Para retratar o todo do herói, Bakhtin acrescenta à dualidade tempo-espaço um terceiro elemento, o *sentido*. É esta associação que permite ao indivíduo conhecer detalhes de sua vida pregressa, cujo sentido lhe é dado pelo testemunho de terceiros.

Uma parte considerável da minha biografia só me é conhecida através do que os outros – meus próximos – me contaram, com sua própria tonalidade emocional: meu nascimento, minhas origens, os eventos ocorridos em minha família, em meu país quando eu era pequeno (tudo o que não podia ser compreendido, ou mesmo simplesmente percebido, pela criança) [...] ora, todos esses elementos só me são conhecidos – a mim, o narrador da minha vida – pela boca dos outros heróis dessa vida. (BAKHTIN, 1997, p. 168; 169)

Conheceu a esposa Darcy Sarmanho, a companheira de uma vida. Juntos tiveram cinco filhos: Manuel Antônio, Alzira, Jandira, Lutero e Getulinho, que morreria ainda jovem vítima da poliomielite. Juntos enfrentaram os altos e baixos da vida.

Juntos enfrentaram revoluções, golpes de Estado, a morte de um filho e a descoberta do mundo juntos. Juntos conheceram presidentes de muitas nações, reis e rainhas, a grande burguesia e a velha aristocracia. Ao lado dela, ele tinha feito a revolução com os tenentes, dado o golpe de 1937 com os generais e

chegado ao poder, em 1950, com o povo [...] com ela tinha evoluído de filho rico da nova classe a pai dos pobres. (SILVA, 2004, p.126; 127)

Contudo Darcy Vargas sempre preferiu a sombra, embora soubesse Getúlio extraviado em novos amores. Nem mesmo nas situações de crise, Getúlio não “dispensava as visitas calorosas da Bem-Amada” (SILVA, 2004, p. 21). Sua lealdade maior, porém era para a família, incluindo seus irmãos, “Getúlio amara-os com os problemas que criavam e nunca os teria deixado expostos à sanha dos inimigos” (SILVA, 2004, p. 125).

Nas horas difíceis, Getúlio só confiava em Bejo, a quem recorria e com quem trocava ideias. À noite, era fácil encontra-los juntos, no gabinete, mateando e charlatando até tarde. Getúlio admirava o destemor do irmão, que retribuía com sua imensa admiração. (SILVA, 2004, p.140)

Getúlio sente um carinho imenso pela filha, “seu general de saias, o seu bolso de colete, a cabeça que guarda os segredos desconhecido até de seu chapéu”. Para Getúlio o homem é senhor do seu destino e afirma também que, “a morte, era a outra face do poder” (SILVA, 2004, p.74). O homem de carne e osso, cansado, amargurado, faria seu último “grande gesto”: **“Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade saio da vida para entrar na História** (SILVA, 2004, p. 367).

O homem de carne e osso que costumava caminhar a pé pelas ruas próximas ao Catete, com tempo passa a tomar algumas precauções com a alimentação: “sempre tinha um provador, como o Iberê, ou o próprio Fortunato.

Morria de medo de ser envenenado [...] e mesmo em viagens levava seu cozinheiro e seus degustadores” (SILVA, 2004, p.31).

No último capítulo do romance, Juremir Machado da Silva introduz nova figura histórica, Guilherme Arinos, a quem atribui a função de dar um tom de tranquila homenagem ao personagem-título, Getúlio Vargas, no desfecho da narrativa. Guilherme Arinos “sabe que a morte de Getúlio Vargas foi a mais forte emoção de sua vida”.

Sabe que Vargas nasceu de novo ao morrer. Sabe que ninguém deu como ele o sangue por uma causa. Duvida que alguém possa eliminar o seu legado, o extraordinário legado das leis que puseram fim à escravidão dos trabalhadores brasileiros. Nos seus ouvidos certamente ainda ressoa, mesmo vindo do estádio São Januário, do Vasco da Gama, o bordão metálico e hipnótico “trabalhadores do Brasil”. (SILVA, 2004, p. 428)

A introdução de nova figura histórica referenda o perfil biográfico do personagem, traçado no romance: um líder capaz de despertar profundas lealdades, assim como a mais abjeta repulsa. É a atitude do protagonista de colocar o bem comum acima de qualquer consideração que justifica, em parte, os atos arbitrários que comete como ditador.

Sobre a Infância de Getúlio relatados por Juremir Silva. O exame do cronotopo anos da infância na savana verde revelam a relação de quase igualdade entre o menino da casa grande e o moleque Gedeão, um passo importante no aprendizado da relação com os mais pobres.

Getúlio era um menino risonho que sabia também isolar-se para observar os outros. O personagem do romance é frequentemente mostrado como ausente:

“Parecia realmente ausente, nada que pudesse chamar a atenção de alguém, pois sempre estivera à espreita, como que alheio para melhor observar e intervir no momento preciso” (SILVA, 2004, p. 13).

Essas ausências temporais representam locais de reclusão do personagem como estratégia, característica apontada por outros analistas, como Gilberto Amado, que vê Getúlio Vargas como a figura mais complexa no cenário da vida brasileira.

Não é a cavalo que o podemos representar melhor. Não é com a lança na mão, precipitado em fulminante arrancada, ou no tropel de um entrevero, que o imaginamos. Ele vem para nós a pé, devagar, com o seu silêncio, no passo vagaroso dos que pensam e escutam em redor de si, com jeito de quem caminha, nunca com aparência<sup>32</sup> de quem marcha (AMADO citado em CARRAZONI, 1936, p. 5).

André Carrazoni, um dos biógrafos oficiais de Getúlio traça um retrato laudatório do jovem Getúlio:

Naquele adolescente forte e vivo, soldado de ação corajosa e de nobres gestos, estudante inquietador dos problemas do espírito e da Pátria, o que vemos?

— Vemos um portador de ideal.

Não há grandeza humana sem ideal. Sem ideal, não seria possível Alexandre, Joana d’Arc, Lincoln, Tiradentes. Estando ausente o ideal, ou sendo egoísmo, insignificante ou vário, as maiores qualidades não conseguirão fazer mais do que o aventureiro. Só o grande ideal pode servir de estrutura à grande vida. [...] o grande ideal não é só simplesmente uma concepção da vida e da Pátria. É também paixão e virtude. O homem de ideal é o que sacrifica tudo pelo ideal. (CARRAZONI, 1942, p. 2; 3)

---

<sup>32</sup> Grafia da época.

A análise do romance *Getúlio* leva à reflexão, sobre o caráter controverso do personagem. Mostra-nos um Getúlio que, para disfarçar o peso dos problemas, mostra-se sorridente ou isola-se num mutismo enigmático, que ninguém ousa romper.

O extensivo trabalho de pesquisa desenvolvido por Juremir Machado da Silva coloca ao alcance do leitor informações preciosas e imparciais sobre a figura referencial de Getúlio Vargas, um grande líder da história do Brasil, ao mesmo tempo em que chama a atenção para os diferentes julgamentos que dele se podem fazer, após a leitura do romance. É possível optar pela condenação pura e simples do tirano, ou por uma atitude de reflexão sobre os aspectos positivos do caráter do homem transformado em personagem de uma história de amor, coragem, inteligência, astúcia, conflito íntimo e renúncia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um olhar retrospectivo localiza a gênese deste trabalho nos objetivos do projeto de dissertação apresentado ao Curso de Mestrado em Teoria Literária, em dezembro de 2012:

Partindo da premissa da importância da literatura para a compreensão dos homens e do mundo, elaboramos este projeto, buscando encontrar no estudo de textos, tanto ficcionais, como biográficos, autobiográficos e ensaísticos, caminhos para o desenvolvimento dos objetivos de nosso trabalho, que constitui o tema desta pesquisa: a liderança como capacidade a ser desenvolvida em cursos superiores de administração e economia.

Passados doze meses de muita pesquisa, leitura e reflexão, invertemos a ordem de prioridade para colocar como objetivo maior o exame da visão do romancista sobre figuras e acontecimentos históricos, revelada no processo de transformação da figura histórica, Getúlio Vargas, em herói romanesco. Em última análise, ao atravessar os limites entre história e ficção. O objetivo específico, justificado pelas necessidades de nosso trabalho com acadêmicos de Administração, entretanto, permanece ativo: “traçar um perfil da personalidade complexa do personagem ficcional, criado pelo romancista, a fim de ter uma visão dos traços de caráter, bem como dos sentimentos e motivações do líder em situações de crise”. Continuamos a acreditar na validade da utilização “da análise dos sentimentos e motivações de um líder da história brasileira, examinado pela

ótica do ficcionista, que tem a liberdade de penetrar o íntimo de suas criaturas, como objeto de reflexão na formação de líderes.”<sup>33</sup>

A análise do romance de Juremir Machado da Silva, como híbrido de biografia, gênero referencial, e narrativa de ficção, exigiu considerações iniciais sobre a dupla inscrição das formas híbridas — vistas por Luiz Costa Lima como o território mais extenso da literatura — feitas na abertura do primeiro capítulo “*Getúlio: um romance biográfico*”.

Para exame do primeiro elemento do romance como forma híbrida, a biografia, baseamo-nos em estudos de Philippe Lejeune sobre autobiografia, interesse axial de suas pesquisas, e, paralelamente, biografia, como narrativas de vida cuja proposta fornece informações sobre uma “realidade” externa ao texto, que ele chama de modelo, e a se submeter, portanto, a uma prova de verificação. O critério de semelhança entre o sujeito do enunciado, o Getúlio personagem, e o modelo extratextual, o homem histórico, Getúlio Dorneles Vargas, proposto por Philippe Lejeune, ajuda a distinguir história, ficção e ficção de caráter referencial, a exemplo do romance biográfico analisado. A necessidade de verificação das informações apontou para o caminho da análise comparativa do sujeito do enunciado em biografias convencionais e no romance biográfico, *Getúlio*, que constitui a metodologia básica deste trabalho. Outro instrumento de análise foi sugerido pelo argumento de Lejeune de que o sujeito da enunciação, o narrador, pode estar ligado ao autor por uma relação de identidade, o que lhe permite atribuir ao sujeito do enunciado sentimentos de amargura que podem ou não corresponder aos do modelo extratextual, Getúlio Vargas.

---

<sup>33</sup> Ver p. 4 e 5 deste trabalho.

A citação de Mikhail Bakhtin, epígrafe do item 1.2 em que se examina o elemento romance, põe em evidência a biografia não simplesmente como história da vida de um indivíduo, mas como relato que abrange todo o contexto familiar, político e cultural do biografado, o que corresponde ao direcionamento analítico deste trabalho.

Estabeleceram-se, nesta parte do embasamento teórico, relações entre o romance *Getúlio* e as características do romance biográfico quanto ao enredo e à subordinação da imagem do herói aos resultados objetivos de suas ações e méritos, discutidos por Bakhtin. O tempo biográfico, que aponta como particularidade do romance biográfico, no estudo diacrônico do romance grego, foi substituído na análise textual de *Getúlio*, no terceiro capítulo, pelos conceitos bakhtinianos de exotopia e cronotopo.

O segundo capítulo, cujo título foi retirado da citação de Vitor Manuel de Aguiar e Silva sobre a importância da literatura como instrumento de compreensão do homem e do mundo, discute o tema desta pesquisa, o texto de ficção como objeto de reflexão sobre as ações de seus protagonistas, líderes colocados diante de interesses conflitantes, que exigem uma decisão.

Paralelos estabelecidos, inicialmente, entre atitudes de Winston Churchill, durante a Segunda Guerra Mundial, e Getúlio Vargas, em sua trajetória política extensa marcada por crises recorrentes, colocam em evidência a força de caráter dos dois líderes em situações históricas de crise. A opção do primeiro de resistir e lutar, enquanto Getúlio Vargas sente-se obrigado a cumprir a opção pela morte ao invés da desonra, declarada tantas vezes, leva-nos a concluir que é necessário examinar as circunstâncias que envolvem os fatos. É o que Juremir Machado da

Silva proporciona ao leitor: a oportunidade de tomar conhecimento de fatos históricos da perspectiva da figura central de tantos deles.

Exemplos da prosa de ficção, o conto “O medalhão” de Machado de Assis, e da poesia narrativa, o poema “A carga da Brigada Ligeira”, de Alfred Tennyson, ilustram diferentes tipos de relação entre líderes e liderados. Evidencia-se, assim, a propriedade do argumento de Badaracco de que liderança é uma questão de caráter e de que a literatura ajuda a identificar a essência da liderança, que defendemos neste trabalho.

O terceiro capítulo, “Getúlio Vargas: sujeito da história e personagem ficcional” obedece à premissa da biografia como gênero referencial baseado em modelo extratextual, proposta por Lejeune. Com esse objetivo, como prólogo para a análise do romance *Getúlio*, faz-se um comentário analítico de três biografias de Getúlio Vargas, de autoria de Alzira Vargas, Richard Bourne e Robert Levine, com ênfase na possível ligação que Lejeune aponta entre autor e narrador.

Para estruturar a análise do personagem ficcional, criado por Juremir Machado da Silva, adaptou-se o conceito bakhtiniano de cronotopo, como a associação de tempo e espaço mais um terceiro elemento, o sentido: a determinação do protagonista em renunciar à vida, antes de se reconhecer derrotado.

O emprego do cronotopo do romance permitiu estruturar a análise e relacionar o presente da narrativa, a reunião ministerial a portas fechadas, na madrugada de 25 de agosto de 1954, e a morte solitária do protagonista, horas mais tarde, a algumas datas-chave da história de vida de Getúlio Vargas. O líder controverso Getúlio na sua trajetória política aparece na Revolução de 1930 como um líder determinado, focado e destemido, disposto a não se deixar pisar. O conflito

da época foi motivação suficiente para que definisse estratégias para a tomada de decisão. O modelo histórico Getúlio Vargas, inspira a confiança de seus liderados que “atribuem capacidades heroicas ou extraordinárias a seus líderes quando observam determinado comportamento”, afirma Robbins (2010, p. 370).

Em 1932, durante a Guerra Paulista, o caráter de Getúlio é percebido na capacidade de assumir riscos, e no espírito de liderança e equipe. Sua determinação em transformar o país de agrícola a industrial marcava a carreira política do presidente, “saberei resistir a qualquer golpe” (SILVA, 2004, 2004, p. 70). Durante a Intentona em 1935, o personagem Getúlio é visto por seus inimigos como uma pessoa calculista e enigmática, inescrutável e observador, característica marcante do modelo histórico.

Na implantação do Estado Novo em 1937, o líder visionário se destaca devido à sua visão de futuro. Getúlio não se intimidava, “vou numa só direção: para frente” (p. 340). Robbins indica que riscos e comportamentos não convencionais, que vão contra as regras, são vistos como características positivas do líder na condução de seus liderados.

Em 1945, Getúlio mesmo deposto por um golpe militar, goza do prestígio, respeito e credibilidade que conquistara durante o mandato presidencial, a ponto de indicar candidatos para a eleição. “O líder carismático começa com a articulação de uma visão atraente, uma estratégia de longo prazo para alcançar uma meta por meio de conexões com o presente e um futuro melhor para a organização ou grupo” afirma Robbins (2010, p. 371).

A volta ao poder , em 1951, é mostrada no romance como uma sequência de problemas. O leitor passa a conhecer a personalidade de Getúlio Vargas como

estrategista e articulador determinado, mas percebe que, por trás de sua postura, existe certa fragilidade que explica a decisão pelo suicídio.

A visão que Juremir Machado da Silva nos transmite da figura histórica Getúlio Vargas e de sua trajetória política é baseada em pesquisa documental extensiva e cuidadosa. Como leitora, é possível dizer, sem risco de contestação, que o romance *Getúlio* é não apenas instrutivo em nível histórico, mas extremamente prazeroso em termos estéticos. Como pesquisadora, a análise da figura histórica Getúlio Vargas, transformada em personagem ficcional de um romance biográfico, permitiu-nos uma visão íntima do líder controverso e carismático e colocou a nosso alcance a possibilidade de refletir sobre a motivação do homem e sobre as verdades humanas.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, L. A. **Um olhar regional sobre o Estado Novo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- ACHEBE, C. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AMORIM, M. **Cronotopo e exotopia**. In: BRAIT, B. *Bakhtin. Outros Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ARAUJO, L. C. G. **Gestão de pessoas: estratégias e integração organizacional**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ASSIS, M. A teoria do medalhão. Disponível em:  
<http://www.coladaweb.com/literatura/analise-de-obras/teoria-do-medalhao>. Acesso em:  
20/02/2013
- BADARACCO, J. L. **Uma questão de caráter: Como a literatura ajuda a identificar a essência da liderança**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**- 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- **Problemas da poética de Dostoiévski**- 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BIRCH, P. **Liderança: alcance seu potencial absoluto já**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.
- BOURNE, R. **A esfinge dos pampas**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- BATEMAN, T. **Administração: novo cenário competitivo**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- CANDIDO, S. A. M. **A personagem de ficção**. 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- CARRAZONI. **Discursos**. Rio de Janeiro, 1944.
- CHIAVENATO, I. **Administração nos novos tempos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- CHURCHILL, W. **Memórias da segunda guerra mundial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- D'ARAUJO, M. C. **Getúlio Vargas**, Acesso: 12/10/2013, disponível em:  
[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio\\_vargas.pdf](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio_vargas.pdf)

- FONSECA, R. **Agosto**. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2011.
- GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- GALEANO, E. H. **O século do vento**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.
- GOLDSMITH, M. LYONS L. FREAS A. **Coaching: O exercício da liderança**. Rio de Janeiro: Elsevier: DBM, 2003. 13 reimpressão.
- GROSSMAN, L. **Dostoiévski artista**. Trad. Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- FERNANDES, F. **Dicionário Brasileiro Globo**. 46. ed. São Paulo: Globo, 1996.
- FRAGA, C. **Desconstruindo a revolução: entrevista com Juremir Machado da Silva**. Disponível em: [http://www.sinprors.org.br/exraclasse/dez10/imprimir.asp?id\\_conteudo=42](http://www.sinprors.org.br/exraclasse/dez10/imprimir.asp?id_conteudo=42). Sindicato dos Professores do Ensino privado do Rio Grande do Sul, dezembro: 2010. Acesso em 08.01.2013.
- HACQUARD, G. **Dicionário das mitologias grega e romana**. Trad. Maria Helena Trindade Lopes Lisboa. Asa 1996.
- HOUAISS, A e VILLAR, M. S. **Dicionário eletrônico de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- HUNTER, J. C. **O monge e o executivo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- JAMES, H. **The Art of the Novel**. Critical Prefaces. New York: Charles Scribner's Sons, 1937.
- JONES, L. B. **Jesus, o maior líder que já existiu**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- KEOHANE, N. **Thinking about leadership**. Princeton: Princeton Un. Press, 2010.
- KNAPIK, J. **Gestão de pessoas e talentos**. 3. ed. Curitiba: IBEPEX, 2011.
- KOUZES, J. M; POSNER, B. Z. A. **A credibilidade faz a diferença**. Belo Horizonte: Fundação Dom Cabral, 2001.
- LACOMBE, F. J. M. **Recursos humanos: princípios e tendências**. São Paulo: Saraiva, 2005.

- LEWIN, R. **Churchill**, o lorde da guerra. Rio de Janeiro, Biblioteca do exército, 1979.
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEVINE, R. M. **Pai dos pobres?** O Brasil e a era Vargas. São Paulo: companhia das Letras, 2001.
- LIMA, L. C. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LODGE, D. *The Year of Henry James: the story of a novel*. Great Britain: Harvill Secker, 2006.
- MASSAUD, M. **Dicionários de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.
- MAXWELL, J. C. **A arte de formar líderes**: como transformar colaboradores em empreendedores. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.
- MANSFIELD, S. **O caráter e a grandeza de Winston Churchill**: herói em tempo de crise. São Paulo: Madras, 2010.
- MARTINEZ, P. **Política**: ciência, vivência e trapaça. São Paulo: Moderna, 1990.
- MACHIAVELLI, N. **O príncipe**. São Paulo: Lafonte, 2012.
- MORAES, V. **Rosa de Hiroshima**. Disponível em: <http://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/49279/>
- NETO, L. **Getúlio**: Do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945). São Paulo: Cia das Letras, 2013.
- PEDROSO, E. T. **Humanizar a administração**: com sabedoria e competência. Rio de Janeiro: Qualymark, 2006.
- PEIXOTO, A. V. A. **Getúlio Vargas, meu pai**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1960.
- RAZZOLINI F. E: **Dicionário de administração de A a Z**. Curitiba: Juruá, 2005.
- REIS, C; LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 1988.

ROBBINS, S; TIMOTHY A. J; SOBRAL F. **Comportamento organizacional**. 14. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

STEINER, G. **Lições dos mestres**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTIAGO, E. **Plano Cohen**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/plano-cohen/>. Acesso em: 13 de abril de 2013.

——— **UDN**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/udn/>. Acesso em: 06/10/2013.

SILVA, J. M. **Getúlio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

TENNYSON. A. **A carga da brigada ligeira**. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Carga\\_da\\_brigada\\_ligeira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carga_da_brigada_ligeira). Acesso em: 26/03/2013.

TOLEDO, R. P. **Das carícias proibidas à tragédia nacional**. Disponível em <http://veja.abril.com.br/290904/pompeu.html>, veja ON LINE. Edição 1873: 29 de setembro de 2004. Acesso em 12/10/2013.

TURKNETT, R. **Pessoas decentes, empresa decente**. São Paulo: Editora Landscape, 2007.

VARGAS. G. **Diário 1930-1936**. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

——— **Diário 1937-1942**. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VERÍSSIMO. E. **Incidente em Antares**. 45. Ed. São Paulo: Globo, 1995.

VILLAMÉA, L. **Fonte sem fim: personagem múltiplo, Getúlio Vargas é o protagonista do romance histórico de Juremir Machado da Silva**. Disponível em [www.istoe.com.br](http://www.istoe.com.br). Revista isto é Independente. N° Edição: 1823. Acesso em 08.01.13

WAGNER III, John A. **Comportamento organizacional**. São Paulo: Saraiva, 2003.



---

Desconstruindo a revolução  
Juremir Machado da Silva

Por César Fraga

---

extraclasse@sinprors.org.br

O professor, jornalista, escritor e tradutor, Juremir Machado da Silva, lançou recentemente dois livros que propõem uma revisão histórica e polêmicas sobre duas revoltas lideradas por gaúchos, A Guerra dos Farrapos e a Revolução de 30. Ele contou com uma equipe de dez pesquisadores que analisaram 15 mil documentos para compor História Regional da Infâmia – o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras, ou



Foto: Igor Sperotto

como se produzem os imaginários (L&PM, 344 p.), que se propõe a desfazer a mitologia acerca da Revolução Farroupilha, ocorrida entre 1835 e 1845, e elucidar as suas verdadeiras causas. Já em 1930, águas da revolução (Record, 448 p.), além de outras fontes documentais, o livro costura os fatos históricos a partir do depoimento de um sobrevivente do conflito, o soldado Gabriel D'Ávila Flores, de 98 anos. Juremir é graduado em Jornalismo e História, com mestrado e doutorado em Sociologia da Cultura. É professor titular da PUCRS e fez pós-doutorado na França sob a orientação de Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Edgar Morin. Tem 25 livros publicados e prepara um ensaio que p r e t e n d e lançar em 2011.

**Extra Classe – Seus dois últimos livros têm como cenário e tema revoluções. Existe alguma intencionalidade nessas escolhas?**

**Juremir Machado da Silva** – Eu não havia pensado em uma relação entre as duas revoluções. Havia concluído um livro, Getúlio, que deveria ser complementado com o que deveria ter sido o primeiro volume. O que acabou se tornando 1930. Considerei que faltava aprofundar e detalhar sobre a Revolução de 30. Ao mesmo tempo, eu vinha pesquisando sobre a Revolução Farroupilha por achar que a história estava mal-contada, e por querer contá-la do meu jeito.

**EC – O objetivo é desconstruir o mito da Revolução Farroupilha?**

**Juremir Machado da Silva** – Eu acredito cada vez mais no método da desconstrução, que é pegar aquilo que está erigido como verdade e ver o que há de verdade ou não nisso. Em história, a gente pode dizer o que não foi, pode, na maior parte das vezes, até dizer o que foi e, em alguns casos, não dá para dizer, fica em suspenso.

**EC – O que foi e o que não foi na Revolução Farroupilha?**

**Juremir Machado da Silva** – Eu acho que os gaúchos estão enganados. Nós deveríamos comemorar menos a revolução de 20 de setembro de 1835 e mais a revolução de 3 de outubro de 1930. Muita gente sabe o que foi a primeira e poucos sabem o que foi a segunda. A Revolução de 30 foi comandada pelos gaúchos, foi vitoriosa, mudou o Brasil e suas consequências se fazem sentir até hoje. A Guerra dos Farrapos foi regional, de proprietários e fazendeiros, não mudou nada em nossas vidas e não teve maiores consequências para os dias de hoje, a não ser no imaginário das pessoas em certos festejos e folclore. Ela não foi o que se apregoa nos CTGs, na Semana Farroupilha e tudo o mais. Não foi abolicionista, libertadora, nem emancipacionista. Fazendeiros se sentiam prejudicados em alguns aspectos, como impostos altos e com o desprezo do Império pela província. Eles, no início, não eram republicanos, não pensavam em libertar os escravos, não tinham grandes ideais. Tinham, sim, alguns interesses econômicos e não mais. O processo da revolução os arrastou e eles foram precisando tomar outras posições, como proclamar uma república, que inicialmente nem mesmo Neto e Bento Gonçalves queriam. Eles foram se transformando com o passar dos anos, mas essa transformação nunca fez deles heróis emancipadores. Tentar dizer hoje que eles eram progressistas é falso e isso dá para provar, a começar pelo fato de que o movimento foi financiado, em determinado momento, pela venda de escravos no Uruguai, e isso é uma novidade do meu livro e sobre a qual não adianta eles (os tradicionalistas) espernearem e dizerem que não.

**EC – Explique este episódio?**

**Juremir Machado da Silva** – Domingos José de Almeida, que vendeu os escravos no Uruguai, entra na Justiça da República Rio-Grandense para pedir ressarcimento pelos escravos que havia vendido. Outro aspecto interessante da revolução é que em determinado momento ela rachou entre maioria e minoria, e ninguém diz por quê. O motivo foi simples: corrupção. Uma parte jogava na cara da outra denúncias. Gente que sabia do negócio. Domingos José de Almeida foi ministro da Fazenda e seu sucessor foi Antônio Vicente da Fontoura, que quando recebeu a pasta olhou e disse: “Isso é corrupção pura!”. Ele começou a trazer os podres para fora.

**EC – Dá para citar algum?**

**Juremir Machado da Silva** – Preciso insistir num ponto que tem me trazido incômodos. Os Farroupilhas tinham a ideologia da Farsul e os métodos das Farc. Eles eram liberais, com nenhuma intenção progressista, assim como

nossos produtores de hoje. Estavam insatisfeitos porque houve um surto de carrapatos muito forte em 1834, a safra não foi boa, eles queriam a ajuda do Império e não foram atendidos. Mais ou menos como nos dias de hoje. Choveu ou não choveu, eles querem que o governo ajude. Não ajuda, ficam indignados. Os fazendeiros resolveram então dar um golpe. No que se refere à corrupção, eles ocupavam as propriedades, como a famosa Estância da Música, que era uma fazenda modelo da época. Eles arrendavam essas propriedades e o dinheiro sumia. Ou carneavam o gado alheio e vendiam os couros e o dinheiro também desaparecia. Em determinado momento, Vicente da Fontoura afirma que Neto recebeu dinheiro para comprar uniformes para os soldados e as tropas continuavam com frio. Não mudou muita coisa de lá para cá: traições, sacanagens etc. Quando a revolução chegou ao seu final, os farroupilhas receberam uma espécie de bolsa-fazendeiro. Depois de muita pressão, o Império liberou uma verba secreta, sem que se fizesse qualquer tipo de tratado, além de algumas concessões para pagar indenizações. Existe uma lista de 291 indenizações e Bento Gonçalves é o primeiro da lista. Eles produziram notas falsas para tentar pegar mais dinheiro, ou seja tudo que ainda se pratica hoje.

#### **EC – Quais foram as verdadeiras causas da Guerra dos Farrapos?**

**Juremir Machado da Silva** – A principal foi a Independência do Uruguai, que estava anexado ao Brasil. Teve a questão dos impostos elevados sobre o charque, mas essa não foi a principal, inclusive, porque esta questão estava resolvida em 1842 e a coisa continuou. Porém, têm duas ou três causas mais infames. Entre elas, os militares que estavam aqui no Sul, numa espécie de geladeira, pela conspiração que resultou na abdicação do Dom Pedro I. Eles foram se infiltrando entre proprietários descontentes como eles. Também teve um surto de carrapatos muito forte em 1834, que dizimou parte do rebanho. Os fazendeiros queriam ajuda do Império para se recuperarem e ao não recebê-la se rebelaram. Havia também o espírito da época, as relações com os platinos, que eram mais progressistas que instigavam ao separatismo. Os farroupilhas viviam situações contraditórias: ao mesmo tempo em que queriam estar com o Brasil, se preocupavam sobre a possibilidade de ter um país próprio, se juntar com o Uruguai ou com uma parte da Argentina. Por outro lado, não estavam nenhum pouco preocupados com os escravos ou com a situação dos negros. O tráfico de escravos, apesar de proibido, continuou. Bento Gonçalves, quando morreu, dois anos depois da revolução, ainda tinha 53 escravos que deixou aos herdeiros.

#### **EC – Como foi financiada a revolução?**

**Juremir Machado da Silva** – Uma revolução custa dinheiro. Os líderes tiveram de se cotizar para pagar a conta. Em 1837 faltaram recursos. É neste momento que Domingos José de Almeida, estruturador do negócio, charqueador em Pelotas, dono de grande quantidade de escravos vai vender seus escravos no Uruguai para financiar a guerra. Depois, ele apresenta a conta detalhada dos serviços diários feitos por seus “negros”, desde reparos até obras. Além dos

negros que vendeu no Uruguai, alugava outros. Portanto, o revolucionário, emancipacionista e libertador vivia do trabalho de escravos alugados no país vizinho e financiava a luta com a venda de seus negros.

" A Guerra dos Farrapos foi regional, de proprietários e fazendeiros, não mudou nada em nossas vidas e não teve maiores consequências para os dias de hoje, a não ser no imaginário das pessoas em certos festejos e folclore"

***EC – Canudos durou um ano com 5 mil mortes, em três anos de Balaiada morreram 12 mil, nos quatro anos de Contestado foram 20 mil pessoas. Já a Revolução Farroupilha durou dez anos e contabilizou 2,9 mil mortos. No seu ponto de vista, baixas indicam também a extensão da revolta e sua dimensão?***

***Juremir Machado da Silva*** – Naquela época, se morria mais de gripe do que nas batalhas farroupilhas. Eram 300 mortos por ano. Era uma tranquilidade. Quando os liberais estavam no poder central do Império, antes da maioria de Dom Pedro II, as ofensivas imperiais eram tímidas. Depois, os conservadores assumiram o poder após a maioria do Imperador, aí sim houve o envio de um volume de tropas maior para acabar com o movimento. Morreu pouca gente porque havia pouco combate. Os farroupilhas ficavam fugindo e o exército imperial atrás, até que alguém fazia uma emboscada. Aí morria um pouco. Não existiam grandes combates. Quando os imperiais ficavam muito ostensivos, os farroupilhas fugiam para o Uruguai. Depois voltavam. Boa parte da população nem participou. Algumas pessoas acham que na época estava todo mundo envolvido com a revolução. Não foi assim. O movimento foi intenso na Região da Campanha, mas Porto Alegre nunca foi farroupilha. As principais cidades, como Pelotas e Rio Grande, não eram. As pessoas raciocinavam exatamente como hoje: aqueles que estavam tendo suas terras invadidas, o gado carneado, reclamavam na Justiça por meio de processos judiciais. Se imagina a ausência do estado de direito, mas não era assim. Era a monarquia funcionando normalmente. As pessoas iam à Justiça reclamar a reintegração de posse. Teve um longo processo dos farrapos e está tudo documentado.

**EC – Como iniciou o mito farroupilha?**

**Juremir Machado da Silva** – Foi em várias etapas. Primeiro Julio de Castilhos, na necessidade de construir uma identidade gaúcha, propõe que se recupere o que havia acontecido nesta guerra. Isso começa a funcionar, quando vem a República e se tornou necessário construir um mito fundador. No anos 30 a revolução completa cem anos, no auge do nacionalismo. Cria-se o Instituto Histórico e Geográfico, com historiadores, muitos deles militares, trabalhando muito para consolidar o mito. Boa parte do história farroupilha é uma louvação de militares, e outra, de folcloristas, como foi Alfredo de Ferreira Rodrigues.

**EC – E a questão dos negros na revolução, como se deu?**

**Juremir Machado da Silva** – Foi bem simples. Eles foram massa de manobra. Foi necessária mais força militar. Só havia um jeito, incorporar os negros. “Quais negros?” Os que pertenciam aos farroupilhas? Claro que não. A jogada era incorporar os negros pertencentes aos imperiais seduzindo-os com a promessa de liberdade em caso de vitória do movimento. Para os negros era um bom negócio e eles aceitam, mas quando o movimento chega ao seu final os farroupilhas sabem que não há chance de vitória e que só seria possível, no máximo, manter a guerrilha para conseguir anistia e algumas concessões. Na impossibilidade de cumprir a promessa de liberdade, os negros viraram um incômodo. Entregá-los aos imperiais provocaria uma rebelião de negros. Seria melhor que morressem. Recebi um e-mail do historiador Spencer Leitman que corrobora a tese de que em Porongos surgiu a chance de livrar-se do que seria o entrave para a construção da paz que estava sendo negociada.

**EC – Mas existe controvérsias quanto a isso?**

**Juremir Machado da Silva** – Existe uma carta assinada pelo Duque de Caxias para Davi Canabarro, em que ele admitiria uma combinação para matar os negros em Porongos. Há quem questione a legitimidade deste documento, mesmo se reconhecendo que a assinatura é verdadeira, mas que teria sido produzida posterior aos fatos para desacreditar Canabarro. Porém, existe uma série de outros elementos que confirmam a tese da traição. Por exemplo, este ataque ocorreu em um lugar que era lindeiro com uma fazenda da irmã no General Neto. Ela viu as tropas imperiais acampadas lá e mandou avisar o irmão, que alertou Canabarro. Uma vanguarda de Canabarro já havia sido atacada dois dias antes, com baixas. Não havia nenhuma possibilidade de não saber sobre da presença inimiga. Estranhamente, depois de avisado, Canabarro mandou retirar a munição de seus negros e horas depois ocorreu o ataque e eles foram massacrados. Diz-se que foram os lanceiros que foram mortos. De fato, uma parte deles morreu nesta batalha, mas estes estavam munidos de seus cavalos e lanças e combateram. Mas os maiores atingidos foram os infantes, a pé e sem poder carregar suas armas de fogo.

**EC – Seu livro sobre a Revolução de 30 se baseou em que fontes?**

**Juremir Machado da Silva** – O livro conta a história da Revolução de 30 a partir de pelo menos cinco pontos de vista. Um deles é de um soldado, que está vivo, o Seu Gabriel, hoje com 98 anos. Também há a cobertura do Correio do Povo sobre o episódio. Existem os registros deixados por seus principais protagonistas e que foram fonte de pesquisa, entre essas memórias, Getúlio Vargas, que escreveu um diário; e Virgílio de Melo Franco, político mineiro influente na revolta, que escreveu um livro sobre o assunto. Há dados da cobertura da Revista do Globo, importante na época, que fez um excepcional trabalho, publicado em 1931, com mais de 400 páginas detalhando como se deu o conflito em diversos pontos do RS e do Brasil. E também, obviamente, me baseei na abordagem dos historiadores. Portanto, não existe ficção no meu livro. Poderia ser simplesmente um livro de história, mas eu acho que ele tem uma maneira de contar que é de romance. Nós estamos vivendo em uma época em que o romance de ficção não interessa tanto às pessoas. Os leitores, curiosamente, estão muito interessados na verdade. Eles querem livros de história, mas não os querem contados de uma maneira pesada ou somente com formato acadêmico. Eu acho que a história é sempre um romance, mas um romance especial, que não pode ser inventado.

**EC** – **Um** **causo?**

**Juremir Machado da Silva** – Sim, um caso. Outro dia estava conversando com o Luis Antonio de Assis Brasil e ele disse: “a história está em crise, a literatura não”. Eu já penso justamente o contrário: a literatura está em crise e a história não.

**EC** – **E como as conversas com Gabriel D’Ávila Flores mudaram a perspectiva sobre o episódio?**

**Juremir Machado da Silva** – Acrescenta a autenticidade. Ele pode dizer: “eu estive lá”. No dia 3 de outubro de 1930, em Porto Alegre, no 7º Batalhão de Caçadores, situado na Praça do Portão, em Frente à Santa Casa, com saída para a Praça Argentina, houve combate noite adentro com mortes e a resistência foi feroz, culminando com uma rendição. Isso pode ser contado pelos livros e jornais e tem valor, mas se um homem de 98 anos conta o que viu e sentiu é totalmente diferente. Ele viu a história acontecer o que é bem mais importante do que recuperar os fatos apenas por fontes frias.

"Eu acho que os gaúchos estão enganados. Nós deveríamos comemorar menos a revolução de 20 de setembro de 1835 e mais a revolução de 3 de outubro de 1930. Muita gente sabe o que foi a primeira e poucos sabem o que foi a segunda"



**EC – Quais significados essas compreensões da história ajudam a construir?**

**Juremir Machado da Silva** – Getúlio era muito complexo, paradoxal, esperto. Em princípio ele nem queria a revolução, mas desejava ser o candidato do presidente Washington Luiz. Porém, essas condições não existiam. Surgiu a oportunidade de ser de oposição. Ele avaliou que também não era viável, pois se desgastaria e talvez não ganhasse e ele ficou jogando com as possibilidades. Até que a situação se apresentou e ele raciocinou como bom gaúcho: não se pode deixar o cavalo passar encilhado. Então a revolução caiu

no seu colo e quando sentiu que estava pronto, ele a fez. Quando ganharam, a revolução que ele tirou do chapéu era totalmente diferente do que a que seus aliados imaginaram. Queriam uma revolução conservadora, que resolvesse o problema de fraude eleitoral e que o RS participasse do poder. Mas o resultado foi uma revolução de forte cunho social.

**EC – Que revolução era essa?**

**Juremir Machado da Silva** – Em dois anos, Getúlio faz uma pilha de reformas sociais que horrorizaram seus aliados. Borges de Medeiros passou para o outro lado, Flores da Cunha, quase passou, João Neves da Fontoura passou de mala e cuia. Só quem não se surpreendeu, talvez, tenha sido Osvaldo Aranha, que era mais próximo. Claro que não foi uma revolução de cunho socialista, mas mudou o país.

**EC – Por exemplo?**

**Juremir Machado da Silva** – Mudou quase tudo. Antes o país era feudal, quase totalmente analfabeto, sem praticamente nenhum direito social ou trabalhista, a barbárie. Para cada mil habitantes, 30 aprendiam a ler e uns cinco ou seis chegavam à universidade. Se criou os ministérios do Trabalho e da Educação, duplicou-se o número de escolas e o orçamento da Educação. Em maio de 1933 é que pela primeira vez as mulheres puderam votar e ser votadas. Se limitou a jornada de trabalho e se criou as leis trabalhistas. Com isso, também se criou a organização sindical e um sistema de aposentadoria.

**EC – O que representou a era Vargas?**

**Juremir Machado da Silva** – Por outro lado, Getúlio tinha um projeto modernizador, industrializador. Mas é preciso que se diga que ele foi um líder populista que implantou uma ditadura e não era santo. Era um homem do seu tempo, autoritário, que prezava o executivo forte, com herança do positivismo gaúcho. Quando Borges de Medeiros mudou de lado por considerá-lo autoritário, Getúlio, espirituoso, disse: “Eu aguardei a ditadura de Borges de Medeiros por 30 anos sem reclamar e ele não aguenta a minha por apenas dois”. Não existia, na época, nenhum país realmente democrático, com exceção da Inglaterra. Nem os EUA, pois a legislação havia sido mudada para que Franklin Roosevelt se elegeisse por quatro vezes. Então falamos de um período de autoritarismo, guerra mundial e todo mundo era meio golpista, com a tentação de tirar o outro do poder pelas armas.

**EC – Tempos atrás o então presidente Fernando Henrique disse querer acabar com era Vargas**

**Juremir Machado da Silva** – Volta e meia os nossos neoliberais querem voltar para antes de 1930. Se fizerem o que alguns aí propõem, em termos de

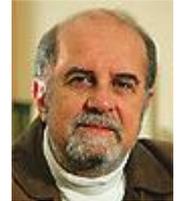
direitos, significa retornar ao Brasil antigo. O que eles querem é precarizar o trabalho e extinguir direitos.

**EC – Getúlio era fascista?**

**Juremir Machado da Silva** – Muito se fala que Getúlio flertou contra o fascismo, mas as ações contra o fascismo foram muito mais efetivas do que um eventual flerte. Desmantelou os integralistas, perseguiu os nazistas, que no Brasil tinham o maior partido fora da Alemanha, impôs o ensino do Português nas colônias e depois entrou na guerra com os aliados. Pode ser que no pensamento ele tivesse alguma simpatia, mas na prática, apesar do paralelismo com Mussolini, no culto à personalidade e um certo perfil de Duce brasileiro, jamais chegou a mesma situação de equivalência. Se por um lado implantou uma ditadura e coibiu eleições, também fez coisas que contrariaram frontalmente o nazi-facismo. Portanto, os gaúchos e os brasileiros precisam descobrir o que a Revolução Farroupilha não foi e o que a Revolução de 30 foi. A Revolução de 30 foi o movimento mais importante na história do Brasil. De certa forma, mais do que as proclamações da Independência e da República. Dizendo de outra forma, representou a consolidação da Independência e da República.

Ensaio: Roberto Pompeu de Toledo

## Das carícias proibidas à tragédia nacional



***De como os amores entre duas mulheres podem ter influenciado no suicídio de Vargas***

Um enlace amoroso entre duas mulheres estaria na origem do episódio mais dramático da história republicana, o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Eis a hipótese contida num livro recentemente lançado, *Getúlio*, do jornalista gaúcho Juremir Machado da Silva (Editora Record). A alemã Ingeborg ten Haeff, casada com o filho mais velho de Getúlio, Lutero, um dia foi surpreendida pelo marido em brincadeiras libidinosas com uma amiga. Esse episódio vai conduzir, anos depois, ao famoso atentado da Rua Tonelero contra o jornalista Carlos Lacerda, que por sua vez conduzir ao suicídio do presidente. Difícil de acreditar? Não tanto, quando se tem em conta o delírio daqueles dias, protagonizados por personagens movidos a paixão e fúria.

Getúlio, outra vez. E Ingeborg, outra vez. Vai-se falar pela terceira vez nas últimas semanas, neste espaço, do mais discutido presidente que o país já teve, e pela segunda da alemã que foi sua nora. O livro de Juremir Machado, instigante e bem armado, o justifica. Trata-se de um romance. Ou melhor: de um intenso trabalho de pesquisa em torno dos eventos, personagens e circunstâncias da era Vargas, embalado sob a forma de romance. Juremir mergulhou fundo no tema. Leu tudo, entrevistou parentes de Getúlio e antigos colaboradores. Esteve com figuras que vão de Alcino João do Nascimento, o pistoleiro do célebre crime da Rua Tonelero, a Guilherme Arinos, sobrevivente da assessoria de Getúlio que – surpresa – vem a ser o pai de Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central. Sobretudo, esteve com Ingeborg, que, sessenta anos depois de terminado o casamento com Lutero e cinquenta depois da morte do sogro, vive, em Nova York, os 89 anos de uma vida intensa e fecunda.

Lutero Vargas conheceu Ingeborg, natural de Düsseldorf, num restaurante de Berlim, ao tempo em que aperfeiçoava os estudos de medicina na Alemanha. Os dois casaram-se em 1940, estabeleceram-se no Rio de Janeiro e tiveram uma filha. Em 1944, o casamento chegou a brusco final. Ingeborg foi posta num avião – isso ela própria conta no livro – e despachada do Brasil, escoltada por quatro homens. Disseram-lhe que ia para a Suíça, mas, depois de uma escala de 33 horas em Belém, desembarcou em Nova York. Foi uma deportação sem esse nome. Até hoje, Ingeborg diz que não sabe por que isso aconteceu. Na família Vargas e no governo, deu-se como explicação a mentira de que a mulher de Lutero seria espiã do

regime nazista. Confessar que o verdadeiro motivo eram carícias com outra mulher seria desgraça demais para uma família curtida nos sagrados valores do machismo.

Dez anos depois, quando Carlos Lacerda esticava ao máximo, em seu jornal, *Tribuna da Imprensa*, a corda das denúncias contra o governo, ele é tocado em frente à sua casa, na Rua Tonelero, num atentado em que morre o militar que o acompanhava, o major Rubens Vaz. Não tarda para que se identifique como articulador do atentado o próprio chefe da guarda pessoal de Getúlio, Gregório Fortunato. Mas Gregório teria agido por conta própria? Ou por trás dele haveria peixe mais graúdo? Já na época o nome de Lutero surgiu como suspeito. As investigações nesse sentido nunca deram em nada. O livro de Juremir não só retoma a hipótese, mas dá-lhe uma justificativa: Lutero teria sabido que Lacerda se preparava para publicar a verdadeira história de sua separação. A manchete já estaria pronta: "Lutero corno de mulher". Nesse momento, teria decidido matar o jornalista.

Ingeborg ten Haeff vive hoje num apartamento da Washington Square, no coração do Greenwich Village, e é artista plástica de sucesso. Depois de Lutero, casou-se outras duas vezes, uma com um arquiteto que foi parceiro de Le Corbusier e outra com um professor de russo. Ganhou prêmios e a cidadania americana, expôs em galerias prestigiosas e teve seu trabalho comentado por intelectuais como Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em maio, foi homenageada com a abertura de uma retrospectiva e o lançamento de um livro sobre sua obra. Sua filha com Lutero, Cândida Darcy, que morreu no ano passado no Rio Grande do Sul, cresceu entre os Vargas e nunca a aceitou. Uma neta, Alexandra Manoela, casou-se com um americano e mora em Nova York.

Fotos de Ingeborg podem ser vistas na internet. Numa delas ([www.nabiarts.com/Nabi/ithcurvit.htm](http://www.nabiarts.com/Nabi/ithcurvit.htm)) aparece de vestido longo, echarpe, foulard e chapéu, tudo enfaticamente vermelho. Noutra ([www.washingtonlife.com/backissues/archives/00apr/ebsworth\\_collection2.htm](http://www.washingtonlife.com/backissues/archives/00apr/ebsworth_collection2.htm)) está num coquetel, igualmente de vestido longo, do gênero bata indiana, e chapéu. Ingeborg se veste como se espera que se vista uma artista plástica do circuito do Village. Estaria à vontade numa cena de Woody Allen. O Brasil só ocupou quatro anos de sua vida, que prosseguiu em contextos muito diversos. No Brasil, conforme sugere o livro de Juremir Machado, pode ter causado um furacão. Mas a recíproca não parece verdadeira. O país não lhe teria soprado ao rosto senão uma ligeira brisa.

<http://veja.abril.com.br/290904/pompeu.html>

acesso em: 12/10/2013

## Fonte sem fim

### Personagem múltiplo, Getúlio Vargas é o protagonista do romance histórico de Juremir Machado da Silva

*Luiza Villaméa*

Como um caleidoscópio, Getúlio Vargas (1883-1954) é um homem capaz de surpreender a cada movimento. No panorama político, suas facetas giram do ditador indiferente às torturas nos cárceres do Estado Novo ao líder sensível aos carentes, que conduziu o Brasil rural aos tempos de modernidade e industrialização. No campo pessoal, era monossilábico. Enigmático até para aqueles com os quais conviveu por décadas, Getúlio jamais deu margem a intimidades. Por outro lado, colecionava piadas a seu respeito. Para completar, conforme atestam os diários que escreveu entre 1930 e 1942, sofria como um adolescente os sobressaltos do amor. Após submergir com destemor neste turbilhão de facetas e nuances, o jornalista e escritor gaúcho Juremir Machado da Silva acaba de lançar o romance *Getúlio* (Editora Record, R\$ 44,90, 430 págs.), única ficção histórica entre as publicações editadas no cinquentenário da morte do presidente, que não tem uma biografia definitiva.

Na obra, personalidades que marcaram a chamada Era Vargas convivem com personagens criados pelo autor, como o biógrafo Tércio Ramos, inspirado nos jornalistas gaúchos que nos anos 30 acompanharam Getúlio em sua mudança para o Rio de Janeiro e, em especial, no historiador Décio Freitas. Militante comunista, Freitas lutou contra o Estado Novo e teve de se exilar durante os governos militares. No final da vida, se converteu ao getulismo. “Ele era apaixonado pelo projeto de modernização contingenciada do Brasil”, lembra Juremir, referindo-se ao historiador, morto em março, aos 82 anos.

Embora mais contido na relação com seu protagonista, o autor procura dar, através de personagens, sua perspectiva de episódios emblemáticos. Num deles, lembra que Getúlio deportou a judia alemã Olga Benário, mulher do líder comunista Luiz Carlos Prestes, em 1936. À época, os nazistas ainda não haviam montado a trágica engrenagem que culminou no Holocausto. Olga, porém, estava casada de fato com um brasileiro e foi deportada grávida, o que é imperdoável. De qualquer forma, partindo do romance como escolha estética, Juremir mescla ficção com verdades históricas, amalhadas em 73 entrevistas, além de incontáveis leituras e pesquisas.

Em linguagem fluida, o autor coloca os amores do líder das massas em seu devido lugar, ou seja, em um lugar de destaque. Em seus diários, o próprio Getúlio revela a

importância da bem-amada, uma figura feminina marcante em sua vida. Ele jamais cita nomes, mas mesmo em meio a intensas crises políticas, a bem-amada aparece em suas anotações, como no dia seguinte ao ataque integralista que transformou o Palácio da Guanabara em campo de tiroteio. “Aí despachei com os ministros da Marinha e da Guerra, recebi os oficiais promovidos e saí depois – fui ver a bem-amada”, registra Getúlio em 12 de maio de 1938. “As emoções sofridas e recalçadas precisavam de uma descarga emocional.” Entre as mulheres que se proclamam a bem-amada, guardada em segredo até o final por Juremir, está a antiga vedete Virgínia Lane, retratada com esmero desde os 15 anos, quando conheceu Getúlio, nos campos de São Borja (RS).

DE Juremir Machado da Silva

Para [Ana rosa do Carmo](#)

Cara Rosa: fico feliz que estejas trabalhando sobre meu livro. Em que instituição e curso? Olha, dei dezenas de entrevistas sobre Getúlio. Não guardei nenhuma. Nunca faço isso. A melhor matéria saiu na Isto É em 2004. Mas também não a tenho. Meu livro chegou a ficar umas seis semanas na lista dos mais vendidos da Veja. Roberto Pompeu de Tolero publicou nessa revista um bom artigo sobre meu romance. Não o tenho. Pesquisei uma infinidade de documentos no CPDOC da FGV, no Arquivo Nacional, na Biblioteca Nacional, etc. Também não tenho cópias. Fiz anotações em todos esses lugares. Trabalhei muito com jornais e com história oral, entrevistando remanescente da era Vargas, como o secretário particular de Getúlio, Guilherme Arinos, familiares do presidente, o pistoleiro encarregado de atentar contra Carlos Lacerda, João Alcino do Nascimento, uma das supostas amantes de Getúlio, uma ex-mulher de Bejo Vargas, a artista plástica alemã que foi casada com Lutero Vargas, etc. Enfim, todos os personagens reais que aparecem no meu livro como depoentes. Atenciosamente. Juremir

---

**De:** Ana rosa Do carmo [anarosa.carmo@yahoo.com.br]

**Enviado:** sexta-feira, 4 de outubro de 2013 10:49

**Para:** Juremir Machado da Silva

**Assunto:**

**De:** Juremir Machado da Silva <Juremir@puccs.br>  
**Para:** Ana rosa Do carmo <anarosa.carmo@yahoo.com.br>  
**Enviadas:** Sábado, 5 de Outubro de 2013 11:09  
**Assunto:** RES:

Cara Ana Rosa: Tércio é um instrumento narrativo, um elemento que ajuda a aglutinar tantas histórias. É uma forma de lembrar, de pesquisar e de amalgamar lembranças. Eu vejo meu livro numa categoria muito particular: quase biografia, quase romance, quase romance de não ficção, embora tenha um pouco de ficção. Quanto: 10 por cento? Tércio faz parte dessa ficção a serviço da história. Depois de Getúlio, publiquei mais quatro livros de “história”: 1930 (Record, 2010), romance totalmente de não ficção; Vozes da legalidade, política imaginário na era do rádio (Sulina, 2011), com linguagem literária e nenhuma ficção; História regional da infâmia, o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (L&PM, 2010): meu livro de história pura; e, por fim, Jango: a vida e a morte no exílio (L&PM, 2013), onde não há ficção, só história, mas uma forma de contar de romance. Eu poderia dizer como Flaubert: Tércio sou eu. Mas não é totalmente verdade. Tércio é meu duplo, mais e menos do que eu. Um fantasma que anda atrás de si e do passado. Abraços. Juremir

DE Juremir Machado da Silva

Para [Ana rosa do Carmo](#)

Oi, Ana: busquei fazer um romance complexo, capaz de englobar todos os Getúlio: o conservador de antes de 1930, o revolucionário, o reformista, o presidente interino, o presidente pelo voto indireto, o ditador, o presidente eleito democraticamente, o maquiavélico, o articulador, o suicida, tudo. Getúlio é paradoxo, equilíbrio de antagonismos, conciliação de inconciliáveis, enigma. A CLT é do seu período ditatorial. Raras vezes um político foi tão aparentemente contraditório e tão coerente. Ele foi um nacionalista, influenciado pelo positivismo, admirador dos executivos fortes, que, conforme a época, usou de todos os recursos para implementar o seu projeto. Foi amado e odiado, louvado e execrado. Meus personagens tentam abraçar tudo isso. Abraços.  
Juremir

---

**De:** Ana rosa Do carmo [anarosa.carmo@yahoo.com.br]

**Enviado:** quinta-feira, 10 de outubro de 2013 23:43

**Para:** Juremir Machado da Silva

**Assunto:**

## **CARTA DE DESPEDIDA**

**“Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.**

**Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre.**

**Não querem que o povo seja independente. Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.**

**Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as**

aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida.

Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão.

E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. “Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História”.

Getúlio Vargas